



**Politécnico
de Viseu**

Escola Superior
de Tecnologia
e Gestão de Lamego

O Impacto dos Serviços Educativos no Contexto Museológico: Estudo de Caso do CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica

Tatiana da Silva Cardoso

Julho 2024

2024

PV-ESTGL

O Impacto dos Serviços Educativos no Contexto Museológico: Estudo de Caso do CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica

Tatiana da Silva Cardoso



**Politécnico
de Viseu**

Escola Superior
de Tecnologia
e Gestão de Lamego

O Impacto dos Serviços Educativos no Contexto Museológico: Estudo de Caso do CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica

Tatiana da Silva Cardoso

Monografia

Dissertação de Mestrado em Gestão do Património Cultural e Desenvolvimento Local

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Didiana Fernandes

Julho 2024

RESUMO

Na presente dissertação procurou-se analisar a importância dos serviços educativos nos espaços museológicos e apresentar uma proposta de implementação de um serviço educativo no CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

Nos últimos anos, os museus têm ampliado o seu foco além dos objetos, direcionando atenção ao visitante e à sociedade. Essa mudança de paradigma destacou a importância da função educativa dos museus, contribuindo para o desenvolvimento social. Este estudo não apenas investigou o papel dos serviços educativos nos museus em geral, mas também analisou o caso específico do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica. Por meio de um trabalho empírico, questionários foram distribuídos aos docentes que acompanharam os seus alunos ao Centro, enquanto, do ponto de vista teórico, foram explorados conceitos relacionados à museologia, serviços educativos e educação patrimonial. A análise permitiu aferir que as visitas educativas ao CIMI são reconhecidas como uma oportunidade valiosa para o enriquecimento cultural e pessoal dos alunos, apesar de enfrentarem desafios logísticos e de recursos que devem ser superados. A adaptação das atividades e a melhoria na organização são cruciais para otimizar a experiência educativa, assegurando que todos os alunos possam aproveitar plenamente essas visitas. Essa abordagem permitiu a recolha de dados essenciais para entender a relevância dos serviços educativos para os visitantes e identificar áreas de melhoria que possam aprimorar o serviço educativo no Centro Interpretativo da Máscara Ibérica. A ideia de criar um serviço educativo no CIMI visa transformar o local num centro ativo de aprendizagem. Mediante um Plano Educativo, aspira oferecer enriquecimento cultural, complementar o ensino escolar e desenvolver habilidades pessoais e sociais para todas as idades. Contudo, enfrenta desafios como falta de apoio financeiro, recursos pedagógicos limitados e problemas de logística e transporte. Para superar essas barreiras, sugere-se melhorar a organização, formar parcerias com instituições culturais e educacionais, e criar programas inclusivos. Implementar essas estratégias é fundamental para garantir uma experiência educativa rica e contínua, promovendo a conservação do património cultural e a inclusão de todos os públicos.

Palavras-chave: Museus, Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, Serviços educativos Educação patrimonial.

ABSTRACT

In the present dissertation, an attempt was made to analyse the importance of educational services in museum spaces and to present a proposal for the implementation of an educational service at CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

In recent years, museums have expanded their focus beyond objects, directing attention to visitors and society. This paradigm shift has highlighted the importance of the educational function of museums, contributing to social development. This study not only investigated the role of educational services in museums in general but also analysed the specific case of the Centro Interpretativo da Máscara Ibérica. Through empirical work, questionnaires were distributed to teachers who accompanied their students to the Centre, while from a theoretical point of view, concepts related to museology, educational services, and heritage education were explored. The analysis showed that educational visits to CIMI are recognised as a valuable opportunity for the cultural and personal enrichment of students, despite facing logistical and resource challenges that must be overcome. Adapting activities and improving organisation are crucial to optimising the educational experience, ensuring that all students can fully benefit from these visits. This approach allowed for the collection of essential data to understand the relevance of educational services for visitors and to identify areas for improvement that could enhance the educational service at the Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

The idea of creating an educational service at CIMI aims to transform the site into an active learning centre. Through an Educational Plan, it aspires to offer cultural enrichment, complement school education, and develop personal and social skills for all ages. However, it faces challenges such as a lack of financial support, limited pedagogical resources, and logistical and transport issues. To overcome these barriers, it is suggested to improve organisation, form partnerships with cultural and educational institutions, and create inclusive programmes. Implementing these strategies is fundamental to ensuring a rich and continuous educational experience, promoting the conservation of cultural heritage and the inclusion of all audiences.

Keywords: Museums, Iberian Mask Interpretive Centre, Educational Services, Heritage Education.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação sem o apoio de pessoas às quais gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão.

Primeiramente, agradeço às minhas pessoas por estarem sempre ao meu lado ao longo deste percurso que agora se conclui.

Agradeço a todos os docentes com quem me cruzei ao longo deste percurso enquanto estudante da ESTGL.

Um agradecimento especial à Professora Doutora Dídiana Fernandes e à Professora Doutora Isabel Vieira, pela orientação, paciência e incentivo ao longo de todo o processo de pesquisa.

Sem esquecer os docentes e técnicos das instituições que participaram no estudo, sem eles não seria possível.

Por fim, agradeço a todos os que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta dissertação. A cada um de vocês, o meu muito obrigada.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	3
ABSTRACT	4
AGRADECIMENTOS	5
ÍNDICE GERAL	6
ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	13
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	23
I. 1. Os Museus	25
I. 1.1 O conceito de museu – a Nova Museologia.....	25
I.1.3 A acessibilidade nos museus.....	31
I. 2. Os Centros Interpretativos	33
I.2.1 O conceito de Centro Interpretativo.....	33
I. 2.2 Centros Interpretativos e Museus.....	36
I. 3. O conceito de educação e os serviços educativos no contexto museológico	38
I. 3.1 A educação nos museus – comunicação educativa e mediação educativa	38
I. 3.2 Os museus como espaços educativos e de aprendizagem e a importância dos serviços educativos.....	43
I.3.2.1 A importância das visitas guiadas nos museus.....	50
I.3.2.2 A programação de atividades e os diversos públicos	52
I.3.2.2.1 Atividades para crianças, jovens e grupos escolares	58
I. 3.2.2.2 Atividades dirigidas a adultos e pessoas com necessidades especiais	62
I. 4 – Os serviços educativos no contexto museológico nacional.....	65
II. CIMI – CENTRO INTERPRETATIVO DA MÁSCARA IBÉRICA	71
II.1 História	71

II. 2. Missão e objetivos:.....	76
II. 3. Exposições.....	77
II. 4. Plano de atividades.....	79
II.4.1 Serviço educativo	81
II. 5 – Estratégias de divulgação e comunicação	83
II.5.1 Presença em eventos.....	83
II. 6 – Apoio à investigação	84
II. 7 - Parcerias.....	84
II.8 Número e dados das visitas ao CIMI – anos de 2018 a 2024	87
III. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS	95
IV. PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM SERVIÇO EDUCATIVO NO CIMI... 138	
IV. 1. Avaliação diagnóstica.....	139
IV. 2. Justificação e relevância da criação de um serviço educativo para o CIMI ...	142
IV. 3. Apresentação do projeto	143
IV. 3.1 Objetivos do projeto.....	143
IV. 3.2 Estratégia educativa	144
IV.3.2.1 Enquadramento legal.....	147
IV.3.2.2 Recursos Financeiros.....	148
IV.3.2.3 Recursos Humanos	148
IV. 3.2.4 Património	150
IV. 3.2.5 Parceiras	151
IV. 3.2.6 Estratégias de divulgação e comunicação	156
IV. 3.2.7 Atividades educativas, sociais e culturais	158
IV.3.3 Áreas de participação do projeto.....	160
IV. 3.4 Avaliação	162

CONCLUSÃO.....	163
BIBLIOGRAFIA	168
APÊNDICES	178
Apêndice 1 – Palavras cruzadas.....	178
Apêndice 2 - Sopa de Letras	179
Apêndice 3 - As ferramentas dos artesãos de Lazarim	180
Apêndice 4 - Descubra as diferenças	181
Apêndice 5 - Oficinas máscaras em papel de alumínio	182
Apêndice 6 - Oficina decorar copo com máscara	183
Apêndice 7 - Colorir máscaras.....	184
Apêndice 8 - Jogo da memória com máscaras.....	185
Apêndice 9 - Jogo do galo com máscaras.....	186
Apêndice 10 - Jogo Caça às máscaras	187
Apêndice 11 - Visita com presença de um artesão de máscaras.....	188
Apêndice 12 - Oficina artesão	189
Apêndice 13 - Visita Amieiros	190
Apêndice 14 - Grelha de planificação das visitas (exemplo).....	191
Apêndice 15 – Lista de visitas agendadas entre 2018-2019	192
Apêndice 16 – Questionário entregue a docentes e técnicos que acompanharam as visitas ao CIMI.....	197
Apêndice 17 - Questionário <i>Google Foorms</i> para docentes e técnicos que acompanharam as visitas ao CIMI.....	199
Apêndice 18 – Catálogo do Programa educativo do CIMI.....	201
Apêndice 19 – Inquérito de satisfação dos visitantes do CIMI	213
ANEXOS	216
Anexo 1 - Exposições temporárias (2018 – 2024).....	216

Anexo 2 - Atividades / eventos (2018 – 2024)	222
Anexo 3 – Regulamento de Funcionamento dos Equipamentos Culturais do Município de Lamego.....	232

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.º - artigo

APITIL – Associação Pela Infância e Terceira Idade de Lamego

CIMI – Centro Interpretativo a Máscara Ibérica

Cit. – citado

Fig. – figura

IAPMEI – Instituto de Apoio as Pequenas e Médias Empresas e à Inovação

ICOM – *International Council of Museums*

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

MNAA - Museu Nacional de Arte Antiga

p. – página

PAE – Plano de Ação Educativa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

v. vol. – volume

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Evolução do número total de museus em Portugal com todos os critérios (2010-2022).....	69
Tabela 2- Evolução dos serviços educativos nos museus portugueses (2012-2022)	69
Tabela 3 – Espaços expositivos CIMI	72
Tabela 4 - Exposições temporárias (2018 - 2024).....	78
Tabela 5 - Atividades/eventos (2018-2024)	79
Tabela 6 - Presença em eventos (2018-2024).....	83
Tabela 7 - Número total de visitantes	87
Tabela 8 - Dados das visitas de âmbito educativo entre 2018 e 2024.....	88
Tabela 9 - Categorização das Respostas dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI 2018-2019.	97
Tabela 10 – Categorização das Respostas dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI – 2020-2024.....	111

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Interactive Experience Model.....	46
Figura 2 - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica	72
Figura 8 -Análise SWOT do contexto do CIMI	140
Figura 9 - Público-alvo	151
Figura 10 - Parceiros externos para o serviço educativo do CIMI.	152

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, elaborada no âmbito do Mestrado em Gestão do Património Cultural e Desenvolvimento Local, propõe-se a analisar a importância e o papel dos serviços educativos nos espaços museológicos, apresentando um projeto para a criação de um serviço educativo no CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica. O objetivo é promover a divulgação do CIMI, oferecendo programas educativos, sociais e culturais no âmbito da educação não formal para diversos públicos. Embora o CIMI já possua uma oferta educativa voltada principalmente para o público escolar, acredita-se haver margem para melhorias e ampliação por meio deste projeto.

A motivação para este estudo está associada à importância que os museus poderão ter na inserção cultural, no desenvolvimento e na educação, sendo estas instituições dinâmicas que promovem encontros interculturais e estão ao serviço da sociedade.

O facto de alguns públicos, como as crianças, por exemplo, assimilarem mais informação através do contacto direto (experiências práticas - atividades), é outra das razões que levaram a optar por este tema, pois será interessante perceber em que medida as visitas guiadas e as oficinas educativas facilitam o processo de cultura e aprendizagem.

Nos últimos anos, é notável o aumento da incorporação de programas educativos, levando à aproximação dos públicos que visitam os espaços museológicos.

Neste sentido, torna-se importante proporcionar uma programação educativa e social adequada às diversas faixas etárias/públicos, favorecendo simultaneamente a continuação e aprofundamento de conhecimentos e competências para uma melhor compreensão e interesse pelo espólio/temática.

A escolha deste tema deveu-se sobretudo, ao interesse pessoal e profissional da mestranda e à sua experiência profissional no CIMI, onde se cruzam motivações e experiências de várias áreas desde cultura, património, turismo e educação. A decisão também foi influenciada pela inexistência de um serviço educativo já em vigor. Além de pesquisar a literatura especializada sobre serviços educativos em museus, pretende-se realizar questionários com os visitantes para avaliar a importância dessas ações e identificar oportunidades de melhoria para a futura implementação do serviço educativo. Considerou-se este tema igualmente pertinente na própria gestão do espaço, no sentido

de garantir a aproximação entre o património cultural (mais especificamente a temática da Máscara Ibérica) e as pessoas, sendo estas as principais responsáveis pela preservação do mesmo.

É também de referir que, de uma forma geral, deverá ser possível reforçar laços identitários a nível local, tornando-se num foco de desenvolvimento da cultura local/nacional. Realizar este trabalho pode ser o começo para estabelecer um serviço educativo no CIMI por meio de um projeto a ser apresentado. Isso é uma maneira de tornar o espaço mais aberto, comunicativo e pode complementar as atividades de outras instituições, como escolas, lares de idosos, associações, fortalecendo a sua conexão.

De uma forma geral, o serviço educativo é um recurso que poderá ser utilizado numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida.

Este estudo poderá também contribuir para a reflexão sobre a importância dos serviços educativos nos museus e, de certa forma, demonstrar que estes espaços são privilegiados e que podem promover experiências lúdicas, pedagógicas e artísticas aos seus visitantes.

Neste sentido, a presente dissertação, visa compreender a importância e o funcionamento dos serviços educativos nos museus e perceber em que medida as visitas guiadas e as oficinas educativas facilitam o processo de cultura e aprendizagem.

Para além do objetivo acima referido, são de destacar alguns objetivos mais específicos:

- Analisar o contributo dos serviços educativos dos museus para a educação (não formal);
- Por meio de questionários direcionados aos docentes e técnicos que acompanharam as visitas, pretende-se analisar a importância dessas visitas e identificar que tipo de atividades podem ser mais atrativas para diferentes faixas etárias e tipos de público;
- Tornar o CIMI mais aberto ao público;
- Reforçar a ligação entre o CIMI e as diversas entidades;
- Expandir as experiências além das visitas, estimulando a curiosidade e a vontade de vivenciar mais experiências em espaços museológicos/culturais.

Este estudo visa explorar a relevância dos serviços educativos nos espaços museológicos, tonando-os não apenas espaços meramente visitáveis, mas também em espaços ativos.

Os serviços educativos nos diversos espaços culturais, são fundamentais para o seu bom funcionamento, pois facilita-se captar novos públicos através do cruzamento entre o lazer e a aprendizagem.

Neste sentido, é necessário destacar a importância dos serviços educativos nas instituições museológicas, surgindo assim algumas questões muito pertinentes:

Qual o papel dos serviços educativos nos espaços culturais? Qual o potencial das atividades em espaços educativos dos museus para o processo de aprendizagem dos visitantes? Em que medida as visitas guiadas e as oficinas educativas facilitam o processo de cultura e aprendizagem?

No fundo, o objetivo é conseguir uma resposta às questões anteriores, as quais servirão como base para a realização do estudo.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. Na presente introdução será apresentado o tema, a sua importância, a justificação da escolha, os objetivos a atingir, a apresentação do objeto e a metodologia utilizada. O primeiro capítulo, diz respeito ao enquadramento teórico e será dividido em quatro pontos principais. No primeiro ponto, serão abordados o conceito de museus, com a nova museologia e a acessibilidade nos museus. O segundo ponto, será destinado ao conceito de centros interpretativos onde o mesmo será relacionado com o conceito de museus. O terceiro ponto, será destinado ao conceito de educação e aos serviços educativos no contexto museológico, sendo dividido em dois subpontos: o primeiro, destina-se à educação nos museus onde serão abordados conceitos de comunicação educativa e mediação educativa e o segundo, aos museus como espaços educativos e de aprendizagem e importância dos serviços educativos. Neste último é objetivo realçar a importância das visitas guiadas nos museus, bem como abordar a programação das atividades para os diferentes públicos. O quarto ponto, dirá respeito à situação dos serviços educativos nos museus nacionais.

O segundo capítulo, destina-se à contextualização do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, onde será feita uma caracterização mais pormenorizada do espaço.

No terceiro capítulo será dado espaço à apresentação, à análise e ao tratamento de dados.

No quarto capítulo será apresentada uma proposta de criação de um serviço educativo para o CIMI.

Por fim, serão apresentadas as conclusões e as considerações finais.

Metodologia

No âmbito dos objetivos do estudo, a estratégia metodológica aplicada passa, inicialmente, por uma pesquisa bibliográfica especializada na temática dos serviços educativos em museus.

É importante referir que a metodologia é uma ciência que estuda os métodos e o método é o modo de proceder, ou a estratégia utilizada no estudo (Maxwell, 2005, p.4). Neste sentido, para a estruturação do enquadramento teórico, foram utilizados recursos bibliográficos como livros, teses e dissertações, boletins informativos, revistas científicas, informação de organizações/instituições nacionais e internacionais. O acesso a estes recursos foi realizado manualmente e eletronicamente em bases de dados temáticas e especializadas.

A elaboração deste trabalho, exigiu a escolha de métodos e procedimentos a adotar, de forma abarcar um modelo adequado para o estudo em questão. Assim, é necessário que a metodologia adote um critério de coerência e pertinência relativamente ao objeto a estudar.

Justificação da Abordagem Qualitativa

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa é “uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (p.11). Desta forma, tendo em conta os objetivos enunciados para esta investigação, este trabalho é preferencialmente de natureza descritiva e interpretativa, sendo por isso utilizada uma metodologia qualitativa. O objetivo é realizar uma análise detalhada das percepções e expectativas das visitas feitas, bem como analisar as expectativas dessas visitas num contexto educativo e patrimonial.

Em termos metodológicos, pretende-se enquadrar o estudo no paradigma interpretativo, uma vez que este se dirige sobretudo a “questões de conteúdo, em que o

objetivo primordial da investigação centra-se no significado humano da vida social e na sua clarificação e exposição do investigador” (Erickson, 1989, p. 196).

Bogdan e Biklen (1982), referem que o paradigma interpretativo “(...) valoriza a compreensão e a explicação, pretende desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto” (p. 196). Neste sentido, a ideia dos autores, vai ao encontro aos objetivos do estudo, onde se pretende aprofundar o papel dos serviços educativos nos espaços museológicos e a importância que estes poderão ter nas visitas e, sobretudo, no desenvolvimento cultural e pessoal.

De acordo com Godoy (1995, p.21), um fenómeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual faz parte, devendo ser analisado numa perspetiva integrada. Desta forma, é necessário ir ao encontro do fenómeno em estudo de acordo com a perspetiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes.

Fortin (1999), refere que a preocupação não deve apenas prender-se na técnica a utilizar, mas também no rigor científico para que os resultados sejam validados. É de fulcral importância que durante o processo, se proceda à definição de certos elementos como o tipo de estudo, a seleção de elementos, a dimensão da amostra e os instrumentos para a recolha de dados.

Instrumentos de Recolha de Dados

Num primeiro momento, pensou-se em utilizar a entrevista como instrumento de pesquisa pelo facto de ser um dos métodos mais coerentes na investigação qualitativa. No entanto, tal como sugerem Ketele & Roegiers (1993) cit. por Ferreira (2013, p. 54), na entrevista os dados são recolhidos mediante conversas orais, podendo ser individuais ou em grupos. Existe uma seleção dos entrevistados de modo a se obterem informações, onde o grau da validade e da fiabilidade, é analisado, com base nos objetivos do estudo.

A razão desta primeira escolha, deveu-se sobretudo ao facto de se pretender informação sobre a perceção dos docentes/técnicos tornando-se mais fácil constatar qual a sua visão e opinião sobre a importância das visitas guiadas e oficinas educativas nos museus.

No entanto, foi impossível realizar as entrevistas devido à deslocação, distância e tempo necessários. Desta forma, a escolha foi a aplicação de um inquérito por

questionário (a ser respondido por escrito), o que facilitou e permitiu a obtenção dos dados desejados. Os questionários estruturados, com questões abertas, mas de resposta relativamente breve foram entregues aos docentes/técnicos que acompanharam os vários grupos nas visitas ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

Objetivos do Estudo e questões de partida

Aprofundar o papel dos serviços educativos nos espaços museológicos, compreender a importância das visitas guiadas e oficinas educativas no desenvolvimento cultural e pessoal dos visitantes e analisar como as visitas guiadas e oficinas educativas facilitam o processo de cultura e aprendizagem, são as questões de partida que determinaram os objetivos para do estudo em causa e a construção dos questionários.

De acordo com Gil (1999, p. 128 cit. Chaer, Dinis e Ribeiro, 2011), o questionário é:

“uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (p. 260).

Esta definição reforça a adequação do questionário como instrumento de recolha de dados para a investigação em questão, permitindo captar uma ampla gama de perceções e opiniões dos participantes.

Estrutura do Estudo de Caso

Fase Exploratória: Identificação e exploração do problema de pesquisa.

Delimitação do Estudo e Recolha de Dados: Foco na recolha de dados relevantes através de questionários.

Análise Sistemática dos Dados: Análise e interpretação sistemática dos dados recolhidos.

Conforme Nisbet e Watt (cit. por Oliveira, 2008), estas fases garantem uma abordagem estruturada e rigorosa ao estudo de caso.

Análise de Conteúdo

Com o decorrer da seleção de dados recolhidos, será feita uma análise, de forma a estabelecer relações existentes e simultaneamente apresentar os resultados obtidos. A

técnica de análise de dados a ser aplicada para análise da informação recolhida será a análise de conteúdo.

De acordo com Bardin (2016, p.15), a metodologia da análise de conteúdo trata-se de:

“Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (2016, p. 15).

Desta forma, é necessário haver um empenho acentuado na interpretação da informação recolhida, no sentido de dar resposta aos objetivos pré-estabelecidos.

Esta metodologia permite abordagens quantitativas e qualitativas, tendo uma crescente aplicação na realização das várias pesquisas científicas em função da sua aplicabilidade no estudo de material textual, na definição de categorias de análise e na interpretação dos dados.

No que respeita à análise qualitativa tomam-se em consideração a presença ou ausência de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem (Bardin, 2016, p. 27).

Um procedimento que, segundo Bardin, contribui para “lutar contra a evidência de um saber subjetivo” (2016, p. 34), com o intuito de esclarecer incertezas advindas de visões pessoais do pesquisador e ir além das aparências a partir da

“descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não possuíamos a compreensão (2016, p. 35).”

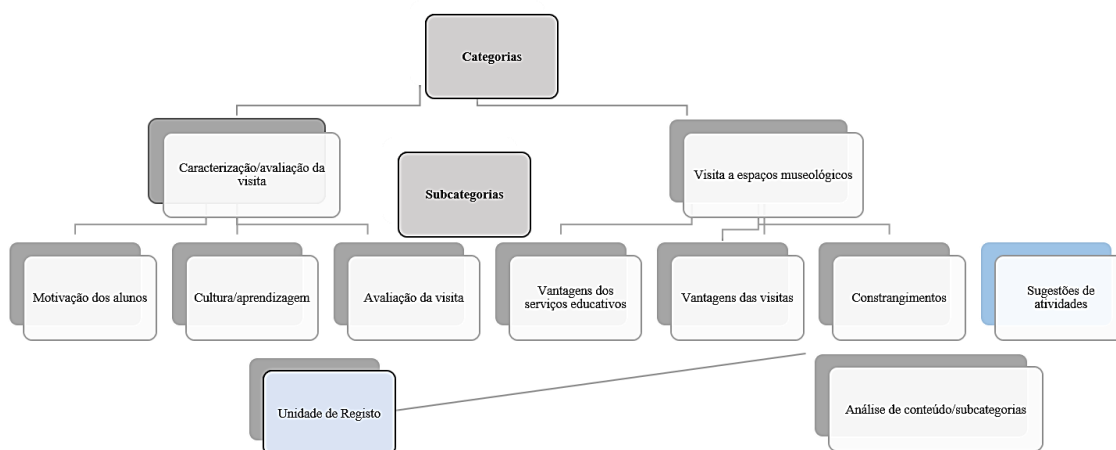
A análise de conteúdo, permite ao investigador, a confirmação ou negação de hipóteses, através da análise sistemática de provas que poderão ser verificadas.

A definição das categorias é um momento crucial deste processo, ao serem uma:

“espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. É, portanto, um método taxonómico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente” (2016, p. 43).

No que diz respeito ao processo de categorização, Bardin, refere que se trata de classificar os elementos de um conjunto por diferenciação e, sem seguida, por reagrupamento segundo critérios previamente definidos. Segundo o autor, as categorias são classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo) com características comuns sob um título genérico (2016, p. 147). A classificação em categorias de cada elemento impõe a investigação do que há em comum com outros elementos, sendo que, a parte comum que existe, irá permitir o seu agrupamento. (Bardin, 2016, p. 148).

O esquema metodológico de categorias de análise e de interpretação dos dados proposto apresenta a seguinte configuração:



Fonte: Elaboração própria.

Esse tipo de mapeamento é frequentemente utilizado em pesquisas qualitativas para organizar temas e auxiliar na análise e apresentação de dados recolhidos mediante questionários.

A imagem mostra um mapa conceptual/diagrama de análise qualitativa que pretende organizar as informações em várias categorias e subcategorias. Está obviamente relacionado com as visitas educativas, no CIMI. Existem duas áreas principais rotuladas como "Categorias" — que representam as grandes temáticas ou áreas de foco da análise dos questionários e as "Subcategorias", que se ramificam em elementos mais específicos. As categorias e subcategorias estão conectadas a aspetos mais detalhados das visitas e à correspondente avaliação e aos aspetos considerados.

Esta proposta ajudará na compreensão das percepções dos docentes sobre os serviços educativos oferecidos. As categorias e subcategorias indicam que se pretendem explorar diferentes dimensões das visitas, como "Caracterização/avaliação da visita", "Cultura/aprendizagem", "Vantagens dos serviços educativos", "Constrangimentos" e "Sugestões de atividades". Cada uma dessas áreas pode fornecer dados importantes sobre as experiências dos docentes e como eles percebem o valor e a eficácia dos serviços educativos.

Além disso, a inclusão de "Motivação dos alunos" como uma subcategoria sugere que também se considera a perspectiva dos alunos, que é outro componente crucial para avaliar a eficácia dos programas educativos.

Numa fase interpretativa a Unidade de Registo refere-se à menor unidade de análise utilizada para codificar dados qualitativos. Pode ser uma frase ou ideia específica extraída das respostas. Esta conecta-se à "Análise de conteúdo/subcategorias" propondo que as respostas dos questionários sejam analisadas para identificar temas comuns e informações detalhadas nas subcategorias mencionadas anteriormente.

A escolha da "Unidade de Registo" como a base para a análise do conteúdo indica que se estruturou a análise de forma sistemática, o que ajudará a garantir que as interpretações sejam baseadas em evidências concretas retiradas das respostas do questionário.

O esquema tenta mostrar a relação entre as ideias principais e as suas 'nuances' mais detalhadas. É útil na investigação porque fornece uma visualização clara de como os diferentes aspetos estão interconectados e como contribuem para a compreensão global da experiência educativa em visitas a centros interpretativos ou museus.

Este esquema também indica que a análise de conteúdo ocorreu de maneira sistemática — os dados coletados foram classificados e analisados com a intenção de extrair informações relevantes conforme as subcategorias definidas, o que é uma prática padrão na análise de conteúdo qualitativa, como mencionado por Bardin (2016).

Em termos metodológicos, o esquema sugere uma abordagem que visa a clareza e a organização no processo de análise dos dados, o que é essencial para garantir a credibilidade das conclusões do estudo.

A metodologia qualitativa, com uma abordagem descritiva e interpretativa, é adequada para este estudo, pois permite uma análise detalhada das percepções e expectativas dos participantes. A utilização de questionários como instrumento de recolha de dados superou as limitações logísticas e permitiu a obtenção das informações necessárias para atingir os objetivos do estudo. Esta abordagem está alinhada com as recomendações de autores como Bogdan e Biklen, Erickson, Godoy e Fortin, garantindo a validade e fiabilidade dos resultados obtidos.

Por fim, a metodologia qualitativa, com ênfase na análise de conteúdo, é rigorosa e adequada para investigar as percepções e expectativas dos participantes em estudos de caso. A utilização de questionários estruturados permite recolher uma vasta gama de dados de forma eficiente, enquanto a análise de conteúdo oferece uma abordagem sistemática para interpretar e validar os resultados. Esta combinação metodológica é robusta e bem fundamentada, garantindo a fiabilidade e validade dos resultados obtidos.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com a mudança do conceito de museu, que passou de um mero repositório de objetos para um espaço de promoção da aprendizagem e educação ativa, tem-se vindo a observar nos últimos anos, um aumento diversificado de iniciativas de ação educativa nestes espaços.

Tendo em conta a importância que este serviço pode ter nas articulações institucionais e na aproximação com os diversos públicos, é importante aprofundar os estudos nesta área.

Através de uma revisão da bibliográfica para a elaboração deste projeto, notou-se que a aprendizagem e a educação em espaços culturais, nomeadamente em museus, é um tema que tem vindo a ser estudado por vários autores ligados a este ramo e, neste sentido, existem algumas obras que abordam o tema em questão e que servirão de ponto de partida e auxiliarão a alcançar os objetivos pretendidos.

Fazendo uma revisão bibliográfica a nível internacional, é de referir que são vários os autores que abordam o tema, destacando-se George Hein (1998) que editou o livro “*Learning in the Museum*”, seguido de várias edições, referindo que na avaliação qualitativa é importante saber o que realmente acontece nos programas de museus, ressaltando a importância do espaço físico.

Eileen Hooper-Greenhill, destaca-se também pelas suas obras nomeadamente *The “Educational Role of the Museum”* (1999), “*Museums and Their Visitors*” (2002) e “*Museums and Education: Purpose, Pedagogy, Performance*” (2007) que servirão de suporte para a elaboração da dissertação. Numa das suas obras, a autora refere que os museus, se converteram num lugar de aprendizagem e desfrute, o que poderá servir como ponto de partida para abordar o tema em questão.

Destacam-se também John Falk e Lynn Dierkinh (1992), com a proposta de um modelo de aprendizagem no museu, tendo em conta fatores como os contextos pessoal, social e físico.

Estes autores seguem a linha de pensamento de Jean Piaget, que considera que “todo o conhecimento resulta da reorganização de um conhecimento anterior e toda a

nova aquisição que tenha a marca da novidade é posta em relação com aquilo que já foi adquirido previamente” (Silva, 2007, p.60).

No que respeita ao conceito de centro interpretativo, objetivos e criação a referência maior é o Manual Hicira – Centros Interpretación del Patrimonio, editado em 2005 pela Diputació de Barcelona agregando vários municípios da sua área metropolitana. É coordenado por Pere Izquiero Tugas, Jordi Juan Tresserras e Juan Carlos Matamala Mellin, reúnem contributos de outros países (Bélgica, França, Itália, Suécia, Andorra). Os coordenadores criaram uma ferramenta que facilitasse a criação destes centros, no sentido de potenciar o desenvolvimento das zonas rurais europeias através do turismo patrimonial.

Ainda em relação ao conceito de centro interpretativo, é de referenciar Carolina Martín Piñol, que distingue a importância dos centros interpretativos no que respeita à informação e quais as suas funções, fazendo uma distinção entre este conceito e o de museu.

Relativamente a bibliografia nacional, destaca-se José Amado Mendes (2013), que editou livro “Estudos do Património: museus e educação”, onde refere que a educação continua a ser um fator decisivo para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades (p. 7), o que faz com que esta obra tenha uma grande importância no que respeita ao conceito de educação nos museus.

É também de destacar a obra “Serviços Educativos na Cultura”, tendo uma coordenação de Sara Barriga Brighenti e Susana Gomes da Silva, também autoras de várias publicações da temática.

Para além de obras, a pesquisa debruçar-se-á na análise de trabalhos académicos (teses de doutoramento, dissertações de mestrado, etc.), revistas especializadas, atas de congressos, artigos científicos, entre outros documentos que sejam pertinentes para o estudo.

I. 1. Os Museus

Nos últimos anos, os museus têm vindo a sofrer aceleradas transformações, assistindo-se, cada vez mais, a um museu que se preocupa com o serviço prestado à comunidade.

Neste contexto e, no sentido de proceder a um enquadramento específico do tema em questão, far-se-á uma breve contextualização histórica do conceito de museu, e abordar-se-ão as mudanças que se observaram ao longo dos anos em torno do mesmo.

I. 1.1 O conceito de museu – a Nova Museologia

O mundo dos museus evoluiu visivelmente ao longo dos anos, por um lado, no que respeita às suas funções e, por outro, no que concerne à sua materialidade e à dos principais elementos que sustentam o seu trabalho.

De acordo com Desvallées & Mairesse, (2013, p. 22), o fator humano é fundamental para se entender o funcionamento destes espaços, tanto no que respeita à equipa que atua no seio do museu, como ao público ou públicos aos quais este se destina. Os mesmos autores, levantam várias questões em torno do conceito: Como definir o museu? Pela abordagem conceitual (museu, património, instituição, sociedade, ética), por meio da reflexão teórica e prática (museologia, museografia), pelo seu funcionamento (objeto, coleção, musealização), pelos seus atores (profissionais, público), ou pelas suas funções (preservação, pesquisa, comunicação, educação, exposição, mediação, gestão, arquitetura)? Neste sentido, é possível identificar a existência de diversas perspetivas em torno da definição de museu.

Nesta breve perspetiva histórica da palavra, achou-se pertinente abordar a sua origem etimológica, que deriva do grego *mouseion*, o lugar das musas, as nove filhas de Mnemosine e Zeus, figuras mitológicas da criação artística ou científica (Antunes, 2015, p. 143). De acordo com Pérez (2009, p. 183), com este sentido etimológico, o museu é visto como “um lugar de inspiração”.

Desde a sua origem, que remonta a Antiguidade Clássica, os museus tinham como objetivo primordial a conservação de obras de arte e, os seus acervos, apenas eram

acessíveis às elites sociais e intelectuais da época, demonstrando uma atividade passiva perante a sociedade (Mendes, 1999; Ezequiel, 2014; Murgui, 2016; Figurelli, 2015).

Até à segunda metade do século XX, os museus regiam-se pela Museologia Tradicional caracterizada pela ausência de autoquestionamento e de autocrítica, considerando que o público visita o museu por uma razão meramente estética. Esta ideologia defendia que não era necessário recorrer a outras alternativas museológicas, na medida em que a informação disponível no museu - textos de parede, legendas e as próprias obras de arte - era considerada suficiente para responder às necessidades dos públicos (Murgui, 2016). Caracterizavam-se, portanto, como espaços pouco “abertos” ao exterior e à comunidade (Mendes, 1999; Gomes e Lourenço, 2009; Rocha, 2017 cit. por Gomes, 2021, p. 18).

Nos anos 60 e 70 do séc. XX, assistiram-se a várias contestações por parte de profissionais de museus descontentes com as suas condições profissionais e o panorama museológico da época.

A partir de 1968, como refere Martins (1997, cit. por Teixeira 2022), a crítica aos museus ganhou força a ponto de impulsionar mudanças nas políticas culturais de países como França, Inglaterra, Estados Unidos, México e Canadá. Nova Museologia: aspetos históricos e características

Neste sentido, Desvallées (1992 cit. Teixeira, 2022, pp. 88-89) apresenta a Nova Museologia referindo-se às várias demarcações que apontam a natureza deste movimento destacando as seguintes ocorrências:

- a) lançamento do livro de Freeman Tilden sobre a interpretação do património, que contribuiu para as discussões sobre os centros de interpretação;
- b) escritos de Georges Henri Rivièri e Hugues de Varine, diretores do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 1946 e 1962, respectivamente, já com algumas proposições subjacentes sobre a Nova Museologia;
- c) jornadas de Lurs, em 1966, que deram origem à criação de vários museus de sítio nos anos posteriores e contribuíram para o início da formulação do conceito de ecomuseu, por Georges Henri Rivièri e Hugues de Varine;

d) reunião de Aspen (Colorado), em 1966, na qual Sidney Dillon Ripley, da Smithsonian Institution, apresentou a ideia de um experimento de museu de vizinhança e decidiu financiar a iniciativa de John Kinard em Anacostia;

e) seminário sobre museus de vizinhança nos Estados Unidos, em 1969, com a participação de John Kinard, que fundou, em 1967, o Neighborhood Museum de Anacostia, em Washington;

f) IX Conferência Geral do ICOM, em 1971, realizada entre Paris, Dijon e Grenoble, que discutiu o tema “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã”;

g) uso do termo ecomuseu, por Robert Poujade, primeiro-ministro francês encarregado do meio ambiente, em Dijon, 1971;

h) mesa redonda de Santiago do Chile, em 1972, com o objetivo de discutir a função social do museu na América Latina;

i) criação da associação Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale (MNES), em 1980.

Todos estes acontecimentos, mostram que a Nova Museologia teve uma base acadêmica e popular.

Alice Duarte (2013, p.100) reconhece a Nova Museologia como um movimento com abrangência teórica e metodológica, tendo por base duas vertentes¹ - vertente francófona e vertente anglo-saxónica que se complementam entre si.

Segundo a autora, influenciados pela vertente francófona, os museus regem-se pela política cultural da democratização da cultura² que defende o acesso da cultura a toda a sociedade, ganhando relevo a dimensão do desenvolvimento sustentado, da animação sociocultural e da participação das populações. Em contrapartida, no que respeita à vertente anglo-saxónica, as instituições museológicas preocupam-se com o alargamento

¹ Considerando estas duas vertentes, as suas principais diferenças dizem sobretudo respeito às fontes teóricas de apoio. Por um lado, a vertente francófona é mais relevante junto de profissionais de museus e, por outro, a vertente anglo-saxónica é mais preponderante junto de historiadores e académicos (Duarte, 2013).

² A democratização da cultura pretende garantir o acesso da cultura ao maior número de pessoas, bem como alargar o perfil social dos públicos através da descentralização da oferta cultural, diminuindo as barreiras e as desigualdades geográficas e sociais existentes (Gomes e Lourenço, 2009). Importa, também, referir que esta política cultural surge associada “à formação de novos públicos para a cultura” (Gomes e Lourenço, 2009, p. 14).

do espaço representacional defendendo a inclusão de novas “vozes” (Duarte,2013, pp.110-111).

Desta forma, pode-se dizer que a Nova Museologia pode-se definir a partir de duas linhas centrais que se complementam. Por um lado, o museu como “desenvolvimento comunitário”, no qual se insere o desenvolvimento social, a relação dos museus com as comunidades e com os territórios: a criação de ecomuseus ou de museus comunitários (Duarte, 2013, p. 101). Acresce, “o museu como objeto de estudo e de reflexão” que prevê a criação de espaços que potenciem a discussão, o questionamento e o pensamento crítico do público, através da inclusão de outras perspetivas (Duarte, 2013, p. 105).

A Nova Museologia foi responsável pela importância que passou a ser dada à educação, apresentando-se como um fator determinante para a criação de serviços educativos nos museus e para a reflexão da importância dos mesmos que, aquando o seu surgimento, apenas funcionavam para o público escolar (Figurelli, 2015).

A Declaração de Santiago do Chile de 1972, já mencionada anteriormente, foi um marco histórico no conceito de museu, onde o movimento de Nova Museologia tem a sua primeira expressão pública e internacional. Antunes (2015) refere que “No século XX, na museologia, há um antes e um depois de Santiago do Chile de 1972”. O mesmo autor menciona que foi um virar de página no pensamento e prática museológica.

De acordo com Rivière cit. por Carvalho (2014, p. 53):

Os museus devem, por isso, cumprir funções sociais, educativas e culturais para uma comunidade e assumir esse compromisso porque têm um papel ativo nas ações sociais, económicas e culturais por meio de ações educativas (Rivière cit. por Carvalho, 2014, p. 53).

No seguimento da pesquisa sobre o conceito de museu, notou-se que a definição do ICOM, é das maiores referências em torno do termo e também tem vindo a evoluir ao longo dos anos. Segundo o site da organização, a definição foi evoluindo com a sociedade.

Rocha (2017, p. 18) refere que em 1956, a organização definiu museu como:

“Uma instituição de carácter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de recolher, conservar, pesquisar e valorizar de diversas maneiras um conjunto de elementos de valor cultural e ambiental: coleções de objetos artísticos,

históricos, científicos e técnicos. Numa perspetiva alargada, o conceito abrange ainda jardins botânicos e zoológicos e aquários.”

Nos Estatutos do ICOM, adotados pela 16ª Assembleia Geral do ICOM (Haia, 1989) modificados pela 18ª Assembleia Geral do ICOM (Noruega, 1995), a definição de museu passou a ser:

“O museu é uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que realiza investigações que dizem respeito aos testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, adquire os mesmos, conserva-os, transmite-os e expõe-nos especialmente com intenções de estudo, de educação e de deleite” (ICOM, 2016, cit. por Rocha, (2017, p. 19).

Pode-se dizer que os museus foram-se convertendo num lugar de aprendizagem e desfruto (Hooper-Greenhill, 1998, cit. por Nunes, 2013, p. 13). Passaram, assim, de meros repositórios de objetos, a espaços onde são promovidas a educação e a aprendizagem ativa. Segundo Hooper Greenhill (1998, p.25) cit. por Nunes, 2013, p.13), a educação passou a ser a “*raison d’être*” dos museus.

Após um longo processo de concentração, no dia 24 de agosto de 2022, foi aprovada na Assembleia Geral Extraordinária do ICOM, em Praga, uma nova definição de Museu:

“O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”.

Esta nova definição trouxe a expectativa de uma maior abertura destes espaços à sociedade e manteve o essencial da anterior, reconhecendo a importância da inclusão e envolvendo ativamente as comunidades nas atividades dos museus.

Pode-se dizer que são de destacar as novas tendências e preocupações em termos museológicos ligadas à sociedade, remetendo para uma função social com um carácter mais lúdico e, ao mesmo tempo, educacional.

Relativamente à legislação portuguesa, a Lei-Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto estabelece, no artigo 3º a seguinte define museu como sendo:

“1 — Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

- a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;
- b) facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

2 — Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respetivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.”

Todas as mudanças na definição do conceito estão, de certa forma, ligadas à Segunda Guerra Mundial, uma vez que dado que as mudanças sociais que dela advieram se refletiram em torno da Museologia, nomeadamente quando se começou a dar primazia à ação social e educativa, baseado no conceito de democratização (Wittlin, 2004, p. 43 cit. por Nunes, 2013, p. 13). Destaca-se aqui uma das novas tendências e preocupações museológicas ligadas ao público e à sociedade, remetendo para a sua função social. Mais tarde, com o Pós-Colonialismo e o Movimento dos Direitos Cívicos, a democratização e a igualdade social ganham uma nova força, verificando-se um reforço do papel educativo

dos museus, através de uma forte ligação à comunidade. Desta forma, o museu tornou-se num local mais aberto à comunidade.

Analisando todas as definições supracitadas, é notável a abrangência do conceito, destacando-se novas tendências e preocupações museológicas ligadas ao público e à sociedade. Contudo, verificou-se um reforço do seu papel educativo, um tema que será abordado com mais abrangência em capítulos seguintes.

Os museus atuais, têm-se vindo a afirmar como espaços de comunicação, onde são transmitidos conteúdos, promovendo a reflexão e colocando novos desafios aos seus visitantes. O papel social que os museus passaram a ter, é refletido no carácter educativo e inclusivo que, ao mesmo tempo, lhes foi atribuído envolvendo ativamente as comunidades nas suas atividades.

I.1.3 A acessibilidade nos museus

Atualmente, a melhoria da acessibilidade aos museus tem tido uma grande importância no que concerne ao seu crescimento e desenvolvimento. Uma vez que o objetivo da dissertação é a implementação de um programa de atividades de ação educativa destinado aos vários tipos de público e, tendo em conta que um dos público-alvo serão as pessoas com algum tipo de deficiência ou idosos, achou-se pertinente fazer uma pequena abordagem relacionada com a importância da acessibilidade nos museus.

De acordo com Instituto Português de Museus (2004, p. 15), quando se fala em acessibilidade, é necessário ter em conta não apenas o espaço em si, seja ele de circulação ou exposição, mas também do próprio espólio, dos programas e atividades apresentadas pelo museu.

Neste sentido, o sucesso do museu e o significado de uma visita para seu o público irá depender da forma como a instituição perspetiva e atualiza o acesso físico e intelectual dos seus públicos.

A acessibilidade diz respeito a cada pessoa, às suas características que vão mudando nas diferentes fases da vida (Instituto Português de Museus, 2004, p. 17). Quando se fala em cada pessoa, é de referir que não se exclui ninguém, isto é, incluem-

se as crianças, idosos, todos os que têm qualquer tipo de deficiência, mas também as pessoas sem e que um dia também poderão vir a ter necessidades especiais.

Contudo, é de referir que nem sempre é possível adaptar as visitas em determinados espaços devido ao seu valor patrimonial.

No que respeita à programação das atividades é sempre necessário fazer um diagnóstico de forma a assegurar que as iniciativas do museu vão de encontro às necessidades e interesses dos diferentes públicos, estando adequadas às suas capacidades. Assim, o diagnóstico deverá ser planeado passando por algumas fases (Instituto Português de Museus (2004, pp. 27-28):

- Consultar os interessados - Visitar os diferentes serviços (escolas, centros de apoio, unidades residenciais, etc.), de maneira a recolher o máximo de informação sobre as pessoas com deficiência, as suas áreas de interesse e condicionantes que as suas necessidades especiais poderão implicar;

- Identificar os recursos disponíveis - é importante saber que recursos estão disponíveis na comunidade, de forma a ter uma melhor consciência dos meios que estão à disposição para criar redes de apoio a nível da dinamização cultural. É importante efetuar-se um levantamento das associações de pessoas com deficiência, centros de recursos educativos e culturais existentes na área geográfica do museu, os quais poderão colaborar tanto na estruturação como na implementação das atividades para pessoas com necessidades especiais.

- Reunir todos os intervenientes – é importante reunir com os diversos intervenientes no processo (políticos, autarcas, pessoas com necessidades especiais e suas famílias, profissionais de educação e saúde, etc.) pois a partilha de ideias leva a uma maior sensibilização e predisposição para colaborar nas iniciativas da instituição cultural;

- Testar previamente as atividades – é importante convidar pessoas portadoras de deficiência a visitar previamente uma exposição. As atividades propostas e os materiais elaborados devem ser testadas com a sua colaboração, o que permitirá corrigir algumas falhas que possam surgir.

Com esta pequena abordagem, pode-se concluir que se torna imprescindível fazer um estudo prévio antes de elaborar qualquer tipo de programa de atividades para pessoas

com necessidades especiais, de maneira a que estas desfrutem das atividades da mesma forma que os restantes públicos.

I. 2. Os Centros Interpretativos

A literatura sobre os centros interpretativos ainda é bastante escassa, no entanto, no presente ponto, considerar-se-á a sua origem, o seu conceito através de pontos de vista de alguns autores, missão e objetivos. Do mesmo modo, abordar-se-ão os pontos em comum e possíveis distinções entre estes equipamentos culturais e os museus.

I.2.1 O conceito de Centro Interpretativo

As grandes quantidades de informações, dados ou objetos que se encontram nos museus, se não forem articulados num quadro preciso, acabam por explicar muito pouco.

De acordo com (Piñol, 2011, p.7), os museus “de toda a vida” talvez sejam demasiado estáticos e muito exigentes para os públicos de hoje que “exigem” formação lúdica, através de uma linguagem mais contemporânea baseada nas novas tecnologias aplicadas ao conhecimento. Para a autora, é neste sentido que surgem os “paramuseus”, termo proveniente entre os conceitos de museu convencional e equipamento cultural baseado no conceito americano “visitor’s center”.

A partir de 1996 difunde-se o conceito de centros de interpretação que, de acordo com Piñol (2013) cit. por (César, 2016, p. 30), ainda subsiste alguma confusão relativamente a esta terminologia.

A interpretação e, neste caso concreto, a interpretação do património, é considerada um processo de comunicação delineado, tendo como objetivo revelar ao público significados e relações do património natural e cultural, por meio de experiências diretas com objetos, artefactos, paisagens ou sítios. (Veveka (2000) cit. por Pacheco & Brilha (2014, p. 102).

Para melhor definir o conceito de “centro de interpretação”, Manuel Pizarro (Lima, 2019), começou por dividir estas duas palavras descrevendo cada uma delas:

“Centro: o equipamento concentra-se num mesmo espaço, normalmente próximo ou integrado geograficamente no património que estuda, não impedindo que possa surgir enquanto parte integrante de estruturas polinucleadas;

De interpretação: para além de outras atividades que possam ter lugar no centro, a primordialidade é dada a interpretação no âmbito patrimonial, seja natural ou cultural, sendo, uma instituição, por isso, especificamente dedicada a este método de transmissão de conhecimento” (p.11).

De acordo com o autor, é necessário entender como surge a interpretação nestes equipamentos patrimoniais e como se diferencia da simples transmissão de conhecimentos.

Não se sabe ao certo quando é que surgiu o conceito de “interpretação do património”, no entanto, só em 1957, com a publicação da obra “Interpreting our Heritage” de Freeman Tilden, “pai” deste conceito, é que se constituíram os pilares teóricos da interpretação, inicialmente no domínio dos parques naturais e, mais tarde, associada a um conceito integral de património. Nessa obra, Tilden, definiu interpretação do património como:

“Heritage interpretation is an educational activity which aims to reveal meanings and relationships through the use of original objects, by firsthand experience, and by illustrative media, rather than simply to communicate factual information.” (Tilden, 1977, p.8).

Para o autor, os centros interpretativos uniam dois fatores: o primeiro, interpretar o património que não é visível, isto é, a dimensão imaterial do património, demonstrar a sua importância e revelar o seu valor para um determinado público; o segundo, gerar curiosidade e enriquecer o conhecimento do mesmo, através da interpretação (Bittencourt, 2021, p.48).

Manuel Pizarro (Lima, 2019, p. 12), refere que o Tilden se baseou ainda em seis princípios para uma boa interpretação:

- “1-Qualquer interpretação que não relacione o que se mostra ou descreve com algo que se encontre na personalidade ou experiência do visitante seria estéril
- 2-A informação, por si só, não é interpretação, senão que esta se baseia na informação e a inclui;
- 3-Trata-se de uma arte combinatória de muitas artes, sem necessidade de definir os materiais

- apresentados como científicos, históricos ou arquitetónicos;
- 4-O seu objetivo principal não é instrução, senão provocação;
- 5-Deve tentar apresentar o todo em vez de uma parte, devendo dirigir-se ao Ser Humano em conjunto, e não a um aspeto em concreto;
- 6-A interpretação direcionada as crianças não deve ser uma versão “diluída” da apresentação dirigida aos adultos, senão que deve seguir um rumo diferente e ter um programa específico.”

Nos últimos 25 anos do séc. XX, a interpretação foi-se propagando em grande escala, não só nos equipamentos criados para o efeito, como os centros interpretativos, mas também, em outras instituições, como museus que, após o surgimento da Nova Museologia, provou ser uma grande ferramenta de aproximação entre o património e as pessoas.

No “Manual Hicira Centros de Interpretación del Patrimonio –”, Pere Isquierdo Tugas, Juan Tresserras e Matamala Mellin (2005, p. 43), referem que a criação de um centro interpretativo, passa normalmente pela vontade de avaliar o património cultural e/ou natural de um determinado local ou área geográfica no sentido de o transformar num produto educacional, cultural e/ou turísticos. Muitas vezes, estes espaços servem como um recurso de apresentação e desenvolvimento de um determinado património em pequenas cidades ou meios rurais que não têm meios suficientes para constituição de museus, onde o património pode ser visto como um fator de desenvolvimento turístico e para a autoestima dos seus habitantes.

Para Chaumier & Jacobi (2008, p.5 cit. por Lima, 2019, p. 13), estes equipamentos culturais podem ser vistos como uma solução para transmitir um património, que pelas suas características específicas, não é possível de revelar em outros espaços museológicos, como por exemplo as paisagens, os territórios, sítios, monumentos ou até uma história específica (Thomas-Bourgneuf, 2005, p.13 cit. por Lima, 2019, p.13).

Segundo o Manual Hicira, Portugal não foge de outras realidades, onde os centros interpretativos são maioritariamente promovidos pela administração pública local, recorrendo frequentemente a fundos comunitários e criados através de projetos onde existe uma “ausência de reflexões teóricas e de premissas práticas”, que levam a dificuldade de os definir como equipamentos patrimoniais (Tugas, Tresserras e Mellin, 2005, p.43-44).

Por norma, o processo de execução de um centro interpretativo passa por uma avaliação de mais-valias e fraquezas do projeto, da existência ou não de coleções relevantes, do contexto turístico onde se integram, de recursos financeiros e humanos disponíveis, dos público-alvo a atrair e pela elaboração de um plano expositivo (Thomas-Bourgneuf, 2005, p. 15 cit. Lima, 2019, 13).

No que respeita à museografia e estratégia de apresentação expositiva, os centros interpretativos, recorrem normalmente a elementos tecnológicos e audiovisuais, no sentido de promover e incentivar a descoberta patrimonial, de uma forma intuitiva e interativa, muitas vezes associada a programas multimédia (Binoy, 2011, p.101, cit. por Lima, 2019, p.13).

De acordo com, Piñol (2013) cit. por (César, 2016, p. 31), um centro interpretativo apresenta quatro importantes funções:

1. Apresentar um elemento do património natural e cultural (isentos da obrigação de contacto direto com o recurso);
2. Dispõe de pistas e ferramentas suficientes que levem à compreensão do objeto em causa;
3. Promove o uso e o consumo de produtos locais dentro do património;
4. Cria o desejo de conhecer tudo o que é interpretado.

Para um centro interpretativo, os fatores mais importantes são o público e o tema interpretado, que se não conseguir despertar o interesse do visitante, todo o esforço anterior será inútil.

De acordo com Piñol (2011) cit. por Angulo (2014, p. 27), as exposições museológicas, mais concretamente dos centros interpretativos, devem compartilhar conhecimentos, sensações e emoções, tornando a visita mais interessante e original.

A experiência que os centros interpretativos proporcionam é extremamente útil na interpretação geral e pessoal do património, o que poderá permitir que, tal como nos museus, se identifiquem funções de salvaguarda e conservação do mesmo.

I. 2.2 Centros Interpretativos e Museus

Os termos centros interpretativo e museu, são muitas vezes confundidos e até

considerados sinónimos por muitos autores, no entanto, a sua distinção não é objetiva. De acordo com Manuel Pizarro (Lima, 2019, p. 15), existem dois fatores que têm sido diferenciadores de centros interpretativos e museus, por um lado, o papel das coleções e o apelo a uma maior ou menor subjetividade sensorial dos visitantes na aquisição do conhecimento que lhe é dado acerca de determinado património.

As coleções têm sido o principal fator diferenciador, visto que, de acordo com Tugas (2005, p. 35), os centros interpretativos, ao contrário dos museus, não têm como objetivo principal colecionar, preservar e estudar objetos originais, dando prioridade à comunicação da importância e interpretação do património com objetivo de educar e consciencializar os visitantes (Binoy, 2011, pp. 101-105 cit. por Lima, 2019, p. 15).

Manuel Pizarro (Lima, 2019, p. 16), afirma que, por um lado, alguns autores defendem que os centros interpretativos deveriam optar apenas por réplicas, visto que não existe neles o conceito de coleção museográfica e, como consequência, os objetos originais poderiam ser confundidos com os de mediação pelos visitantes. Neste sentido, segundo Bessard e Robine (2008, p.7), os museus centram as suas funções nas coleções, através das exposições, mediações e leituras interpretativas com base no acervo que também estudam e conservam. As mesmas referem que os centros interpretativos não têm de possuir obrigatoriamente acervos próprios, podendo recorrer a bens culturais originais ou não, pois estes são concebidos em função de uma realidade ou lugar específico.

Martine Thomas-Bourhneuf (2005, p. 14), afirma que nos centros interpretativos, pretende-se constituir um percurso através da relação entre um propósito, uma coleção e outros elementos de mediação, o que significa que os bens expostos não são os pontos principais e sim apenas uns dos elementos do percurso e, desta forma, não deverão estar ausentes.

De acordo com Pizarro (Lima, 2019, p. 15), muitos centros interpretativos foram concebidos com o apelo a artesãos e artistas para a elaboração dos bens expostos, neste sentido, pode-se dizer que estes espaços assumem não só um papel de salvaguarda e conservação, mas também de promoção destes bens culturais.

Tendo em conta a definição de museu, apresentada no ponto anterior, é importante referir que existem algumas diferenças que distinguem estes espaços dos centros interpretativos.

Como se pode concluir, a diferença entre os museus e os centros interpretativos é mais visível, por um lado: no valor institucional dado ao objeto e nos modos de lidar com ele tendo em conta a missão e objetivos de cada instituição e na existência de diferentes funções e recursos próprios (sobretudo recursos humanos com perfis profissionais específicos que se dedicam à documentação, investigação e conservação dos bens que se encontram sob tutela da instituição).

Sob outro prisma, existem semelhanças no que diz respeito à presença de coleções no contexto expositivo que é proposto ao visitante, o que muitas vezes, cria confusão relativamente à autenticidade e valor patrimonial do acervo e à tipologia de instituição cultural em que se encontra, visto que ambos têm estratégias comunicacionais e expositivas cada vez mais semelhantes.

Este tema exige mais investigação e estudo para uma melhor compreensão das fronteiras e limites entre museus e centros interpretativos, das suas estratégias comunicacionais específicas, do modo de lidar com os bens à sua guarda e das mais-valias e debilidades para a preservação e comunicação do património de cada tipo de instituição.

I. 3. O conceito de educação e os serviços educativos no contexto museológico

A designação dos serviços ligados à educação nos museus não é consensual. De acordo com o museólogo Mário Antas:

“Em Portugal, é comum utilizar-se a designação de Serviço Educativo (Museu Nacional de Arte Contemporânea), Serviço de Educação (Museu Nacional de Arte Antiga e Museu Nacional do Azulejo), Serviço Educativo e de Extensão Cultural (Museu Nacional do Coches), Educação (Museu Coleção Berardo), Serviços Educativos e Pedagógicos (Museu Leonel Trindade), Serviço de Educação e Mediação (Museu Nacional do Traje), Serviços de Educação (Museu de Arte Sacra do Funchal). Na tradição Americana, utiliza-se mais a terminologia Departamento de Educação (Getty Museum, Metropolitan Museum of art – New York). O museu do Louvre tem um departamento de política de visitantes e de educação artística e o British Museum tem um departamento de educação assim como o Natural History Museum of London.” (2023, p. 108).

Verifica-se que nem todos os espaços museológicos utilizam a mesma terminologia para este serviço, embora tenham a mesma finalidade.

I. 3.1 A educação nos museus – comunicação educativa e mediação educativa

O conceito de educação esteve, durante muitos anos, ligado à ideia de que a infância e a adolescência (fases escolares), eram os períodos ideais para adquirir conhecimento e competências que, mais tarde seriam aplicados na idade adulta.

Contudo, com o passar dos anos, foram vários os autores que, de certa forma, “contrariaram” esta ideia, podendo dizer-se que a aprendizagem não se limita apenas a um determinado período da vida da pessoa, esta acontece nos vários contextos onde as pessoas se desenvolvem, como por exemplo no contexto familiar, do trabalho, em momentos de lazer, etc.

A comunidade científica aceitou a utilização da terminologia que define a educação em museus como educação não formal, estabelecendo-a num documento da UNESCO de 1972, intitulado de “Learning to be – The Fauré Report”, elaborado por Coombs, Prosser & Ahmed, que estabeleceu as metas quanto à educação ao longo da vida (*lifelong education*) e à sociedade de aprendizagem (*learning society*) (Antas, 2023, p. 104).

Neste documento, os autores definem três tipos de educação (Coombs, Prosser & Ahmed, 1973, cit. por Luque, 1997, pp. 314-315):

- Educação formal: sistema de educação obtido em instituições de ensino, sendo hierarquicamente e cronologicamente estruturado, que se estende desde os primeiros anos de escolaridade até aos últimos da faculdade. Para Coombs (1968, cit. por Luque, 1997, p. 313), a educação formal, isto é, a educação obtida em contexto escolar, com os seus elevados custos, não era o meio mais eficaz para satisfazer as diversas necessidades de aprendizagem das sociedades em desenvolvimento. Para além disso, o autor referiu que o custo por estudante de programas não formais, era inferior ao da escolarização formal, observando-se também um aumento significativo das atividades educativas fora do contexto escolar formal (Luque, 1997, p. 313).

- Educação não formal: é toda a atividade organizada, sistemática e educativa, realizada fora do contexto formal para facilitar determinadas classes de aprendizagem e subgrupos particulares da sociedade, destinada a crianças e adultos;

- Educação informal: aprendizagem obtida ao longo da vida, onde cada indivíduo adquire valores, atitudes, procedimentos e conhecimentos da sua experiência do dia-a-dia e das influências educativas do meio em que se insere.

No seguimento do surgimento destas definições, a UNESCO, foi mudando a sua definição, sendo que em 2006, definiu a educação não formal como “*Organized and systematic learning activity, often associated with work, provided outside the formal educational system*”³.

Segundo o ICOM, a educação nos museus é definida como:

Museum education can be defined as a set of values, concepts, knowledge and practices aimed at ensuring the visitor’s development; it is a process of acculturation which relies on pedagogical methods, development, fulfilment, and the acquisition of new knowledge⁴ (Desvallées & Mairesse, 2013, p.31).

De acordo com Luque (1997, p. 315), foi-se registando por parte de instituições, organizações ou entidades, uma ampla variedade de atividades educativas que não são desenvolvidas dentro de uma estrutura integrada comparativamente ao sistema educativo de um país, o que leva a que devido a esta variedade de atividades, muitas das vezes, as pessoas que participam não sabem que estão a praticar a educação não formal.

Apesar de ser consensual a utilização da terminologia de educação não formal como aquela que se processa nos museus, existem diferenças nas literaturas anglo-saxónicas e lusófonas. Neste sentido, Martha Marandino (2008) refere que:

Os autores de língua inglesa usam os termos informal *science education* (educação informal em ciências) e informal *science learning* (aprendizagem informal em ciências) para todo o tipo de educação que pode acontecer em lugares como museus e ciências e tecnologia, *science centers*, zoológicos, jardins botânicos, no trabalho, em casa, entre outros locais voltados para as ciências. Já os de língua portuguesa subdividem a educação em ciências que ocorre fora da escola em dois subgrupos: educação não formal e educação informal, associando este último aos ambientes quotidianos familiares, de trabalho, do clube, etc. (Marandino, 2008, pp.12-13).

³ Atividade de aprendizagem organizada e sistemática muitas vezes relacionada com o trabalho, obtida fora do contexto formal (tradução da autora).

⁴ A educação nos museus pode ser definida como um conjunto de valores, conceitos e práticas que visam garantir o desenvolvimento pessoal do visitante; é um processo de aculturação baseado em métodos pedagógicos, desenvolvimento, realização e aquisição de novos conhecimentos (tradução da autora).

Ao longo dos últimos anos, tem-se observado que as investigações nas áreas da educação e da museologia, dão ênfase à importância dos museus como espaços culturais e de educação não formal, onde as pessoas têm a possibilidade de aprender através do contacto com o museu, ver, cheirar, e, muitas vezes, tocar e sobretudo sentir os testemunhos patrimoniais (Antas, 2023, p. 105).

Do ponto de vista da museologia, Fernández refere que “a educação é a ação que, pela aquisição dos conhecimentos e da sensibilidade, serve para o enriquecimento do visitante, qualquer que seja o seu nível social e cultural, a sua idade e a sua origem” (Antas, 2023, p.105). A este propósito, é evidente que o museu, como educador, tem a função de comunicar para produzir conhecimento.

Neste sentido, o museu, deve ser encarado, cada vez mais como um espaço de partilha, aprendizagem e construção de conhecimento para todos os intervenientes.

De acordo com Antas (2023, p .106), a comunicação educativa em museus é um processo de mediação entre Patrimónios. Por um lado, o homem enquanto património vivo gerador de memórias, exprimindo-se por objetos e criações de vários tipos. Por outro lado, o homem, enquanto criador de histórias, lendas, mitos, crenças e outras manifestações de carácter imaterial.

São vários os autores que abordam os objetos museológicos nas suas obras. Wilhelm Von Bode, defendia que o objeto para ser observado, deve ser “transladado” para um museu. De acordo com Hernández (2006 cit. por Antas, 2023), Segundo Paul Valéry, o objeto deveria ser mantido no seu contexto original. De acordo com Maroevic (1998), o objeto museológico é um documento, uma mensagem e uma informação.

Neste sentido, o museu faz uma recontextualização, em termos factuais, estruturais e funcionais do objeto (Maroevic, 1998 cit. por Antas, 2023, p. 106).

Roque refere que:

“um objeto ao entrar no museu e ser musealizado é “retirado do seu espaço operacional, que lhe era próprio e para o qual fora criado, e é-lhe conferida uma nova funcionalidade, essencialmente estética, e visual, a que se anexa uma intenção pedagógica.” (Roque, 2010, pp. 49-50)

Van Mensch (1990), refere que o objeto possui quatro níveis de dados distintos (Antas, 2023, p.106):

- “1. Propriedades estruturais ou características físicas do objeto;
2. Propriedade funcionais inerentes à função e utilização do objeto;
3. Contexto, ou seja, o entorno físico e conceptual do objeto;
4. Significado tendo por base o sentido e valor do objeto.”

Segundo Hernández (1998), as exposições constituem o melhor meio de comunicação que um museu tem (Antas, 2023, p. 108).

Lord (2007), refere que a aprendizagem no museu possibilita interesses, valorizações/apreciações, crenças ou valores num contexto informal e voluntário, através de exposições e pelo processo de descoberta individual que estas permitem. De acordo com o mesmo autor, os museus utilizam nas suas exposições recursos museográficos e didáticos porque são cada vez mais dirigidas para o grande público e não tão viradas para especialistas em determinadas temáticas (Antas, 2023, p. 108).

Neste sentido, a museografia didática, de acordo com Santana & Serrat (2005), a museografia didática, tem desenvolvido cada vez mais possibilitando a descodificação do objeto através de um conjunto de ações e técnicas didáticas (Antas, 2023, p. 108).

Através dos pontos de vista anteriores, pode-se dizer que, a comunicação educativa podem ser todas as ações realizadas por mediadores que utilizam uma série de meios didáticos e expositivos, que possibilitam uma comunicação com diversos públicos, possibilitando novas formas de aprendizagem tanto presencialmente como à distância.

De acordo com Gomes (2021, p. 32), à semelhança dos serviços educativos, a expressão “mediação” pode ser inserida em vários contextos e os termos utilizados também não são consensuais, tais como “mediação cultural”; “mediação artística”; “mediação artística e cultural”; “mediação educativa”; “mediação comunitária”; “mediação intercultural”; entre outros. Segundo a autora, sua ação é por vezes confundida com a animação sociocultural, com a educação artística e com as atividades de tempos livres (ATL). No entanto, de acordo com Andrea Pascual et al (2019) o termo “mediação cultural” surge como uma denominação moderna que caracteriza o papel desenvolvido pelos serviços educativos nos museus relativamente à sua relação com o público, formando um ecossistema mais rico e completo de novas metodologias e estratégias de trabalho, assim como de novas categorias profissionais e de agentes da cultura.

Em museologia de inspiração francófona, a utilização dos termos mediador, mediador científico, mediador cultural refere-se ao conjunto de ações realizadas num museu com o objetivo de construir uma ponte entre o que está exposto (observação) e o significado que os mesmos poderão ter (conhecimento) (Desvallées & Mairesse, 2009, p. 47). Desta forma, a mediação procura interagir com os visitantes partilhando experiências que criem referências comuns. A mediação é considerada por Desvallées & Mairesse, uma estratégia de comunicação educativa que utiliza diferentes tecnologias de volta das coleções expostas, tendo como objetivo dar aos visitantes os meios para entender melhor determinados aspetos e para que haja partilha na apropriação dos objetos (2009, pp.47-48).

No que diz respeito à tradição anglo-saxónica e americana, a mediação assume um papel mais abrangente. Nesta perspetiva é utilizado o termo interpretação como mediação, assim: “a interpretação materializa-se nas ações interpessoais e nas ajudas que reforçam a exposição direta dos objetos de modo a sugerir o seu significado e a sua importância.” Desta forma, “leva os visitantes a entender, depois a apreciar e finalmente a proteger o património que apropria como sendo seu.” (Desvallées & Mairesse, 2009, p. 48).

Pode-se concluir que, por um lado, a mediação numa perspetiva francófona, são estratégias de comunicação educativa que permitem a interação e participação dos visitantes de forma a construírem eles próprios as suas interpretações de património. Por outro lado, no contexto anglo-saxónico e americano, a mediação é uma forma de interpretação que leva os visitantes ao conhecimento e a desenvolverem atitudes de preservação do património, isto é, a mediação interpretativa, é educação patrimonial.

I. 3.2 Os museus como espaços educativos e de aprendizagem e a importância dos serviços educativos

Com o passar dos anos, o conceito de museu foi mudando e com ele foi desaparecendo a ideia de que estes espaços são meros repositórios de objetos, sendo considerados lugares de desfruto, promovidos pela educação e a aprendizagem ativa.

Para Talboys (1996), a aprendizagem no museu não deve ser um produto final, mas sim um processo ao longo da visita (Nunes, 2013, p. 16). Desta forma, o museu deverá propor aos seus visitantes novos desafios, promovendo a reflexão e fomentando a aprendizagem ativa onde o visitante tem o papel principal uma vez que é autor dos seus próprios conhecimentos.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que foram surgindo algumas profissões reconhecidas na área dos serviços educativos em museus, graças ao aumento do número de obras relacionadas com o tema, sendo acompanhadas por programas de pós-graduação em educação de museu, posições profissionais para educadores de museus, entre outros (Hein, 2011, p. 340). De acordo com (Padró, 2005, p. 55), os museus têm vindo a apostar cada vez mais em serviços educativos, nos quais os mediadores educativos ou “mediadores de aprendizagem”, têm uma especialização cada vez maior em áreas de educação, o que assegura uma relação estratégica importante com os públicos escolares, que são o tipo de público que se destaca no que respeita aos tipos de público destinatários de ações educativas (Antas, 2023, p. 107). É neste sentido que o conceito começa a ganhar outra forma, isto é, existe uma maior preocupação em tornar o museu num lugar de aprendizagem e conhecimento. Tudo isto representa uma mudança, fazendo com que muitos museus passassem a ter uma equipa que se dedicasse à educação.

Foi no século XIX que os museus foram reconhecidos como instituições educacionais. Porém, foi apenas mais tarde que a educação passou a ser uma função mais especializada destes espaços.

De acordo com Nunes (2013, p. 13), os primeiros países a dar a devida importância à educação em museus foram os Estados Unidos da América e o Reino Unido.

Contudo, o termo “educação” nem sempre foi utilizado, sendo preferível por alguns autores da área da museologia, utilizar o termo “interpretação”. Como é o caso de Alexander (1979), que na sua obra *“Museums in Motion: An Introduction to the History and Function of Museums”*, possui um capítulo sobre interpretação, mas nenhum sobre educação. (Hooper-Greenhill, 1991 cit. por Hein, 2011, p. 340). No entanto, qualquer que seja o termo utilizado, a educação tem tido um papel importante e cada vez mais especializado nos museus.

Atualmente, os museus são vistos como espaços de aprendizagem, onde existe um permanente diálogo na interpretação do património exposto, transmitindo assim, a informação.

A aprendizagem nestes espaços é diferente da aprendizagem no contexto escolar e caracteriza-se por alguns fatores como: a relação com o objeto e o ambiente físico, o voluntarismo; o apelo à emoção; a autonomia de escolha da pessoa que está a aprender sobre o que aprender e em que ritmo, e a não-sequencialidade, entre outros (Almeida, 1997, cit. por Almeida e Martinez, 2014, p. 722). Pode-se dizer, que existe de certa forma, uma maior liberdade de seleção e organização de conteúdos.

De acordo com João Costa (Antas, Medvedec. & Nogueira 2023, p.41), o imediatismo que a tecnologia tem trazido, faz viver muito o presente e a incapacidade de o questionar à luz do conhecimento adquirido ao longo do tempo. Este é um dos papéis da educação cultural e da necessidade de sair da sala de aula e trabalhar concretamente junto dos agentes culturais. Desta forma, conseguem-se relacionar melhor as opções do presente com as consequências de opções idênticas do passado. Para perceber o parágrafo anterior, o autor dá o exemplo da desumanização do refugiado de hoje comparando-a com a desumanização da vítima do holocausto no passado. O mesmo conclui que, quando desumanizamos o outro transformando-o numa estatística ou notícia, estamos a desumanizarmo-nos a nós próprios porque se perde a empatia que permite a boa decisão.

Neste sentido, Costa considera que a educação cultural, é uma forma de preservação da humanidade (Antas, Medvedec. & Nogueira 2023, p.41). Não cultivar a educação cultural, significa perder o conhecimento, sobretudo porque não se experiênciamos, não se relativiza e não se interpreta.

Nos espaços museológicos, ao contrário da educação formal, a aprendizagem é promovida com base na criatividade, na exploração e aquisição de ferramentas que permitam, posteriormente, chegar a resultados (Hooper-Greenhill, 1998, cit. por Nunes, 2013, p. 14). Desta forma, o museu torna a visita muito mais ativa, contribuindo ao mesmo tempo para a aprendizagem dos seus visitantes e criar memórias.

Falk e Dierking (1992), na obra *“The museum experience”*, definiram um modelo de experiência interativa (interactive experience model) nos museus (Figura 1), tornando

ainda mais visíveis as relações que podem ocorrer durante uma visita, tendo em conta os seus antecedentes e os fatores relevantes posteriores.

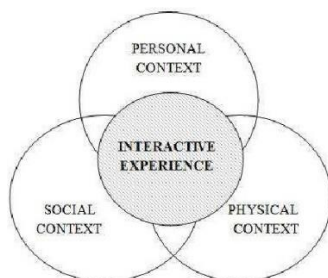


Figura 1- Interactive Experience Model

Fonte: Falk &Dierking, 1992, p.176.

Neste modelo, a visita ao museu é interpretada como a interseção de três contextos: o pessoal, o físico e o sociocultural.

No que respeita ao contexto pessoal, pode-se dizer que este incorpora uma variedade de experiências e conhecimento do conteúdo do museu, tornando-o único, pois este varia de pessoa para pessoa. Para além disso, este contexto também inclui os interesses, motivações e preocupações dos visitantes.

Relativamente ao contexto social, este influencia muito a perspetiva do visitante, porque apesar de grande parte das pessoas visitarem os museus em grupo e socializarem entre eles, aqueles que visitam sozinhos também acabam por socializar, ou com outros visitantes ou com o *staff*.

Acresce que a experiência de visitante para visitante difere. Por exemplo, visitar o espaço com uma pessoa de dezoito anos, é diferente de visitar o mesmo espaço com uma pessoa de oitenta; ou mesmo visitar com dois filhos pequenos; ou por exemplo, visitar com alguém bem informado relativamente ao espólio.

O museu é um espaço físico, que os visitantes podem geralmente visitar livremente. O contexto físico inclui a arquitetura e a sensação do edifício, assim como os objetos nele contidos. Fatores como o comportamento do visitante, o que este observa e o seu conhecimento, são fortemente influenciados pelo contexto físico.

Desta forma, cada contexto é construído pelo visitante e a interação entre eles cria a experiência do visitante. É através destes que se constroem as experiências e aprendizagens, fruto das visitas.

Os autores Falk e Dierking (2000), aperfeiçoaram o seu modelo de experiência interativa (*interactive experience model*) nos museus, abordado anteriormente, onde incluíram a dimensão temporal, ou seja, a aprendizagem passou a ser considerada um processo que ocorre em diferentes tempos de pessoa para pessoa (Almeida (2005, p. 33),

Para Almeida (2005, p. 33), esta nova versão denominada pelos autores de “modelo contextual de aprendizagem (*contextual model of learning*)”, parece ser melhor que a anterior uma vez que contribui, de certa forma, para o desenvolvimento/evolução, pois segundo a autora, algumas pesquisas indicam que elementos vistos numa exposição podem servir de base para a construção de um novo conhecimento muitos meses, ou até anos depois, da experiência da visita.

No entanto, a mudança de paradigma dos museus, em que a atenção é transferida do objeto para o visitante, favoreceu o aumento de reflexões no que respeita ao caráter educativo destes espaços, aumentando assim, as ações e discussões voltadas para a temática (Figurelli, 2012, p. 38). O que significa que passou a existir uma maior preocupação em transmitir o máximo de informação que leva à aprendizagem, do que simplesmente expor o objeto.

Para Hooper-Greenhill (1998) cit. por Figurelli, (2012, p. 38), este interesse pelo potencial educativo do museu deve-se às pessoas que lá trabalham que referem que os museus podem e devem ter uma importância social mais ampla. Tudo isto vem reforçar a ideia de que são estas convicções destes profissionais que levam ao desenvolvimento deste tema.

Este crescente interesse pelo potencial educativo, tem sido acompanhado pelo aumento de ações educativas nas instituições culturais, nomeadamente, museus. São exemplos atividades, programas e projetos educativos, inseridos nos programas dos espaços.

De acordo com Schubert (2009) cit. por Marques (2011, p. 38), os públicos são hoje mais viajados e conscientes da diversidade cultural, mais informados, frequentando cada vez mais os museus, dentro e fora da sua cidade. Neste sentido, pode-se dizer que o

público tende a dar mais atenção à aprendizagem que ocorre durante a visita aos espaços culturais.

As mudanças sociais, culturais e económicas que se observam atualmente, tendem a mudar o significado das instituições culturais uma vez que é nestes espaços que se encontram objetos que representam uma ou várias culturas, como refere De Luca (2016) na obra “*Comunicare la Cultura*” (p. 97). Neste sentido, o museu passou a ser um espaço social e mais procurado, tendo em conta que existe uma maior preocupação em preservar o património cultural.

Com estas mudanças, os museus, para além da conservação e exposição dos seus espólios, passaram a ter outras preocupações para atrair cada vez mais público. Assim, grande parte das atividades destes espaços, tornam-se funcionais e mais ativas, no sentido de interpretar e comunicar o património existente. É neste sentido que surgem os serviços educativos.

Sendo o museu um espaço educativo, é necessário criar condições necessárias para se tornar num espaço de aprendizagem. Segundo Nunes (2013, p. 15), a existência de um serviço dedicado à educação será muito importante no contacto com os públicos, atendendo às suas expectativas. Tendo em conta que este serve como uma “ponte” entre o museu e os públicos, é necessário que este serviço seja de qualidade, devidamente planeado e pensado, com boas estratégias, uma vez que os visitantes têm tendência a ser cada vez mais exigentes. São muitos os equipamentos que atualmente promovem serviços e projetos educativos com o objetivo de responderem à necessidade de formação de públicos.

De acordo com Eça (2010, p. 277), todas as pessoas são agentes ativos na sua própria construção de conhecimentos e, neste sentido, os serviços educativos poderão contribuir para essa consciencialização enquanto espaços de transmissão de conhecimento.

Os museus de hoje são vistos como instituições que contribuem para o enriquecimento cultural dos seus visitantes não de uma forma autoritária ou pré-concebida, mas sobretudo onde o visitante participa ativamente em experiências culturais, expondo os seus conhecimentos e experiências (De Luca, 2016, p. 104). Neste sentido,

ter um serviço educativo nestes espaços, significa preparar ações que visem desencadear processos de aprendizagem.

Segundo Sara Barriga e Susana Silva (2007, p. 28), o serviço educativo “corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere mesmo que de maneira informal, que desenvolve ações dirigidas ao público, com objetivos educativos”, comprovando o facto de os museus estarem dependentes de recursos mínimos específicos. Neste sentido, uma das principais funções dos serviços educativos nos museus, é de âmbito educacional, tendo em conta que os museus de hoje têm uma função educativa que se articula às restantes funções museológicas de estudo e de investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição.

Assim sendo, a inexistência destes recursos impossibilita os museus de estarem dotados de um serviço nesta área e, conseqüentemente, de desenvolverem atividades de cariz educativo. Desta forma, os museus que possuem os recursos específicos necessários para implementar atividades educativas, têm uma maior capacidade de estimular o desenvolvimento educativo e cultural dos visitantes.

Clara Frayão Camacho define "serviço educativo" (SE) como uma estrutura organizada com recursos mínimos, especialmente humanos, diferenciando-o de ações educativas pontuais que são atividades educativas irregulares e sem uma estrutura devidamente estruturada e formalizada. A autora refere que, embora a expressão "serviço educativo" seja amplamente usada, existem outras denominações como "serviço de educação", "serviço de ação cultural", "serviço de extensão cultural" e "serviço de ação comunitária". A autora destaca que o uso dessas expressões está relacionado com a época em que foram utilizadas: as duas primeiras nas décadas de 1970 e 1980, e as duas últimas a uma utilização mais recente. (2007, p.28)

O papel desempenhado pelos serviços educativos das instituições museológicas prende-se com a necessidade de desenvolver programas e atividades nesse âmbito diversificando a oferta cultural e pedagógica da instituição. Nesta perspetiva, a promoção de um diversificado conjunto de eventos e iniciativas nos museus tem como finalidade a participação dos indivíduos nestas atividades.

Elisabete Anastácio (2009, p. 10) refere que os projetos dos serviços educativos dos museus têm como principal objetivo a transmissão de informação sobre o museu e os seus acervos. Além deste aspeto, os projetos em questão incentivam desenvolvimento social, cultural e cognitivo do público visitante, fomentando a compreensão dos objetos expostos. Um dos papéis assumidos pelos serviços educativos é o estímulo à descoberta e o apelo à criatividade e imaginação dos visitantes permitindo a partilha de saberes e formação de um sentido crítico.

De acordo com a mensagem de David Felismino, presidente do ICOM Portugal, no Dia Internacional dos Museus 2024, os museus devem promover valores que estejam associados à democracia e à participação cívica, devem ser espaços de encontro e união que contribuem para o diálogo intercultural, a coesão social, a saúde e o bem-estar das comunidades locais.

Tendo em conta a nova definição de museu, em que estas instituições assumem cada vez mais um papel de agentes sociais, promovendo a inclusão e a abertura às comunidades, caberá aos museus enfrentar e abraçar os desafios colocados por públicos cada vez mais diversificados e exigente. Neste sentido, a investigação e a Educação deverão caminhar lado a lado, respondendo aos desafios do presente e do futuro.

Os Serviços Educativos ocupam um lugar cada vez mais central, se não o mais importante, nas instituições museológicas, funcionando como mediadores, intermediários e facilitadores que, de forma criativa, escutam, dialogam e ajudam a pensar, transmitindo conhecimentos, capacidades e atitudes que permitam uma efetiva ação humana, potenciando a construção de uma cidadania ativa e participativa, assente na justiça social e na equidade. Neste contexto, os mediadores culturais contribuem na transformação dos museus em espaços efetivos de democracia cultural e democratização da cultura.

I.3.2.1 A importância das visitas guiadas nos museus

A visita guiada ocupa um lugar de destaque na relação entre o museu e os seus públicos, merecendo ser gerida com uma maior consciência sobre o impacto que poderá ter no crescimento da relevância social da instituição.

A atividade pioneira dos serviços educativos foram as visitas guiadas, uma atividade que se tornou permanente na grande maioria das instituições culturais. A componente de permanência da visita guiada, contrastando com uma visita de forma esporádica, faz com que a fidelização do público para com a instituição cultural seja mais fácil e de maior expressão (Senha & Costa, 2015, p. 164).

Uma vez que os museus pretendem fortalecer as relações com as pessoas, a visita guiada é um método que promove a sociabilidade, pois implica a presença de um recurso humano.

De acordo com Jan Swagerman (1991):

“Museum guides can function primarily as hosts, that is, as providers of advice and information. They can share their own experience, or help in integrating old knowledge with new. Often it will be the guide’s enthusiasm and inspiration that will be most important; no machine, however sophisticated, can respond to a visitor’s” (p. 195).

O autor reconhece no guia a capacidade de proporcionar melhores experiências, originando memórias mais duradouras que influenciam muito mais a educação das pessoas.

Erminia Pedretti realça a importância do diálogo:

"Mediation through language is critical to learning. A focus on language promotes developing interest in reading critically and actively about science, competence in scrutinizing claims and arguments made in the press, and the ability to others (Wellington & Osborne, 2001)" (2007, p. 129 cit. por Silva, 2011, p. 17).

O diálogo é outra característica que distingue a visita guiada, onde são expressos os sentidos, emoções e a reflexão, com a interação entre o guia e os visitantes.

Para além disso, é também abordada em estudos que verificaram o impacto a longo prazo nas famílias que realizaram visitas guiadas aos museus. Apresentaram-se, portanto, duas conclusões: a primeira refere que a memória resulta do nível de afetividade vivida na experiência; e a segunda indica que esta fica mais bem consolidada perante a

realização do debate, da partilha de sentimentos e de opiniões (Anderson, Storksdieck & Spock, 2007, p. 200 cit. por Falk, Dierking & Foutz, 2001, p. 200).

Através do diálogo, o guia consegue obter informações sobre os visitantes que acompanha, obrigando-o a adaptar a visita guiada às diversas circunstâncias como a duração, o ritmo, o tom de voz, o vocabulário utilizado, as questões ou comentários, o percurso, entre outras.

As visitas guiadas servem também para comunicar qualquer espaço ou domínio trabalhado pelos museus. Estes espaços têm como função interpretar o património nele existente, sensibilizando os visitantes para o conhecimento e preservação do mesmo.

No entanto, estes espaços não se limitam apenas às interpretações que fazem sobre os seus acervos, mas também pelas formas como o fazem. Todos os domínios desenvolvidos pelos museus possibilitam a criação de novos públicos cujo interesse não é exclusivamente o seu espólio, mas também nas suas extensões operantes.

São inúmeras as vezes que os museus recebem solicitações do exterior que procuram informações sobre a gestão de coleções, acessibilidade física e conceptual, a organização de arquivos, sobre a conceção arquitetónica do edifício, sobre páticas de restauro, sobre as relações com o público. Todas estas temáticas podem ser comunicadas através de uma visita guiada (Silva, 2011, p. 19).

Desta forma, pode-se dizer que as características acima referidas, despertam o interesse pela visita guiada, tonando-a uma estratégia capaz de mudar comportamentos e pensamentos, mostrando a relevância social do museu.

I.3.2.2 A programação de atividades e os diversos públicos

A partir da segunda metade do século XX, os públicos culturais em geral, e dos museus em particular, alteraram-se muito. Fatores como a globalização, a expansão económica, o turismo cultural e a crescente acessibilidade da cultura, impulsionaram esta mudança (Marques, 2011, p. 38).

A sociedade da informação e do conhecimento tem vindo a colocar desafios e transformações às instituições que se dedicam à troca de informação e à formação de conhecimento, nas quais se incluem os museus. Como consequência, os museus têm a

necessidade de repensarem em novas estratégias de relacionamento com os públicos e com as coleções, repensando e reequacionando os seus espaços e as formas para este encontro (Silva, 2006, p. 161).

De acordo com Faria et al (2013, p. 19) uma das tendências mais significativas na teoria e na prática museológica, a nível internacional, tem sido a orientação para os visitantes. Atualmente, com a evolução do conceito de museu e, tendo em conta a sua função social, é o público que confere sentido à existência destas instituições.

Segundo Sara Brighenti, a ideia de que as instituições culturais são locais de emancipação da sociedade, fundadores de consciências críticas e agentes construtivos de mudanças nos vários ramos do conhecimento e das expressões, constituiu a razão que justifica a atualização da função educativa destes espaços. Neste sentido, existe a necessidade de criar metodologias práticas ao nível da gestão dos serviços educativos e, é neste contexto que surge o Plano de Ação Educativa (PAE). Neste documento são esclarecidas, de forma clara e concisa, as metas, objetivos, e estratégias de âmbito pedagógico, tendo por base a política da instituição e a responsabilidade que esta poderá assumir perante as comunidades a quem dirige a oferta programática (Barriga & Silva, 2007, p. 43). De acordo com a mesma autora, o PAE, assume-se como um instrumento político e operacional, de creditação da instituição nas suas vertentes pedagógica e cívica que acompanha pormenorizadamente a sua transformação. Neste sentido, Sara Brighenti, levanta algumas questões muito pertinentes para as quais se procuram respostas no quotidiano de um serviço educativo: “Que atividades educativas posso oferecer aos públicos de todas as idades? Quais são os públicos-alvo, reais e potenciais? Quais as suas expectativas e necessidades? Que parcerias necessito de estabelecer para qualificar a oferta educativa? Como planificar uma rede de contactos? Como incrementar os escassos recursos? Como é que o projeto educativo poderá ser avaliado e potenciado? Que metas? Que objetivos? Que estratégias?” (Barriga & Silva, 2007, p. 44). Para conseguir orientar os profissionais neste campo de identificação e de gestão, a autora, propõe a elaboração do PAE, que está na base da implementação e do desenvolvimento de um programa coerente e eficaz. Neste sentido, para conseguir responder às necessidades dos diferentes públicos dos museus, é necessário programar uma oferta

educativa adequada através de uma abordagem bem estruturada e estratégica que garanta uma programação relevante e eficaz para todas as idades e interesses.

Os públicos dos museus são definidos como as pessoas que frequentam estas instituições, mantendo relações com elas, tendo interesse pelos seus programas e atividades (Garçon, s.d, cit. por Santana, 2010, p. 17).

Tendo em conta que existe uma grande variedade de públicos e de museus, tentar perceber o motivo que leva as pessoas a estes espaços, o que elas lá fazem e o que eles poderão fazer, são desafios muito importantes.

Segundo Nunes (2013, p. 11) é o público que confere sentido à existência e ao papel dos museus. Pode-se dizer que o público é o motivo da existência destas instituições e é para ele que estas trabalham.

Sara BARRIGA Brighenti, realça a importância do público nos museus, através de algumas questões que serviram de ponto de partida para a instalação do Museu do Dinheiro:

É olhar para todo o espaço e pensar – aqui as pessoas vão sentir-se bem? Este é um espaço ideal para transmitir estes conteúdos? Este tipo de linguagem é acessível? Há espaço para descansar? Está à altura de todos os visitantes? O som é uma ferramenta útil ou vai criar distração? São perguntas que durante a instalação do museu foi importante que as colocássemos porque senão faríamos um museu para nós e não para a diversidade de públicos (Carvalho, 2016, p. 27).

Através das questões acima transcritas, são visíveis a importância que o público tem na gestão de um museu e as diferentes preocupações que se devem ter para que a visita também tenha sucesso.

BARRIGA (2016, cit. por Carvalho, 2016, p. 38) diz que o seu papel foi “fazer de advogado dos públicos”. No entanto, a autora defende também a importância que os objetos podem ter na relação com o público:

Quem está numa linha da Museologia mais contemporânea olha sempre para o objeto como uma forma para passar conhecimento. Porque é que aquele objeto vai ser relevante na vida de alguém? Tendo isso em mente fez com que nos preocupássemos não só na maneira como apresentamos o objeto, mas também pensar que esse objeto é importante porque é um repositório de conhecimento e não apenas pelas suas características formais. O objeto é relevante porque evoca algo que é

importante. O que o visitante leva é sobretudo uma história para contar, o visitante não leva o objeto com ele. E isso é para mim essencial na forma como vejo o museu (Barriga, 2016, cit. por Carvalho, 2016, p. 38).

Neste sentido, pode-se dizer que é importante pensar na forma como se expõe cada objeto, tendo sempre em conta que este também é transmissor de conhecimento e informação e tem assim um papel fundamental no museu.

Assim, para que a importância dos museus seja reconhecida, será necessário conhecer bem o seu público, de forma a responder às suas necessidades.

Desta forma, a instituição consegue adequar a sua oferta à procura (Falk e Dierking, 1992, p. 129). De acordo com Hooper-Greenhill (1994, p. 214) cit. por Nunes (2013, p. 12) é de fulcral importância perceber qual o seu público-alvo, não apenas os visitantes efetivos, mas também os potenciais. Ou seja, um dos objetivos principais dos museus é captar cada vez mais a atenção dos diferentes públicos, de forma a aumentar a sua procura.

Segundo os mesmos autores, o público dos museus caracteriza-se pela heterogeneidade, existindo assim características que distinguem cada visitante: a comunidade a que pertence, o seu contexto social e político, gostos e diferentes necessidades. Assim, cada instituição deverá ter em conta os fatores anteriormente referidos com o objetivo de responder às necessidades dos seus visitantes.

Embora haja diferenças entre os visitantes, existem alguns elementos comuns, que permitem criar tipologias e dividi-los por segmentos, geralmente por faixa etária (Nunes, 2013, p. 12). Desta forma, é importante que cada instituição adapte a sua oferta tendo em conta a idade do seu público.

Para poder ir de encontro às necessidades de cada segmento, os museus recorrem a dados qualitativos (Falk e Dierking, 1992, p. 124 cit. por Nunes (2013, p. 12). Esta estratégia irá auxiliar a tirar conclusões no sentido de atingir as metas pretendidas e definir estratégias para captação de públicos.

A avaliação qualitativa teve origem nos anos 60, nos EUA e no Reino Unido, foi-se desenvolvendo em paralelo com o estudo de públicos e com o marketing (Kotler e Kotler, 2004, pp. 167-186, cit. por Nunes, 2013, p. 12).

De acordo com Hein (1994), na avaliação é importante saber o que realmente acontece nos programas de museus e saber se o que acontece, é realmente o que se pretende (Nunes, 2013, p, 13). Esta avaliação funciona essencialmente como prova de resultados, isto é, permite aos profissionais dos museus conhecerem o sucesso ou insucesso das suas práticas e, mediante o resultado, definir ou redefinir estratégias para melhorar o seu funcionamento.

O objetivo é tornar a visita mais atrativa, contudo não é tudo, é necessário ter em conta outros fatores muito importantes, como o espaço arquitetónico, a informação que se disponibiliza, o design expositivo, os espaços de descanso e o acolhimento por parte dos profissionais do museu (Silva, 2007, p. 58-59).

Porém, conhecer o público não é suficiente para o bom funcionamento e gestão do museu, é necessário saber comunicar e conhecer bem as coleções do espaço, tendo em conta que apenas conhecendo o património em questão, será possível transmitir conteúdos através de uma oferta educativa (Black, 2005, cit. por Nunes, 2013, p. 15). Para tal, é importante pensar em estratégias de comunicação, no que vai ser comunicado e como vai ser comunicado. É, portanto, à volta das coleções que a aprendizagem deve acontecer e o contacto direto é essencial.

De acordo com Nunes (2013, p. 12), até há uns tempos, o visitante era visto como um “recipiente” de informação e um ser mais passivo, limitando-se a absorver o que lhe era transmitido e, conseqüentemente utilizavam-se modelos simples de comunicação. A mesma autora refere que, segundo o modelo construtivista, o visitante de hoje, é caracterizado como sendo um ser mais ativo, que reflete e pensa no que lhe é transmitido, não se limitando apenas a absorver a informação. Neste sentido, é necessário que os modelos de comunicação estejam em consonância com as características dos visitantes de hoje.

As primeiras ações educativas realizaram-se de uma forma espontânea, e só com o avançar do trabalho desenvolvido começaram a ser mais consistentes (Figurelli, 2015, p. 118). No entanto, ainda hoje, alguns museus, apesar de não possuírem serviço educativo, fazem pontualmente atividades educativas. Com o início dos primeiros serviços educativos, começaram-se a criar atividades pedagógicas, direcionadas quase exclusivamente para a comunidade escolar.

A introdução das exposições temporárias levou a que existisse um maior dinamismo nos museus, um maior interesse por parte das pessoas e, como consequência, um maior desafio para os colaboradores dos museus. É necessária uma constante atualização do assunto e ajustar o discurso ao público presente, além disso, o serviço educativo tem de estar em constante renovação das suas atividades relativamente às exposições, uma vez que elas mudam ao fim de um determinado tempo (Moura, 2011, p. 8).

A função educativa dos museus resultou numa estreita ligação com a escola e, assim, as crianças em idade escolar, tornaram-se o primeiro público-alvo dos serviços educativos. Neste sentido, o museu começou a funcionar com um complemento do que era lecionado nas escolas, uma forma de aprendizagem mais lúdica e informal. Apesar de alguns trabalhadores de serviços educativos afirmarem que são conhecedores de uma forma muito geral dos programas escolares, a maioria desconhece-os, o que dificulta a relação da matéria dada na escola com as atividades que os alunos possam vir a desenvolver no museu. Não obstante, alguns deles afirmam que esse desconhecimento dos currículos escolares se deve à constante mudança dos mesmos: “A maioria dos profissionais dos museus não conhece os currículos escolares; no entanto, quando o docente contacta com o serviço educativo no sentido de preparar uma visita, deve indicar quais os aspetos que pretende tratar e realçar.” (Feio, 2014, p. 60).

João Pedro Fróis (2008, p.71) refere que “(...) o “potencial educativo” dos museus aumenta quando se apresentam aos alunos oportunidades para estabelecerem um encadeamento entre a experiência no museu com a experiência na sala de aula.”

Desta forma, a relação entre museu e escola beneficia a formação autónoma dos alunos, devendo as instituições museológicas providenciar uma tão elevada quando possível qualidade de aprendizagem, complementando com a experiência facultada pelas instituições de ensino.

Elisabete Anastácio (2009, p. 10), refere que os serviços educativos dos museus impulsionaram a comunicação entre as instituições museológicas e as do ensino, ampliando os respetivos recursos educativos. A implementação de equipamentos multimédia criou formas inovadoras de interação do público com os conteúdos presentes nos museus. Desta forma, os serviços educativos dos museus incorporam novas

tecnologias consoante os objetivos estipulados pela direção dos mesmos. A integração de novas tecnologias nos serviços educativos das instituições museológicas implica a existência de recursos adequados para a instalação de equipamentos modernos e inovadores. Para este efeito, os museus necessitam de introduzir conteúdos multimédia, recorrendo a uma equipa especializada, de modo a tornar possível a aplicação pedagógica desejada por estas instituições. A mesma autora acrescenta que os museus devem “(...) proporcionar aos seus visitantes experiências de aprendizagem eficazes, combatendo as dificuldades mais comuns e atualizando, tanto quanto possível, os instrumentos pedagógicos que utilizam de acordo com as exigências sociais” (Anastácio, 2009, p. 21). Neste sentido, é evidente a necessidade constante dos museus em corresponder às necessidades da sociedade. A implementação de novas tecnologias nos seus acervos, vem promover a valorização das suas aptidões como instituição de índole pedagógica.

O papel do Serviço Educativo vai muito além de criar parcerias com escolas, este proporciona mediação, diálogo e encontro entre as comunidades e as instituições, conforme afirmam Barriga e Silva (2007). Para isso, os pilares dos serviços educativos devem ser coerentes e consistentes.

A missão educativa tem de abranger todos os tipos de público, independentemente da sua faixa etária, tornando-o inclusivo. Além das atividades direcionadas ao público infantojuvenil, as instituições museológicas, muitas vezes com o recurso a outras entidades, alargam as suas atividades educativas a todos os tipos de público incluindo as famílias, os idosos e grupos minoritários, como pessoas com incapacidades físicas e mentais e os imigrantes.

Em suma, o museu não só contribui para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos e do público visitante em geral, como também favorece o progresso da sociedade, pois em ambos os casos todos adquirem conhecimento útil para a vida. Dada a heterogeneidade dos públicos, torna-se imprescindível para os museus procurar conhecer bem as necessidades dos seus visitantes e assim adaptar a sua oferta, de forma a fidelizá-los.

I.3.2.2.1 Atividades para crianças, jovens e grupos escolares

Quando se fala de crianças e património requer-se uma abordagem à luz dos direitos humanos, pois todas as crianças nascem com direitos. No entanto, sabe-se que anualmente, o nascimento de milhões de crianças não é registado, devido à pobreza, ignorância, isolamento e aos perigos da distância (Gubernatis, 2009, p. 4). Estas crianças acabam, por ser esquecidas e não usufruem de direitos como deveriam.

O primeiro património das crianças é aquele que é transmitido pelos pais, isto é, o património genético (Gubernatis, 2009, p. 4).

Falar de identidade e proteção, implica falar de raízes e memória, isto é, falar em património – natural, edificado ou cultural – e também no seu conhecimento, permitindo o acesso à educação, um direito de todas as crianças, mas que ainda está longe de ser uma realidade em todos os países (Gubernatis, 2009, p. 5). O património é o dia-a-dia das pessoas, é considerado um fator de enriquecimento pessoal, de prazer e de investimento.

Contudo, falar de património e crianças, nem sempre é fácil e torna-se um desafio para os profissionais das instituições culturais e, neste caso em concreto, dos espaços museológicos.

De acordo com Canavarro & Barriga (2009, p.7), a maior fatia de público escolar é de crianças até ao 9º ano, sendo o ensino secundário o menos frequente. Para além deste, são de destacar as famílias, que surgem da vontade do alargamento à comunidade por parte dos museus.

Porém, estar pronto para receber crianças e jovens não é suficiente, é necessário tornar os ambientes propícios e motivadores para aprendizagem. É neste sentido que surge a necessidade da programação de atividades incentivando as boas práticas.

Alguns estudos demonstram que as visitas escolares a museus podem gerar, no ponto de vista afetivo, um sentimento de prazer, interesse, entusiasmo, motivação e vontade de aprender (Pedretti, 2002 cit. por Faria, 2013, p. 34). Desta forma, é importante que as programações destas instituições culturais sejam compostas por atividades que consigam captar a atenção deste público.

É muito habitual alguns pais e docentes ficarem surpreendidos com os conhecimentos e entusiasmo das crianças quando visitam sítios e museus. De acordo com Canavarro & Barriga (2009, p.8), isto acontece porque nestes locais a história e a arte

ganham vida e, a presença concreta e palpável das coleções, permite associar imagens, cheiros, sensações e ideias. Neste sentido, nas programações das atividades deve-se ter sempre em conta o lado lúdico, que é um aspeto que chama a atenção das crianças.

No que respeita às atividades educativas promovidas pelos museus para faixas etárias mais baixas, destacam-se as visitas orientadas, as oficinas, as dramatizações e os jogos, acompanhados por diversos materiais pedagógicos, evidenciando-se maletas pedagógicas, edições didáticas e o recurso às novas tecnologias.

Em regra geral, é dominante a oferta de programação destinada a crianças que frequentam os 1º e 2º ciclo, sendo em menor escala as destinadas ao pré-escolar e secundário. (Camacho, 2007, p.33). Neste sentido, os museus têm como objetivo adaptar as diversas atividades de acordo com os diferentes ciclos escolares.

No que respeita às visitas orientadas, estas são preparadas de forma temática e abordam assuntos específicos das coleções museológicas, tratados de acordo com agrupamentos cronológicos, disciplinares ou temáticos. Existe também uma grande oferta no que respeita a oficinas, ateliers e workshop, sendo das atividades que mais procura têm, seja por parte das visitas escolares, seja em contexto de educação não formal, por exemplo, os programas familiares. Tem-se verificado nos últimos anos, o surgimento de atividades dirigidas em específico para famílias e diferentes gerações, envolvendo, por exemplo os avós. (Camacho, 2007, pp. 33-35).

Segundo Canavarro & Barriga (2009, p.8), o jogo é umas das atividades mais atrativas que incentiva a aprendizagem. O “faz-de-conta”, permite que os mais jovens tentem dar o seu melhor, através da simulação de situações reais ou virtuais. Neste tipo de atividade, as crianças excedem-se, pois estão num ambiente controlado e sentem a necessidade de dar o seu melhor. Para além disso, o jogo também promove o pensamento.

Este tipo de atividades permite que a criança esteja no centro do processo, pois dão a oportunidade de desenvolver competências transversais psicomotoras, não se restringindo apenas ao conhecimento de um determinado edifício e da sua história, uma vez que poderão ser abordadas diversas áreas, que são abordadas em contexto escolar, por exemplo.

Hoje em dia são também muito comuns as atividades sazonais e enquadradas os diferentes períodos do ano, como é o caso do Natal, Páscoa, férias de Verão, programadas tendo em conta a época de férias escolares.

No que respeita a pontos altos do calendário das atividades educativas destaca-se no mês de maio, o Dia Internacional dos Museus, que tem evoluído de um enfoque quase exclusivo no público escolar para um aumento da diversidade da oferta destinada a vários públicos.

Mais tarde, surge a “Noite nos Museus”, uma atividade que nasceu já voltada para a captação de públicos jovens e adultos. Para além disso, tem-se também registado um aumento das edições pedagógicas, que vieram introduzir na ação educativa uma qualidade gráfica superior e possibilidades acrescidas de divulgação (Camacho, 2007, p. 34). Neste sentido, esta estratégia torna-se um impulsionador na divulgação do património existente nos museus, por um lado oferece informação e, por outro, contribui para a preservação do mesmo.

De acordo com Canavarro & Barriga (2009) existem (pelo menos) três contextos a ter em conta na noção de que qualquer vivência do património é considerada uma experiência complexa e interativa, que incentiva a aprendizagem em contexto patrimonial (pp. 8-9):

- Contexto físico – do qual fazem parte o monumento ou coleção, toda a informação à sua volta (considerada a maior preocupação dos profissionais da conservação e gestão do património), o espaço e as condições físicas da envolvente oferecidas aos visitantes;

- Contexto social – do qual fazem parte todas as relações que se estabelecem na visita (amigos, colegas, funcionários, docentes, escolas ou outros visitantes). Toda a aprendizagem é partilhada pelo grupo, resultando das relações que se estabelecem entre os elementos. Não existe uma visão única do objeto, mas sim um somatório das diversas perspetivas;

- Contexto pessoal – do qual fazem parte as experiências de vida e os conhecimentos prévios obtidos.

É através destes contextos e exemplos de atividades acima mencionados, que se estruturam experiências de aprendizagem que ficarão na memória dos jovens.

Pode-se dizer que nenhum encontro entre crianças e o património é igual, cada um pode ter a sua visão dos objetos.

I. 3.2.2.2 Atividades dirigidas a adultos e pessoas com necessidades especiais

Atualmente são cada vez mais os museus que promovem atividades dirigidas a públicos não escolares, em que o público-alvo são os adultos, integrados ou não em grupos organizados.

De acordo com Camacho (2007, p. 35), na Rede Portuguesa de Museus, existe um grande número de atividades, em que os destinatários podem ser divididos em seis grupos diferentes, consoante as atividades desenvolvidas: público adulto generalista, público interessado, grupos etários, grupos profissionais, públicos potenciais e públicos virtuais.

No que respeita ao público adulto generalista, fazem parte um leque de atividades lúdicas destinadas à exploração de bens culturais existentes nos museus ou temas históricos e patrimoniais. São exemplos destas atividades as visitas temáticas às coleções ou visitas temáticas aos recursos patrimoniais diversificados dos territórios onde estão inseridos os museus, como os percursos pedonais ou em meios de transporte tradicionais (Camacho, 2007, p. 35). Estes últimos, tornam-se muito importantes e motivadores, uma vez que permitem aos visitantes o contacto direto com a comunidade onde está inserido o museu.

No que concerne ao público interessado, destacam-se as atividades preparadas para os visitantes conhecedores das temáticas do museu em questão ou de bens culturais presentes nos espólios.

No que respeita à faixa etária, são de destacar os idosos e, uma vez que hoje em dia, se está perante um envelhecimento da população mundial, existindo assim a necessidade de ocupar esse tempo com atividades que proporcionem o convívio e a diversão, achou-se muito pertinente abordar o tema em questão. No entanto, estas atividades acabam por proporcionar também novos desafios e conhecimentos aos mais

idosos (Teixeira, Faria & Vlachou, 2013, pp. 19-20). Desta forma, pode-se dizer que este público, requer uma atenção especial por parte dos museus.

É de fulcral importância para os museus que estes compreendam o processo de envelhecimento para conseguirem desenvolver atividades com o público sénior, incluindo ações socioculturais e de aprendizagem, aumentando assim o nível de enriquecimento cultural (Guarita, 2017, p. 26). Neste sentido, é muito importante a inclusão do público sénior nas programações dos museus e para isso, é necessário que estes criem parcerias com diversas instituições que trabalhem com este público, de forma a ficar a conhecê-lo melhor e assim conseguir responder às suas preferências.

Em 2010, foi publicado um artigo na Revista *Museum Practice*, um artigo de Deborah Mulhearn “*Senior Service*”, citando em especial a investigação de Hans Christian Andersen, um docente na Northumbria University. Este refere que o público sénior pode ser tão diverso nos seus conhecimentos, interesses, hábitos e expectativas como qualquer outro público, apenas existe a diferença da faixa etária e o nível de exigência, que tende a ser maior (Teixeira, Faria & Vlachou, 2013, p. 20). Porém, há que ter em conta o facto de ser um público diverso no que respeita a capacidades físicas e mentais. Este pode envolver pessoas com mobilidade reduzida, limitada ou sem mobilidade, pessoas que veem e ouvem bem ou menos bem ou nada, entre outras características.

No que respeita ao contexto português e de acordo com os Censos de 2011 (INE, 2011), a população sénior representa 19 % da população. Grande parte destas pessoas vive sozinha ou com outros idosos. O INE justifica estas tendências com o aumento da esperança média de vida, a desertificação e a transformação do papel da família.

Estas tendências demográficas registadas em Portugal, são semelhantes às de alguns países no mundo.

As tendências demográficas registadas em Portugal apresentam semelhanças ao que se passa noutros países do mundo, em que este segmento está a crescer.

De acordo com Teixeira, Faria & Vlachou (2013, p. 22), os idosos sentem a necessidade de preencher o seu tempo livre com atividades interessantes, fazendo com que se sintam vivos e ativos na sociedade e na sua comunidade. Contudo, os mesmos autores, referem que é necessário ter em consideração a crise económica que se reflete no

funcionamento das famílias e que os seniores poderão voltar a partilhar casa com os filhos e netos, ajudando nas despesas familiares.

O público sénior tende a ser cada vez mais saudável e mais exigente no que respeita ao consumo cultural. Por este motivo, é importante que os museus desenvolvam cada vez mais atividades para este público, como por exemplo visitas guiadas e ateliers. Para tal, é importante que se desenvolvam parcerias com outras entidades como centros de dia, juntas de freguesia e Universidades Seniores.

De acordo com Guarita (2017, p. 27), uma vez que a população é cada vez mais envelhecida e heterogénea, existe a necessidade de se criar uma maior oferta relativamente aos serviços educativos dos museus. A heterogeneidade facilita o trabalho dos profissionais dos serviços educativos destes espaços, pois é possível criar diversos tipos de atividades e programas que se adaptem às diferentes características.

É de referir que o número de seniores que visita os museus individualmente é ainda reduzido, bem como o número dos que consideram estes espaços uma forma de ocupar os seus tempos livres. Outra parte deste segmento poderá ter constrangimentos a nível físico, intelectual ou financeiro, o que poderá, em muitos casos, dificultar a visita a museus (Teixeira, Faria & Vlachou, 2013, p. 23). Neste sentido, é necessário que os museus e os diversos espaços culturais estejam aptos para receber este tipo de público, que tende a aumentar.

Pode-se referir que o crescimento do público sénior, representa um grande desafio para os museus, que tende a ser cada vez mais exigente e é impossível de se estereotipar. No que respeita aos públicos potenciais, a autora destaca dois grupos diferentes: por um lado as pessoas portadoras de deficiência, como invisuais e deficientes auditivos e, por outro lado, os imigrantes. Segundo a mesma, são vários os museus portugueses que oferecem visitas com atividades especialmente para estes públicos. São de destacar a edição de materiais de divulgação da exposição em braille e em cirílico, criação de circuitos áudio e contratação de profissionais para guiar visitas em outras línguas (p. 36-37).

Após estas abordagens, conclui-se que os museus preparam programas específicos para alargarem a sua função educativa perante os público-alvo. Estes programas são

elaborados consoante os diferentes tipos, requerendo um estudo prévio dos mesmos, o que levará a um maior e mais variado número de ofertas.

I. 4 – Os serviços educativos no contexto museológico nacional

Atualmente, os museus são vistos como instituições que contribuem, cada vez mais, para o enriquecimento cultural dos visitantes, onde estes participam ativamente em experiências culturais, expondo os seus conhecimentos e experiências. Desta forma, ter um serviço de educação nestes espaços, significa preparar ações que visem desencadear processos de aprendizagem.

O carácter educativo está cada vez mais presente nos espaços museológicos tornando-os cada vez mais abertos à sociedade. Neste sentido, os museus deixaram de ser espaços destinados apenas aos eruditos, especialistas ou investigadores, passando a ser frequentados pela sociedade em geral, independentemente do seu grau de instrução ou idade.

No entanto, alguns investigadores do tema, acreditam que as ações educativas, foram as responsáveis pela aproximação entre os públicos e as coleções (Figurelli, 2015, p.118).

O primeiro serviço educativo numa instituição museológica portuguesa, surgiu em 1953 no Museu Nacional de Arte Antiga (M.N.A.A.), com João Couto. Para além das questões relacionadas com espaços especialmente concebidos para as atividades pedagógicas, João Couto, também se interessou pelo comportamento do público escolar, constatando uma diferença ao nível do interesse dos adolescentes aquando da visita ao museu, considerando-os menos curiosos e mostrando menos entusiasmo do que as crianças mais pequenas (Ascensão, 2012, p.59).

Entre 1924 e 1938, funcionou o “Serviço de Extensão Escolar”, passando a “Serviço Infantil de Extensão Escolar”, em 1953. Madalena Cabral passou a ser a sua responsável, assumindo o cargo entre 1953 e 1983. Procurou lançar os alicerces de um projeto educativo no M.N.A.A., resultando num texto publicado no boletim do museu, sendo este fruto do seu trabalho desenvolvido no “Serviço Infantil” e, das orientações que recebeu de João Couto.

Levar os jovens visitantes a estabelecer uma relação de proximidade com a arte, eram os objetivos gerais deste projeto educativo.

Nos anos 60, no que respeita à preparação conceção do programa educativo do M.N.A.A., tentou-se levar em linha de conta os estádios de desenvolvimento das crianças, surgindo propostas de atividades diversificadas, como por exemplo visitas guiadas, que continuam atualmente a ser a principal atividade destinada aos grupos escolares, o Centro Infantil destinado a ateliês e ainda o cinema e o museu infantil.

No que respeita às estratégias, Madalena Cabral (1944, p. 47), informa que procuraram conceber “um sistema de visitas até então pouco explorado e que consta de jogos ou questionários postos em prática nas salas”. Pode-se dizer, que se trata de uma estratégia, atualmente utilizada também noutros museus, em que são formuladas questões, isto é, faz-se uma pergunta ou levanta-se uma questão acerca de um lugar, um objeto, um elemento, do método seguido ou acerca do significado de uma palavra, a fim de suscitar ações nos visitantes.

O “Centro Infantil”, instalado num anexo do museu, destinava-se aos ateliês para a realização de “obra pessoal livre”, a qual ia desde a criação de gravuras ao trabalho na madeira, passando pela tecelagem e pela pintura mural.

Em 1965, começaram-se a fazer sentir mudanças em Portugal, no sentido em que houve uma progressiva abertura ao exterior. Foi publicado um decreto que consistia num regulamento geral dos museus que apelava à necessidade de transformar estas instituições em “organismos vivos” e em “centros ativos de divulgação cultural”. O mesmo documento incentivava também os museus a desenvolverem “mecanismos para atrair visitantes e sobre eles exercer uma ação pedagógica eficiente” e à criação de contactos frequentes entre os museus e as escolas (Oliveira, 1993, p.57).

Com o passar dos anos, o “centro infantil” tornou-se num serviço educativo sendo designado pelo museu como “Serviço de Educação”, designação ainda hoje utilizada por alguns museus:

“Serviço de Educação estabelece a relação entre o MNAA e os seus diversos públicos através da realização de um programa de atividades centrado nas coleções e nos conteúdos das exposições temporárias, procurando corresponder aos interesses mais variados. O seu objetivo fundamental é,

através de uma atitude lúdica de descoberta, motivar a observação e a reflexão, orientando e estimulando a participação individual” (MNAA, site oficial).

Os profissionais das instituições museológica portuguesas, começaram desde cedo a interessarem-se pela relação entre os museus e a educação, de que é exemplo o Seminário e o conjunto de conferências organizadas pela Associação Portuguesa de Museologia em 1967. Contudo, apenas no final dos anos setenta e início dos anos oitenta, é que se assistiu a um primeiro avanço de criação de serviços educativos, essencialmente em museus da administração central alguns privados e ainda na criação de museus autárquicos (Camacho, 2006, p. 26).

De acordo com Camacho (2006), a abertura dos museus nacionais ao campo social é uma tendência dos anos setenta, sendo esta situação favorecida pela democratização cultural a partir de 1974 e devido à intervenção das autarquias.

As instituições museológicas começam a reconhecer a importância de temas ligados ao património, de ordem artística, histórica, etnográfica e arqueológica, e passando a revalorizar o património industrial, científico, técnico, contemporâneo, e mais recentemente o virtual.

Nas últimas décadas, e devido à explosão museológica verificada no nosso país a partir da década de 80 do século XX, os profissionais dos museus portugueses têm dado relevância constante à função educativa dos museus, verificando-se com frequência a realização de encontros e de debates centrados nesta temática.

O aparecimento de cursos de formação e especialização em museologia nos anos 90, permitiu dar início a um processo de qualificação dos técnicos com reflexos expressivos na área da educação (Gomes & Lourenço, 2009, p.16).

A política museológica também tem contribuído para a criação e expansão dos serviços educativos nos museus. Segundo os princípios definidos pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses, nº 47/2004, de 19 de agosto, a função de “educação” é definida como uma função museológica essencial e no artigo 42.º estabelece-se a obrigatoriedade de o museu desenvolver “*de forma sistemática programas de mediação cultural e atividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais.*” No ponto 2, do mesmo artigo menciona que “*o museu promove*

a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos.” O ponto 3 acrescenta que *“os programas referidos no nº 1 do presente artigo são articulados com as políticas públicas sectoriais respeitantes à família, juventude, apoio às pessoas com deficiência, turismo e combate à exclusão social.”*

Neste sentido, a definição de Clara Camacho (2007), é das que melhor define o conceito de serviços educativos:

(...) uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve ações dirigidas ao público, com objetivos educativos. Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição. (p.28).

De acordo com o estudo “O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na primeira década do Século XXI”, coordenado por José Neves (2013), o serviço educativo desempenha, um papel cada vez mais importante na função de mediador entre as atividades dos museus e os seus públicos. Dada esta importância do serviço educativo nestes espaços culturais. Um dos requisitos à credenciação dos museus pela Rede Portuguesa de Museus é a existência de um serviço educativo, regulamentado pelo Despacho Normativo n.º 3/2006 publicado no DR I série-B, 25 de janeiro.

De acordo com Neves (2013, p. 21), o número de museus, tem vindo a crescer nos últimos anos o que se deve a vários fatores, em particular, à valorização da memória e do património artístico e cultural, à requalificação urbana, à forte relação dos museus com o turismo e à relevância da articulação com o sistema de ensino.

Na tabela a seguir, aparenta-se a evolução do número de museus em total funcionamento entre os anos de 2010 e 2022:

Tabela 1- Evolução do número total de museus em Portugal com todos os critérios (2010-2022)

Ano	Nº de museus em total funcionamento (com todos critérios⁵)
2010	340
2011	377
2012	345
2013	353
2014	392
2015	388
2016	405
2017	430
2018	431
2019	436
2020	414
2021	419
2022	424

Fonte: Elaboração própria; Dados do INE, PORDATA

Segundo os dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística, em 2020, observa-se um menor número de museus em total funcionamento, uma consequência da pandemia provocada pela COVID19.

A seguir apresenta-se uma tabela onde se observa a evolução da criação de serviços educativos nos museus portugueses entre os anos de 2012 e 2022:

Tabela 2- Evolução dos serviços educativos nos museus portugueses (2012-2022)

Ano	Nº total de museus	Tem serviço educativo	O serviço educativo está formalizado na lei orgânica
------------	---------------------------	------------------------------	---

⁵ Critério 1: museus que têm pelo menos uma sala de exposição.
 Critério 2: museus abertos ao público (permanente ou sazonal).
 Critério 3: museus que têm pelo menos um conservador ou técnico superior (incluindo pessoal dirigente).
 Critério 4: museus que têm orçamento (ótica mínima: conhecimento do total da despesa).
 Critério 5: museus que têm inventário (ótica mínima: inventário sumário).

		Sim	Não	Sim	Não
2012	345	290	55	135	155
2013	353	284	69	134	150
2014	392	297	95	142	155
2015	388	303	85	151	152
2016	405	313	92	154	159
2017	430	321	109	159	162
2018	431	341	90	174	167
2019	436	342	94	178	164
2020	414	322	92	163	159
2021	419	326	93	172	154
2022	424	336	88	186	150

Fonte: Elaboração própria; Dados do INE, inquérito aos museus (2012-2022)

De acordo com a tabela, verifica-se uma evolução bastante positiva no que respeita à existência de serviços educativos nos museus, aumentando também a sua formalização na lei orgânica. No entanto, a conclusão que se pode tirar através desta análise, é que ainda existe algum caminho a percorrer no que diz respeito à implementação dos serviços educativos nos museus.

Atualmente, o papel das ações educativas não é o de mera tradução e descodificação de mensagens, mas sim de uma partilha de conhecimentos entre os indivíduos. Assim, torna-se importante proporcionar uma programação educativa e social adequada às diversas faixas etárias/públicos, favorecendo simultaneamente a continuação e aprofundamento de conhecimentos e competências para uma melhor compreensão e interesse pelo espólio/temática

Os serviços educativos nos espaços culturais ajudam a formar processos de lazer e de aprendizagem de âmbito não formal, contribuindo para desenvolvimento das competências cognitivas, críticas, expressivas e emotivas. No entanto, é necessário trabalhar estratégias que possibilitam e facilitam o intercâmbio de informação e conhecimento entre o museu e os seus visitantes. Desta forma, é possível construir um espaço de educação permanente aliado a experiências sociais e culturais.

II. CIMI – CENTRO INTERPRETATIVO DA MÁSCARA IBÉRICA

II.1 História

O CIMI localiza-se em Lazarim, uma freguesia rural do concelho de Lamego, com 407 habitantes⁶, de acordo com os censos de 2021.

Inaugurado a 31 de janeiro de 2016, o CIMI, é um equipamento cultural da Câmara Municipal de Lamego, cuja construção contou com o apoio de fundos comunitários do FEDER, através do Programa Operacional Regional do Norte e foi o primeiro espaço ligado ao ritual da máscara a surgir na Península Ibérica com a ambição de ser um polo de investigação e uma referência europeia no estudo e valorização do património cultural dentro da temática da Máscara.

Faz parte da Divisão de Cultura e Património do Município de Lamego e, desde 2017, integra a Rede de Museus do Douro – MuD⁷.

Construído no antigo Solar dos Viscondes de Lazarim, o CIMI conta exposições de trajes, máscaras e objetos das mascaradas invernais e entrudos de Portugal e Espanha. Além dos espaços expositivos dispõe de um auditório onde se realizam conferências, reuniões com a eventual participação de entidades exteriores.

Em março de 2020, o CIMI encerrou portas devido à situação pandémica provocada pela COVID19, reabrindo em junho do mesmo ano. No entanto, com o agravamento da situação pandémica, voltou a encerrar portas de novembro de 2020 a abril do ano seguinte.

Mais tarde, em outubro de 2022, o equipamento cultural voltou a encerrar devido a um processo de reabilitação do edifício, reabrindo em meados de fevereiro de 2023. No entanto, durante este período de encerramento, manteve o contacto com a comunidade e com o público em geral através das redes sociais, partilhando conteúdo informativo.


⁶ Censos 2021

⁷ A Rede de Museus do Douro - MuD é uma plataforma de encontro e diálogo entre as diferentes instituições museológicas, para-museológicas e de âmbito cultural, públicas e privadas, a operar na Região Demarcada do Douro. Tem por missão aliar diferentes estruturas museológicas num projeto cultural comum, abrindo novas hipóteses de entendimento e valorização da comunidade duriense, assumindo um papel ativo no desenvolvimento do eixo Douro.



Figura 2 - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica
 Fonte: Registo próprio

Tabela 3 – Espaços expositivos CIMI
Espaços expositivos do CIMI

<p>Sala 1</p>	 <p>Mapa Presença da Máscara na Península Ibérica</p>
<p>Sala 2</p>	

	<p>Exposição “Máscara Identidade de uma Comunidade”</p>
<p>Sala 3</p>	 <p>Exposição “Máscara Identidade de uma Comunidade”</p>
<p>Sala 4</p>	 <p>Exposição “Entrudo de Lazarim – Domingo-Gordo e Terça-feira Gorda”</p>
<p>Sala 5</p>	



Exposição “Artesãos de Máscaras de Lazarim”



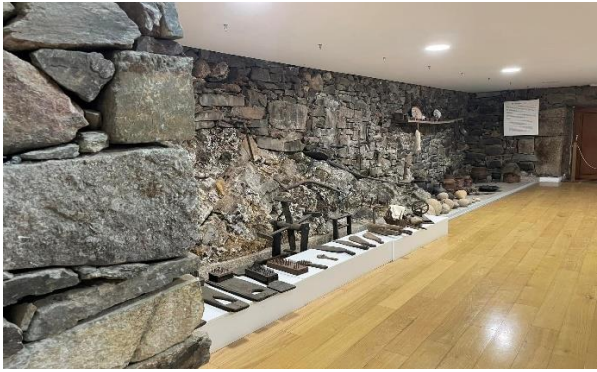
Exposição “BUUU Por Detrás da Máscara”

Sala 6

Espaços
de
Lazarim



Oficina dos artesãos



Exposição memórias de Lazarim



Exposição “1º Raide fotográfico à Alcaria de Mazes com os Caretos de Lazarim”

Fonte: Registo Próprio

II. 2. Missão e objetivos:

A existência de um centro interpretativo, justifica-se pela presença de um vasto número de rituais ligados à máscara na Península Ibérica, procurando envolver todas as manifestações culturais interpretando o seu significado e mantendo sempre contacto com as histórias e origens da comunidade envolvente. De acordo com o que foi pensado aquando da sua construção, o Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, para além de ter como principal objetivo a valorização, promoção e divulgação deste património cultural de importância, simbolismo e significado universalmente reconhecido, destacam-se os seguintes objetivos:

- Divulgação das tradições culturais e do seu contexto social e económico, através de mostras e ações de animação, encenações e outras, de forma inovadora, mas que preserve os seus valores patrimoniais e culturais ancestrais;

- Contribuir para o desenvolvimento económico, social e cultural da região, com acréscimo de público;

- Alargar o raio de influência e de conhecimento do Entrudo de Lazarim, transformando-o num fator de atratividade para o concelho e para a região, afirmando-se como um destino turístico;
- Desenvolver uma agenda de animação cultural sob uma temática universal, mas pouco conhecida, a Máscara;
- Proceder ao levantamento e investigação de manifestações culturais da máscara em Portugal e no estrangeiro;
- Criar uma dinâmica de integração cultural entre os parceiros nacionais e internacionais do projeto;
- Centralizar a temática do Entrudo, os seus adereços, trajes, musicalidades, usos e costumes, afirmando-se como um ponto de referência;
- Estender-se às referências culturais de contexto, do concelho de Lamego;
- Melhorar as condições de salvaguarda, valorização e de animação do património cultural, assegurando a sua transmissão para o futuro;
- Assegurar a existência e a fruição desta riqueza patrimonial, preservando os valores de originalidade e de integridade patrimonial;
- Realizar parcerias com espaços museológicos internacionais;
- Criar uma rede de espaços europeus culturais e académicos ligados ao estudo, pesquisa e apresentação da vertente antropológica da máscara.

O CIMI, além de ter um papel museológico, possui uma perspetiva mais aberta, desenvolvendo a riqueza patrimonial, cultural e paisagística, do local e criando pontos de contacto e de dinamização com o meio envolvente.

II. 3. Exposições

O acervo do CIMI é composto essencialmente por peças relacionadas com a temática da máscara ou com a região que têm vindo a ser adquiridas pela Câmara, doadas ou cedidas por entidades ou particulares.

O património, exibido nas salas de exposições do centro interpretativo, tem um carácter pedagógico e é regularmente alterado de forma a permitir a divulgação de todo o seu espólio.

O edifício acolhe exposições temporárias que representam os vários rituais da máscara ibérica, dispondo também de duas salas dedicadas exclusivamente ao Entrudo de Lazarim – a oficina dos artesãos e uma sala com memórias de Lazarim.

Na tabela a seguir, são apresentadas as exposições temporárias patentes entre os anos de 2018 e 2024:

Tabela 4 - Exposições temporárias (2018 - 2024)⁸

Exposições temporárias (2018 – 2024)	
Ano	Exposição
2018	“Viagem pelos rituais com máscara de Portugal”
	“Máscaras Rituais de Portugal – Coleção de Roberto Afonso”
	“Trajes e máscaras espanholas”
	“Artesãos de Lazarim”
	“Usos e Costumes de Lazarim”
	“Máscaras de Lazarim”
	Exposição em homenagem ao artesão Afonso de Almeida e Castro
2019	“Viagem pelo Mundo da Máscara Ibérica”
	"Entrudo de Lazarim"
	“Lazarim, povoados, tradições e as suas gentes”
	“Nove meses de inverno e três meses de inferno”
	“Caretos de brincar”
2020	“Máscaras de Lazarim”
	“Eu e o outro” Máscaras e Rituais de Trás-os-Montes e Douro
	“Rituais de Inverno com Máscaras”
	“Máscaras sem Máscara...”
	“Bugios e Mourisqueiros”
2021	“Identidade de uma Comunidade”
	“Percurso pela Arquitetura Popular no Douro”
2022	“Identidade de uma Comunidade”
	Lazarim, povoados, tradições e as suas gentes”

⁸ Anexo 1

	“O Resto do Ano”
2023	“Identidade de uma Comunidade”
	“Entrudo de Lazarim – Domingo-Gordo e Terça-feira Gorda”
	“Caretos de Lazarim na Alcaria de Mazes”
	“Tradições portuguesas com máscara”
	“BUUU Por detrás da Máscara”
2024	“Identidade de uma Comunidade”
	1º Raid Fotográfico “Caretos de Lazarim na Alcaria de Mazes”
	“Entrudo de Lazarim – Domingo-Gordo e Terça-feira Gorda”
	“O Resto do Ano”
	“BUUU Por detrás da Máscara”

Fonte: Elaboração própria

II. 4. Plano de atividades

Anualmente é elaborado um plano de atividades que tem como missão promover o CIMI como um espaço cultural social e educativo, levando a cabo um conjunto de atividades no âmbito das suas temáticas expositivas, tornando-o num meio facilitador no processo de perceção e transmissão das heranças culturais.

Entre 2018 e 2024, realizaram-se um conjunto de atividades/eventos, alguns em parceria com outras entidades que tiveram como objetivos principais: preservar e promover valores patrimoniais e culturais existentes e assegurar a promoção de eventos que marcam o calendário cultural nacional e internacional, apresentados na tabela a seguir:

Tabela 5 - Atividades/eventos (2018-2024)⁹

Atividades / eventos (2018 – 2024)	
Ano	Atividade/evento
2018	Workshop “Carnaval – as nossas máscaras”

⁹ Anexo 2

	Raid fotográfico “Lazarim, povoados, tradições e as suas gentes
	Dia Internacional dos Museus – 18 de maio
	II Encontro dos Artesãos da Máscara
	Jornadas Europeias do Património
	Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica e Magusto
2019	Cantar das Janeiras com o Grupo de Cantares de Lazarim
	Ação de divulgação do CIMI e do Entrudo de Lazarim
	Desfile de Carnaval em Lamego
	CIMI e o artesão de máscaras de Lazarim Adão Almeida no Centro Escolar de Tarouca
	ATL - "Carnaval Ativo" – Centro Escolar de Lamego
	Dia Internacional dos Museus
	I Jornadas CIMI - “Normas e Inversão nas Festas e Rituais com Máscara...”
	III Encontro de artesãos da Máscara
	Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica e Magusto
2020	Jornadas Europeias do Património
2021	Jornadas Europeias do Património
	Dia Internacional dos Museus - “Abre-salas transatlânticas” - Resultado de uma parceria entre o Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI), o Paço do Frevo – Recife (Brasil)
	Projeto Motirô ¹⁰ – uma parceria entre o CIMI, o Museu da Pessoa e a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego
2022	Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica e Magusto
2023	Cantar das Janeiras com o Grupo de Cantares de Lazarim no CIMI
	Entrudo no CIMI

¹⁰ O Projeto MOTIRÔ utiliza a metodologia do Museu da Pessoa e dos projetos de pesquisa de várias universidades em relação à cultura popular para recolher histórias de pessoas que produzem, organizam e participam de festejos no Brasil e no mundo. O projeto parte de alguns grupos sociais já em contato com as pesquisas dessas instituições e pretendem ampliar o escopo com chamadas para outras manifestações.

	Atuação do Grupo de Cantares de Lazarim com a “Encomendação da Almas” na Igreja Paroquial de Lazarim - Divulgação
	Dia Internacional dos Monumentos e Sítios
	Dia do Pai no CIMI
	Dia da Mãe no CIMI
	Dia Internacional dos Museus “Museus, Sustentabilidade e Bem-Estar”
	Conferências “Máscara Identidade de uma Comunidade”
	Férias de Verão no CIMI
	Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica e Magusto
2024	Comemoração do Dia Mundial do Artesão
	Dia Mundial da árvore
	Atuação do Grupo de Cantares de Lazarim com a “Encomendação da Almas” pelas ruas principais de Lazarim
	Dia Mundial do Teatro no CIMI / Férias da Páscoa no CIMI – oficina de teatro e caça às máscaras e ovos da Páscoa
	Dia Internacional dos Monumentos e Sítios – Visita Agrupamento de Escolas da Sé
	Dia Internacional dos Museus – parceria com a Vaagostudio

Fonte: Elaboração própria

II.4.1 Serviço educativo

O CIMI não tem um serviço educativo implementado, no entanto, conta com um conjunto de atividades educativas de caráter pontual, mais destinadas ao público escolar. Em 2018, além das visitas guiadas às exposições e *workshops* de artesãos, foram criadas fichas práticas por uma colaboradora do CIMI no âmbito de uma unidade curricular específica em “mediação e serviço educativo” do Mestrado em Museologia que estaria a realizar. É importante referir, que as atividades em questão deixaram de ser realizadas. A partir de 2020, a pandemia provocada pela COVID-19, trouxe muitos desafios para a realização de práticas educativas nos espaços museológicos. A interrupção das visitas

escolares e dos workshops presenciais reduziu significativamente a oportunidade de proporcionar experiências educativas, essenciais para a aprendizagem e preservação do património cultural. O CIMI, não foi exceção, no entanto, desde 2022, sentiu-se a necessidade de criar um conjunto de atividades de carácter pontual, como forma de atrair cada vez mais visitantes, especialmente o público escolar. A programação conta com atividades práticas, como: palavras cruzadas sobre o Entrudo de Lazarim¹¹, sopa de letras para níveis etários diferentes¹², fichas sobre as ferramentas dos artesãos¹³, ficha para descobrir as diferenças¹⁴, elaboração de máscaras com folhas de alumínio¹⁵, decorar o copo com máscara¹⁶ e colorir diversos tipos de máscaras¹⁷. Por outro lado, conta também com atividades de carácter lúdico como: o jogo da memória com máscaras¹⁸, o jogo do galo com máscaras¹⁹ e o jogo “caça às máscaras”²⁰, do género de um *peddy paper* sobre o CIMI e a visita.

Todas estas atividades são realizadas após as visitas guiadas ao espaço e, muitas vezes, complementadas com *workshops* realizados por um ou mais artesãos de máscaras de Lazarim²¹. No entanto, para obter uma perspetiva verdadeiramente completa e imersiva, principalmente do Entrudo de Lazarim, em 2023, surgiu a ideia de criar programas que incluam visitar uma oficina de um artesão²² e conhecer os Amieiros, as árvores que dão origem às máscaras de Lazarim, com uma pequena caminhada²³ até ao local. Por um lado, a oficina torna-se num espaço de aprendizagem, onde a teoria encontrada no CIMI se transforma numa prática tangível. A integração destas atividades veio não só possibilitar o entendimento do significado cultural e histórico das máscaras, mas também os processos criativos e ecológicos envolvidos.

¹¹ Apêndice 1

¹² Apêndice 2

¹³ Apêndice 3

¹⁴ Apêndice 4

¹⁵ Apêndice 5

¹⁶ Apêndice 6

¹⁷ Apêndice 7

¹⁸ Apêndice 8

¹⁹ Apêndice 9

²⁰ Apêndice 10

²¹ Apêndice 11

²² Apêndice 12

²³ Apêndice 13

III.4.1.1 Agendamento e planificação de visitas

O agendamento das visitas ao CIMI é realizado por e-mail, onde deve constar o número de participantes, hora de chegada e partida previstas. A planificação das visitas e respeitava, sofreu algumas alterações entre os anos de 2019 e 2024. Para uma melhor planificação e estruturação da visita, a partir de 2023, passaram a ser enviadas aos grupos grelhas²⁴ com a programação das visitas, onde constam as várias atividades a realizar e respetivos horários.

II. 5 – Estratégias de divulgação e comunicação

Atualmente, como forma de comunicação direta com o público, o CIMI dispõe de uma página no *Facebook* desde 2017 e, em 2023, foi criada uma conta no *Instagram*.

Pretende-se que, no futuro, o espaço museológico tenha um *website* com informação atualizada.

II.5.1 Presença em eventos

Entre 2018 e 2024, o CIMI marcou presença em alguns eventos, promovidos pelo Município de Lamego e por outras entidades, com o intuito de divulgar o património existente.

Tabela 6 - Presença em eventos (2018-2024)

Presença em eventos (2018-2024)	
Ano	Evento
2018	Feira Agrícola de Lamego
	“Mostra do Património Cultural do Eixo Urbano do Douro” organizado pela ESTGL
	“Portugal Lés a lés”

²⁴ Apêndice 14

	Feira de Sabores, Néctares e Tradições de Lamego e 10ª Feira da Bola de Lamego
	“Marcha Luminosa” de Lamego
	“Batalha das Flores” de Lamego
2019	I Congresso Global dos Direitos Humanos que decorreu no Teatro Ribeiro Conceição em Lamego
	Feira Agrícola de Lamego
	Mostra Cultural e Patrimonial - A origem dos nossos estudantes”, organizado pela ESTGL - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego
2020	II Congresso Global dos Direitos Humanos
2022	Festa do Outono de Serralves
2023	Festa do Outono de Serralves

Fonte: Elaboração própria

II. 6 – Apoio à investigação

O CIMI é contactado, anualmente, por um grande número de investigadores que desenvolvem os seus estudos relacionados com as festividades ligadas à máscara.

Nos últimos anos, é notório o interesse que esta temática tem vindo a ter, principalmente o Entrudo de Lazarim. O CIMI tem um papel fundamental na concretização do contacto entre interessados e a comunidade.

II. 7 - Parcerias

Ao longo destes anos, o CIMI, tem vindo a desenvolver parcerias com outras entidades no sentido de preservar e divulgar um determinado património, como por exemplo, cedência de exposições, colaboração na organização de eventos ou projetos. Na tabela a seguir, apresentam-se algumas das parcerias realizadas entre 2018 e 2024:

Tabela 6 - Parcerias (2018-2024)

Parcerias (2018-2024)		
Ano	Parceiro	Tipo de parceria
2018	Câmara Municipal de Castro Daire	Exposição "O Entrudo de Lazarim" - patente na Biblioteca Municipal de Castro Daire.
	Obra Kolping	Projeto de inclusão "Art&Heart – tools to connect people, to change the World"
	Museu do Douro:	Exposição "Nove meses de inverno e três meses de inferno" patente no CIMI
2019	Museu Abade Baçal (Bragança)	Exposição "Rituais de Inverno com Máscaras" patente no CIMI
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego	Apoio nas "I Jornadas CIMI - "Normas e Inversão nas Festas e Rituais com Máscara..."
2020	Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada em Sobrado	Exposição de fotografia "Bugios e Mourisqueiros"
2021	Observatório Digital do Frevo	"Abre-salas transatlânticas"
	Museu da Pessoa e Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego	Projeto Motirô ²⁵
	Museu do Douro	Exposição "Percurso pela Arquitetura Popular no Douro" da autoria do Arquiteto António Menéres
2022	Câmara Municipal de Ourique	Empréstimo de exposição
	Zigurfest ²⁶	Residências artísticas no CIMI - Artista "Frankão - o Gringo Sou Eu"

²⁵ MOTIRÔ – O Festejo Como Testemunho regista e difunde depoimentos de artistas, organizadores, brincantes e comerciantes que trabalham nos ofícios envolvidos em todas as etapas de diversos ritos sagrados e profanos com foco nos desafios particulares desse momento histórico de pandemia COVID-19.

²⁶ Nasceu a partir de um convite que a coordenação do TRC fez a um grupo de jovens lamecenses de grande qualidade artística. Desta forma cumpria-se o objetivo de criar algo de novo envolvendo a comunidade na programação cultural deste equipamento. Fazia falta na região um festival inovador que "desse palco" a novas

	Projeto VIVIFICAR ²⁷	Exposição “O Resto do Ano” de Violeta Moura
	Fundação Serralves	Participação na Festa do Outono
	Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim	Magusto de São Martinho
2023	Progestur ²⁸	Conferências “Máscara Identidade de uma Comunidade” Exposição “BUUU Por detrás da Máscara”
	Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim	Oficina de Teatro no CIMI
	Fundação Serralves	Participação na Festa do Outono
	Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim	Magusto de São Martinho
2024	Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim	Dia Mundial do Teatro – Oficina de Teatro
	Vaagostudio	“Açores ao Centro” Dia Internacional dos Museus

Fonte: Elaboração própria

bandas, a novos projetos e novas abordagens daquilo a que se chama “Música Moderna Portuguesa”. Acabou por se revelar um evento com alma, objetivos claros, com propósitos bem definidos e muito envolvente.

²⁷ ViViFiCAR é um projeto organizado e produzido pela Plataforma Ci.CLO, financiado pelo Programa Cultura do EEA Grants Portugal operado pela Direção-Geral do Património Cultural, através do Connecting Dots – Mobilidade Artísticas e Desenvolvimento de Públicos, e gerido pela Direção-Geral das Artes, na qualidade de Parceiro do Programa. ViViFiCAR é desenvolvido em parceria com a Fundação Museu do Douro, Câmara Municipal de Alijó, Câmara Municipal de Lamego, Câmara Municipal de Mêda, Câmara Municipal de Torre de Moncorvo e Surnadal Billag A/S (Noruega), com o apoio mecenático do Banco BPI e da Fundação "la Caixa", e em colaboração com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Culture Action Europe e Asia-Europe Foundation.

²⁸“A Progestur é uma associação cultural sem fins lucrativos, cujo lema se baseia na "afirmação da identidade cultural Portuguesa". Fundada em 2003, desde então tem dedicado o trabalho ao que de mais genuíno e autêntico existe na cultura portuguesa, operando no seu registo, promoção e divulgação”

II.8 Número e dados das visitas ao CIMI – anos de 2018 a 2024

As tabelas seguintes, mostram números e dados das visitas ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI) entre 2018 e 2024. É importante referir que, o maior número de visitas é registado na época do Entrudo e, devido à afluência de visitantes, nem sempre é possível registar um número exato durante esses dias.

Os dados apresentados de seguida, revelam uma tendência geral de visitas anuais, destacando variações devido a fatores externos como a pandemia de COVID-19 e fatores internos, como reabilitação do edifício e mudanças na oferta turística:

Tabela 7 - Número total de visitantes

Ano	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024 (até 23-06-2024)
Total de visitantes por ano	4844	7286	5072	2878	3051	4721	2545
Total de visitantes com visita livre	3787	5525	4919	2830	2766	4205	1594
Total de visitantes de visitas agendadas (grupos)	1057	1761	153	48	285	516	951

Fonte: Elaboração própria

De acordo com a tabela apresentada, é notável um aumento do número de visitantes de 2018 para 2019, tanto no que respeita a visitas livres como a visitas organizadas no âmbito educativo.

Em 2020 e 2021, notou-se uma queda acentuada no número de visitantes, refletindo o impacto da pandemia provocada pela COVID-19.

No entanto, entre 2022 e 2023, os números começaram a subir, embora não conseguindo alcançar os de 2019. É importante realçar novamente que o equipamento esteve encerrado ao público para reabilitação desde outubro de 2022 a fevereiro de 2023, o que também influenciou o número de visitantes.

De janeiro a junho de 2024, registou-se um número total de visitas de âmbito educativo bastante superior comparado com o total de visitas de 2023 e bem próximo do

total de 2018 (pré-pandemia), o que significa que poderá continuar a alcançar valores elevados até ao fim do ano.

Na tabela a seguir, apresentam-se dados mais detalhados relativamente às visitas com âmbito educativo entre 2018 e 2024:

Tabela 8 - Dados das visitas de âmbito educativo entre 2018 e 2024

Número e dados das visitas agendadas entre 2018 e 2024²⁹					
Ano	Tipo de Público	Nº total de visitas	Nº de visitantes	Nº visitas com Oficinas educativas	Nº participantes nas oficinas educativas
2018	Instituições de ensino	7	332	5	189
	Associações /outras Instituições	6	185	3	84
	Agências de viagens	4	157	0	0
	Outros grupos organizados	6	383	1	106
	Totais	23	1057	9	379
2019	Instituições de ensino	10	1345	8	1323
	Associações /outras Instituições	10	264	5	133
	Agências de viagens	2	110	0	0
	Outros grupos organizados	1	42	0	0
	Totais	23	1761	13	1456
2020	Instituições de ensino	2	130	0	0
	Associações /outras Instituições	0	0	0	0
	Agências de viagens	1	23	0	0
	Outros grupos organizados	0	0	0	0
	Totais	3	153	0	0
2021	Instituições de ensino	0	0	0	0
	Associações /outras Instituições	0	0	0	0
	Agências de viagens	1	15	0	0

²⁹ Apêndice 15

	Outros grupos organizados	2	33	0	0
	Totais	3	48	0	0
2022	Instituições de ensino	1	204	1	204
	Associações /outras Instituições	2	47	0	0
	Agências de viagens	1	10	0	0
	Outros grupos organizados	1	24	0	0
	Totais	5	285	1	204
2023	Instituições de ensino	5	308	4	298
	Associações /outras Instituições	3	84	1	32
	Agências de viagens	1	40	0	0
	Outros grupos organizados	2	84	1	55
	Totais	11	516	6	385
2024	Instituições de ensino	10	692	9	671
	Associações /outras Instituições	1	17	0	0
	Agências de viagens	2	106	0	0
	Outros grupos organizados	2	136	0	120
	Totais	15	951	9	791

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os dados apresentados, podem-se retirar as seguintes conclusões:

- **Visitas e visitantes:**

- 2018:

- Total de 23 visitas com 1057 visitantes.

- Instituições de ensino (7 visitas, 332 visitantes);
- Associações/outras instituições (6 visitas, 185 visitantes);
- Agências de viagens (4 visitas, 157 visitantes);
- Outros grupos organizados (6 visitas, 383 visitantes).

- 2019:
 - Total de 23 visitas com um aumento para 1761 visitantes em relação a 2018.
 - Instituições de ensino (10 visitas, 1345 visitantes);
 - Associações/outras instituições (10 visitas, 264 visitantes);
 - Agências de viagens (2 visitas, 110 visitantes);
 - Outros grupos organizados (1 visita, 42 visitantes);
- 2020:
 - Queda acentuada para 3 visitas com 153 visitantes devido à pandemia.
 - Instituições de ensino (2 visitas, 130 visitantes);
 - Agências de viagens (1 visita, 23 visitantes).
- 2021:
 - O número de visitas deste tipo continuou baixo, com apenas 3 visitas e 48 visitantes.
 - Instituições de ensino (0 visitas, 0 visitantes);
 - Agências de viagens (1 visita, 15 visitantes);
 - Outros grupos organizados (2 visitas, 33 visitantes)
- 2022:
 - Notou-se uma recuperação, embora que lenta, com 5 visitas e 285 visitantes.
 - Instituições de ensino (1 visita, 204 visitantes);
 - Associações/outras instituições (2 visitas, 47 visitantes);
 - Agências de viagens (1 visita, 10 visitantes);
 - Outros grupos organizados (1 visita, 24 visitantes).
- 2023:
 - Melhoria significativa com 11 visitas e 516 visitantes.
 - Instituições de ensino (5 visitas, 308 visitantes);

- Associações/outras instituições (3 visitas, 84 visitantes);
 - Agências de viagens (1 visita, 40 visitantes);
 - Outros grupos organizados (2 visitas, 84 visitantes).
- 2024:
 - Aumento bastante significativo, 15 visitas e 951 visitantes.
 - Instituições de ensino (10 visitas, 692 visitantes);
 - Associações/outras instituições (1 visita, 17 visitantes);
 - Agências de viagens (2 visitas, 106 visitantes),
 - Outros grupos organizados (2 visitas, 136 visitantes).
- **Vistas com oficinas educativas e participantes:**
 - 2018:
 - 9 visitas com oficinas educativas com total de 379 participantes.
 - Instituições de ensino (5 visitas com oficinas educativas, 189 participantes);
 - Associações/outras instituições (3 visitas com oficinas educativas, 84 participantes);
 - Outros grupos organizados (1 visita com oficinas educativas, 106 participantes).
 - 2019:
 - Aumento para 13 visitas com oficinas educativas com total de 1456 participantes.
 - Instituições de ensino (8 visitas com oficinas educativas, 1323 participantes);
 - Associações/outras instituições (5 visitas com oficinas educativas, 133 participantes).
 - 2020: Nenhuma oficina educativa realizada devido à pandemia.
 - 2021: Nenhuma oficina educativa realizada.

- 2022: Recomeço lento com uma visita com oficinas educativas.
 - Instituições de ensino (1 visita com oficinas educativas, 204 participantes).
- 2023: Aumento para 6 visitas com oficinas educativas com um total de 385 participantes.
 - Instituições de ensino (4 visitas com oficinas educativas, 298 participantes);
 - Associações/outras instituições (1 visita com oficinas educativas, 32 participantes);
 - Outros grupos organizados (1 visita com oficinas educativas, 55 participantes).
- 2024: Recuperação significativa com 10 visitas com oficinas educativas com um total de 791 participantes.
 - Instituições de ensino (9 visitas com oficinas educativas, 671 participantes);

Os dados mostram uma tendência de recuperação no número de visitas de âmbito educativo e oficinas educativas após a queda significativa durante os anos da pandemia.

O ano de 2024, apresenta uma recuperação acentuada, especialmente entre as instituições de ensino, refletindo a retoma das atividades educativas o que se deve a fatores como, o aumento da oferta educativa e a uma maior aposta na divulgação através das redes sociais.

Principais conclusões relativamente aos dados das visitas de âmbito educativo entre 2018 e 2024:

De acordo com as tabelas apresentadas neste ponto, podem-se retirar as seguintes conclusões:

- Em 2018, 78,19% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 21,81% foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. Dentro das visitas acompanhadas, 39,13%, foram complementadas com oficinas educativas.
- Em 2019: 75,85% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 24,15% foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. Dentro das visitas acompanhadas, 56,52%, foram complementadas com oficinas educativas.
- Em 2020: 96,98% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 3,02%, foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. Em 2020, não se realizaram oficinas educativas.
- Em 2021, 98,33% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 1,67% foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. Tal como em 2020, em 2021, não se realizaram oficinas educativas.
- Em 2022, 90,65% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 9,35% foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. Nesse ano, 20% das visitas acompanhadas, foram complementadas com oficinas educativas.
- Em 2023, 89,06% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 10,94% foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. Em 2023, registou-se um aumento das oficinas educativas, nesse sentido, 54,55% das visitas acompanhadas, foram complementadas com oficinas educativas.
- Até junho de 2024, 62,64% das visitas ao CIMI, foram livres, sendo que, os restantes 37,36% foram visitas acompanhadas sem oficinas educativas. 66,67% das visitas acompanhadas, foram complementadas com oficinas educativas, o que regista um aumento bastante significativo face aos anos anteriores.

De acordo com as conclusões acima, pode-se dizer que de 2018 a 2024, observa-se uma variação significativa no número de visitas livres em relação a visitas educativas. Nos primeiros anos, a maioria das visitas foram livres, com uma pequena percentagem dedicada ao âmbito educativo.

Em 2020 e 2021, houve uma redução drástica nas visitas educativas, muito possivelmente devido a restrições relacionadas à pandemia de COVID-19, resultando na ausência de oficinas educativas nesses anos.

A partir de 2022, nota-se uma recuperação, mesmo que gradual, das visitas educativas e das oficinas complementares. Em 2023, houve um aumento notável nas oficinas educativas, visto que mais da metade das visitas educativas incluíram oficinas educativas. Esse crescimento continuou até junho de 2024, onde mais de um terço das visitas foram educativas, e uma percentagem significativa das mesmas, incluíram oficinas, evidenciando um forte retorno do interesse e participação nas atividades educativas.

A análise dos dados de visitas ao CIMI entre 2018 e 2024 revela um padrão claro de variação influenciado por fatores externos, como a pandemia de COVID-19, e uma recuperação subsequente com forte ênfase na reintrodução e crescimento das oficinas educativas. A tendência de aumento nas visitas educativas e nas oficinas complementares em 2023 e 2024 sugere um futuro promissor para as atividades educativas no CIMI, com potencial para crescimento contínuo e maior envolvimento dos visitantes.

III. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

No decorrer da pesquisa, passou-se à escolha das técnicas de recolha de dados, neste caso à elaboração do questionário.

Nesta fase, contactaram-se várias instituições, na maior parte escolas, que visitaram o Centro Interpretativo da Máscara Ibérica durante o período de 2018 – 2024, tendo sido distribuído ou enviado um questionário a cada docente/técnico que acompanhou os vários grupos nas visitas ao espaço. É de salientar que a experiência de cada grupo difere, pois, uma parte teve apenas visita guiada às exposições, outra parte teve visita guiada com oficinas educativas.

É relevante mencionar que a faixa etária dos grupos acompanhados pelos docentes/técnicos varia entre os 3 e os 22 anos de idade. A elaboração e análise do questionário para esta dissertação foram fundamentadas em inquéritos previamente desenvolvidos e validados em dois estudos distintos: "Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho" (Ferreira, 2013) e "Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel ativo na formação das crianças" (Amador, 2011).

O questionário³⁰ consiste em oito questões de resposta aberta, escolhidas principalmente devido à natureza dessas questões que não influenciam as respostas com opções pré-definidas. Este formato permite aos respondentes usar uma linguagem própria, conforme argumentado por Chaer, Diniz & Ribeiro (2011, p. 262).

A seleção das instituições foi realizada de acordo com a participação em oficinas educativas. Os pedidos para preenchimento dos questionários, no período entre 2018-2019, foram feitos tanto presencialmente quanto por correio eletrónico, direcionados aos diretores e técnicos de diversas instituições. Um total de vinte e nove questionários foram entregues pessoalmente, distribuídos entre as escolas dos dois agrupamentos existentes em Lamego – Agrupamento de Escolas da Sé e Agrupamento de Escolas Latino Coelho.

Adicionalmente, foram obtidas respostas a mais três questionários enviados por email a outras instituições específicas: Escola de Hotelaria e Turismo de Lamego, Associação Infantário e Jardim Infantil "O Pintinhas" e APITIL - Associação Pela

³⁰ Apêndice 16

Infância e Terceira Idade de Lamego. Assim, foram obtidas respostas para um total de trinta e dois questionários respondidos por docentes e técnicos que acompanharam 15 das 22 visitas realizadas com oficinas educativas, o que representa 68,18% do total de visitas de caráter educativo realizadas no CIMI nos anos de 2018 a 2019.

Nos anos de 2020 e 2021 não houve lugar a oficinas educativas devido à pandemia, pelo que este trabalho teve de sofrer uma pausa. Em 2022 e 2023 deu-se um recomeço muito lento (7 visitas com oficinas nos dois anos) e só em 2024 se sentiu uma recuperação que fundamentou a retoma desta investigação.

Em 2024, no sentido de facilitar o envio e preenchimento do questionário, optou-se por utilizar a ferramenta *Google Forms*³¹. Foram contactadas por e-mail cinco das instituições que visitaram o CIMI e realizaram oficinas educativas entre 2020-2024, nomeadamente: o Agrupamento de Escolas de Moimenta da Beira, a Universidade Vida Ativa – Município de São João da Pesqueira, a Câmara Municipal de Tarouca (ATL de Verão), o Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste e o Agrupamento de Escolas da Sé. No entanto, das cinco instituições contactadas, obteve-se resposta apenas de três: Câmara Municipal de Tarouca (ATL de Verão), o Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste e o Agrupamento de Escolas da Sé, resultando num total de trinta e três questionários respondidos.

Essas respostas correspondem a 53,33% que dizem respeito a 8 das 15 visitas realizadas com oficinas educativas.

É relevante ressaltar que a organização³² das visitas por parte desses grupos foi meticulosamente planeada com base em três critérios principais: o número de alunos por visita, sempre superior a cinquenta; o tempo disponível para cada grupo, limitado a um máximo de duas horas; e a faixa etária dos alunos, que variou de 3 a 16 anos de acordo com as informações fornecidas pelos docentes.

De acordo com Bardin (2016), a categorização pode-se realizar a partir de um sistema de categorias já existente. Desta forma, entende-se que uma revisão da literatura académica permite identificar estas categorias pré-definidas (apriorísticas). É um

³¹ Apêndice 17

³² Anexo 14

processo que a autora descreve como sendo o de colher elementos para a análise de conteúdo a partir de outras pesquisas já realizadas (p. 149).

Neste estudo, a categorização foi adaptada de um sistema de categorias já existente no trabalho académico cujo título “Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel ativo na formação das crianças” (Amador, 2011) que, como já foi referido anteriormente, também serviu de base para a realização do questionário.

IV.1. Categorização das Respostas dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI 2018-2019.

Com a análise das respostas obtidas, houve a necessidade da criação de uma tabela de categorização, organizada em duas categorias de análise “Caracterização da visita” e “Visita a espaços museológicos” com respetivas subcategorias (vidé pp. 98-107 do presente trabalho), e unidades de resposta (respostas dos docentes/técnicos que acompanharam as visitas ao CIMI. Na unidade de registo, o “Q”, diz respeito a “Questionário” e o “P” refere-se à “Pergunta”.

Tabela 9 - Categorização das Respostas dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI 2018-2019

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
<p>Caracterização da visita</p>	<p>Motivação dos alunos</p>	<p>“entusiasmados” (Q1, Q7, Q8, Q10, Q11, Q18, Q25 Q26, Q29, P1) “(...) adoraram a ideia” (Q2, P1) “reação foi muito positiva” (Q3, P1) “muita curiosidade e motivação” (Q4, P1)“entusiasmo” (Q5, P1) “Gostaram muito (...) grande interesse” (Q6, P1) “ficaram expectantes” (Q9, P1))“(...) interesse e entusiasmo” (Q12, Q13, P1) “(...) expectativa pela experiência que iriam vivenciar” (Q15, P1) “com agrado” (Q16, P1)“(...) entusiasmo, interesse e curiosidade” (Q17, P1) “ficaram eufóricos porque se tratava de máscaras” (Q19,P1) “Gostaram do tema (...) interesse e motivação” (Q20, P1)“(...) interesse e curiosidade” (Q21, P1) “(...) normalidade” (Q22, P1)“(...) forma satisfatória e felizes” (Q23, P1))“(...) interesse, curiosidade e entusiasmo” (Q24, P1)“(...) entusiasmo e alegria” (Q27, P1) entusiasmo e curiosidade” (Q28, P1) “(...) curiosos” (Q30, P1) “Muito bem” (Q31,P1) “grande expectativa” (Q32,P1) “Mostraram curiosidade e estiveram atentos e faziam perguntas” (Q1, P2) “(...) fizeram sempre muitas perguntas sobre o que viam” (Q2, P2) “demonstraram interesse (...) Empenharam-se no workshop, participando com entusiasmo.” (Q3, P2) “atentos à apresentação e concentrados” (Q4, P2) “(...) interesse (...) alegria e empenho nos workshops” (Q5, P2) “(...) interesse e curiosidade (...)” (Q6, P2) “colocaram diversas questões” (Q7, P2) “(...) curiosidade” (Q8, P2) “curiosos” (Q9, P2) “interessados e atentos” (Q10, Q11, P2) “contacto com as máscaras, no fabrico das mesmas pelo artesanato e utensílios antigos” (Q12, Q13, P2) “atentas e participativas levantando várias questões –</p>

		<p>curiosidade” (Q14, P2) “interesse e atenção” (Q15, P2) “(...) estavam curiosos (...)” (Q16, P2) “interesse, formularam perguntas e ouviram as explicações com atenção” (Q17, P2) “(...) estiveram atentos e questionaram acerca dos objetos observados” (Q18, P2) “Notei interesse” (Q19, P2) “(...) curiosidade e fizeram muitas perguntas (...)” (Q20, P2) “(...) procuravam saber informação sobre os objetos” (Q21, Q24, P2) “(...) atenção e interesse (...)” (Q22, P2) “(...) realizavam muitas questões (...)” (Q23, P2) “(...) atentos e questionaram sobre o assunto” (Q25, P2) “(...) interesse, faziam perguntas” (Q26, P2) “(...) iam questionando (...)” (Q27, P2) “(...)” “(...) estiveram atentos e questionavam sobre os objetos (...)” (Q28, P2) “(...) faziam perguntas (...)” (Q29, P2) “(...) observavam tudo (...) e tocavam para sentir os materiais” (Q30, P2) “(...) curiosidade e questões que iam colocando” (Q31, P2) “(...) muito interesse e atenção” (Q32, P2) “muito impacto nas crianças...participaram com muito interesse nas atividades do artesão” (Q9, P7)</p>
	<p>Cultura/aprendizagem</p>	<p>“na sala realizar máscaras e diálogos sobre a visita” (Q1, P3) “As oficinas/workshop facilitaram o processo de cultura e aprendizagem, assim como a visita guiada” (Q3, P3) “aumentaram a sua bagagem cultural” (Q4, P3) “local de aprendizagem (...) menos formal” (Q5, P3) “contacto com as tradições locais (...) fatos e máscaras” (Q6, P3) “enriqueceram os seus conhecimentos” (Q7, P3) “após a visita</p>

		<p>(...) fizeram trabalhos sobre as máscaras com vários materiais” (Q8, P3) “muito positiva os alunos aprenderam como é importante conhecer a cultura popular” (Q8, P4)“deu perspectiva histórico-cultural dos hábitos locais” (Q9, P3)“oportunidade de conhecer este valioso património e visualizar a sua confeção” (Q10, P3) “(...) visualizar e aprender a confeção das máscaras” (Q11, P3)</p> <p>“(...) observação direta facilita a aprendizagem (...) ponto de partida para a confeção de máscaras e trajes carnavalescos” (Q12, Q13, P3) “...são sempre enriquecedoras, proporcionando novas aprendizagens/conhecimento”</p> <p>“(...) acrescentar de conhecimentos do seu património cultural e ainda pelo extraordinário enriquecimento visual” (Q15, P3)“(...) importante conhecer o passado e perpetuá-lo” (Q16, P3)“(...) ampliação de conhecimentos, conhecimentos de tradições muito antigas (...) (Q17, P3)“(...) adquirir e aprofundar conhecimentos sobre a cultura desta região” (Q18, P3))“(...) útil e pedagógica...conhecem o património da nossa terra”(Q19, P3)</p> <p>“(...) contactarem com a cultura, tradições e costumes locais (...)” (Q20, P3)“(...) metodologia didática (...) museu é uma instituição de ensino” (Q21, P3)“(...) aprofundamento de conhecimentos sobre a cultura da região e do país” (Q22, P3)“(...) enriquecimento cultural e vocabular (...)” (Q23, P3) “...aprofundar conhecimentos sobre a cultura da nossa região” (Q24,P3) “(...) ampliação de conhecimentos” (Q25, P3) “(...) útil, quer a nível pedagógico quer cultural, (...) conheceram usos e costumes da região que alguns desconheciam” (Q26, P3)“(...) aprofundamento cultural e das</p>
--	--	--

		<p>tradições” (Q27, P3)“(…) adquirir e aprofundar conhecimentos sobre a cultura (...)” (Q28, P3) “ puderam ter contactar com tradições e cultura”(Q29, P3) “(...) conhecer (...) alguns elementos utilizados para a confeção das máscaras e fatos (...) Fomentou algumas tradições regionais.” (Q30, P3) “(...) aprofundar conhecimentos adquiridos nas aulas” (Q31, P3) “...mostrar-lhe um pouco das nossas tradições...muito importantes para conhecermos o nosso passado” (Q32, P3) “podem ser elaborados e divulgados diversos trabalhos: textos diversificados, problemas, trabalhos de expressões” (Q12, Q13, P5)</p>
	<p>Avaliação da visita</p>	<p>“Muito boa (...)” (Q1, Q7,Q14, P4) “...linguagem simples que as crianças entenderam” (Q1, P4) “mais-valia para todos” (Q2, P3)“A visita foi positiva” (Q3, P4) “visita muito pertinente” (Q4, P4)“Interessante e com bom acompanhamento para a diferentes faixas etárias” (Q6, P4)“experiência muito valorativa” (Q9, P4)) “(...) muito positiva” (Q8, Q10, Q12, Q13, P4) “(...) visita muito enriquecedora” (Q15, P4) “Muito interessante conhecer o nosso património” (Q16, P4) “Contribuiu para a ampliação de conhecimentos...” (Q17,P4) “Ajudou a promover a aquisição de conhecimentos” (Q18,Q28, P4)“(…) muito positiva” (Q19, P4)“(…) faltou um guia (...)” (Q20, P4) “(...) contribuição importante para aquisição de conhecimentos” (Q21, P4) “espaço foi pequeno para receber tantas crianças em simultâneo e a falta de um guia” (Q22, P4)“ “Muito satisfatória” (Q23, P4) (...) a visita não ter sido acompanhada por um guia” (Q24, P4) “Faltou a intervenção de um guia (...) Número elevado de participantes em</p>

		<p>simultâneo” (Q25, P4) “(...) importante (...) representa património da nossa região e que todos devemos conhecer para podermos divulgar” (Q26, P4) “Razoável” (Q27, P4) “(...) fez falta a visita não ser orientada por um guia” (Q28, P4) “Boa, positiva” (Q29, P4) “(...) visita positiva(...) no que diz respeito a esta faixa etária deveria existir um outro tipo de abordagem a nível didático” (Q30, P4) “Excelente” (Q31, P4) “(...) muito interessante e pedagógica” (Q32, P4) (Q17, P4) “Demasiados alunos (...) falta de um guia” “(...) não tenha sido orientada a visita com um guia” (Q21, P6) “Muitos alunos num espaço pequeno... falta de um guia” (Q24, P6) “Número elevado de participantes em simultâneo num espaço tão pequeno (Q25, P4) “Muitos alunos num espaço pequeno (...) falta de um guia” (Q28, P6)</p>
	Sugestões	<p>“(...) poderia haver mais atividades de carácter lúdico/didático direcionadas para as suas idades” (Q2, P7) “nível do pré-escolar as atividades devem ser práticas e lúdicas” (Q6, P7) “Oficinas. Visitas com informação adequada para cada nível etário e com guia” (Q17, P7) “(...) a realização de atividades de dramatização e recriação de atividades, visualização de filmes, ou seja, atividades que estejam de acordo com a temática em estudo” (Q27, P7)</p>
Visita a espaços museológicos	Vantagens dos serviços educativos	<p>“(...) oportunidade às crianças de observarem e conhecerem usos e costumes antigos valorizando a cultura” (Q1, P5) “oportunidade de contactar com realidades e conhecimentos diferentes” (Q2, P5) “contacto direto com a realidade da época” (Q4, P5) “(...) devidamente planeadas integradas nas aprendizagens curriculares e planificações, funcionam como uma</p>

		<p>estratégia” (Q5, P5) “(...) facilitar as aprendizagens desde que (...) lúdicas (...) reconhecer e descobrir a cultura local e tradições” (Q6, P5)“(...) facilitam o processo (...) alunos estão em contacto direto com a realidade da época (costumes, trabalho, utensílios, ...)” (Q7, P5)“conhecerem outras vivências (...) novos conhecimentos” (Q8, P5)“(...) vivenciarem os hábitos e costumes (...) mais autónomos” (Q9, P5) “Proporcionam o conhecimento e a valorização do património local e partir deste para o desenvolvimento de atividades de outras disciplinas curriculares (transdisciplinar)” (Q10, P5) “motivam para a aprendizagem em contextos mais práticos (...) espaço para a preservação dos patrimónios” (Q11, P5 “as atividades são sempre enriquecedoras e válidas no processo ensino/aprendizagem” (Q14, P5)“(...) possibilitam a saída do plano mais formal da aprendizagem” (Q15, P5)“(...) de forma lúdica conhecem o seu passado e conseguem preservá-lo e transmiti-lo” (Q16, P5)“(...) informações, conhecimento, formas de estar e de pensar, contextualizam e sobretudo, ajudam a valorizar e preservar o nosso património” (Q17, P5)“Trazem informações e aprendizagens para a sala de aula que ajudam a contextualizar e vivenciar situações (...)” (Q18, P5)“Facilitam o processo de cultura e aprendizagem pela visualização de pela explicação (...)” (Q19, P5) “(...) museus são espaços culturais (...) facilitadores de comunicação entre o território, o património, a sociedade e o público “(Q20, P5) “(...) informações e aprendizagens das visitas para a sala de aula que ajudam a contextualizar os conhecimentos” (Q21, Q24, P5 “(...) aprendizagem da história</p>
--	--	--

		<p>de tradições e costumes e ao adquirirem novos vocábulos” (Q23, P5)“(…) contextualizar e vivenciar aprendizagens que de outro modo seriam apenas teóricas” (Q25, P5)“(…) veículos de transmissão cultural e consequentemente de aprendizagem” (Q26, P5)“(…) mais-valia para o enriquecimento cultural (…)” (Q27, P5) Permitem a contextualização de conhecimentos (Q28,P5) “mostra vestígios do passado e os sensibiliza para a preservação do património”(E29, P5)“(…) as atividades são sem dúvida o melhor processo de aprendizagem de qualquer tipo de cultura” (Q30, P5) “(…) forma interativa da guia, da forma como está organizado o museu e a qualidade das peças” (Q31, P5)</p>
	<p>Vantagens das visitas</p>	<p>“As visitas realizadas nos museus podem ser facilitadoras desde que planeadas e integradas no currículo”, (Q3, P5) “(…) conhecimentos que podem adquirir” (Q1, P6) “...conhecimentos, aprendizagens” (Q2,P6) “Locais de aprendizagem não formais” (Q3,Q5,P6) “Enriquecimento cultural” (Q4,P6) “enriquecimento cultural e abertura de novos horizontes” (Q7, P6)“novas culturas e atividades artísticas” (Q8, P6)“contacto direto com as fontes (...)” (Q10, P6)“observação direta facilita a aprendizagem e permanece mais tempo na memória” (Q12, Q13, P6) “(…) novos desafios” (Q14, P6)“conhecimento” (Q16,P6) “(…) enriquecimento a nível cultural (...)” (Q19, P6 “(…) contacto com a cultura/património/sociedade (...)” (Q20, P6) “(…) enriquecimento cultural, saber estar, saber ouvir (...)” (Q26, P6)“(…) novos conhecimentos” (Q29, P6)“(…) bons acessos, horários compatíveis, o bom planeamento das atividades e diversidade das mesmas tendo em conta o público-alvo” (Q30,</p>

		P6 “(...) divulgar a cultura e o património” (Q31, P6)“(...) novos conhecimentos culturais e sociais” (Q32, P6)
	Constrangimentos das visitas	<p>“Transporte das crianças” (Q1, Q2, P6)</p> <p>“o papel de utentes é na maioria das vezes de observador” (Q3, Q4, P6)</p> <p>“(…) falta d transporte e custos acrescidos” (Q4, P6)</p> <p>“grandes grupos e muitas vezes os horários” (Q6, P6)</p> <p>“falta de transporte e custos acrescido” (Q7, P6)</p> <p>“transporte” (Q8, P6)</p> <p>“pouca abertura a esses espaços” (Q9, P6)</p> <p>“deslocações e relatórios” (Q11, P6)</p> <p>“grupos muito grandes” (Q14, P6)</p> <p>“(…) deslocação dos alunos” (Q15, P6)</p> <p>“(…) transportes, insuficientes atividades colaborativas” (Q16, P6)</p> <p>“(…) grupos muito grandes e tempos reduzidos” (Q17, P6)</p> <p>“(…) falta de meios de transporte (...)” (Q19, P6)</p> <p>“As atividades (...) são interessantes mas por contenção financeira dificulta a participação (...)” (Q20, P7) “(...) falta de guias especializados” (Q20, P6)“(…) espaços e o tempo” (Q23, P6)“(…) tempo” (Q26, P6)“(…) grupos demasiado grandes... provoca confusão... (...) tempo limitado (...)” (Q27, P6)“(…) falta de atividades lúdicas” (Q30, P6)</p>
	Sugestões	<p>“atividades com carater prático (...) jogo didático como a descoberta dos tesouros do museu” (Q1, P7)</p> <p>“Workshops, jogos didáticos e interativos, questionários para os utentes mais velhos” (Q3, P7)</p> <p>“Atividades culturais interativas” (Q3, P8)</p> <p>“Atividades interativas e multimédia” (Q4, P7)</p>

		<p>“(…) mais novos: workshops para aplicarem (…) desenvolverem práticas observadas (…) jogos didáticos (…) questionários – para os mais velhos” (Q5, P7)</p> <p>“atividades culturais interativas” (Q5, P8)</p> <p>“Programas com mais visitas deste género e outros espaços culturais” (Q6, P8)</p> <p>“Atividades interativas e multimédia” (Q7, P7) “atividades práticas” (Q8, P8)</p> <p>“visitas (…) bem-vindas assim como a outros espaços culturais” (Q9, P8)</p> <p>“Ateliers de pintura, leitura, teatro” (Q10, P7)</p> <p>“Ateliês de pintura, leitura, teatro” (Q11, P7)</p> <p>“(…) envolvimento direto dos alunos em apresentações, representações, dramatizações, construções de peças em materiais reciclados e diversificados” (Q12, Q13, P7)</p> <p>“(…) atividades práticas” (Q14, P7)</p> <p>“(…) proporcionar mais visitas ao longo do ano a Museus/espços culturais” (Q14, P8)</p> <p>“(…) atividades e visitas guiadas com abordagens linguísticas adequadas ao nível etário” (Q15, P7)</p> <p>“Atividades práticas/experimentais. Sessões interativas” (Q16, P7)</p> <p>“Oficinas, teatro” (Q18, P7)</p> <p>“(…) atividades deveriam estar sempre adequadas à idade (…) teatro, trabalhos de plástica (…)” (Q19, P7)</p> <p>“(…) devias haver maio número de workshops de temas diversos” (Q20, P7)</p> <p>“(…) atividades trazendo o museu à escola (…)” (Q20, P8)</p> <p>“Teatro, oficinas” (Q21, P7)</p> <p>“Teatro, drama, oficinas” (Q22, P7)</p> <p>“(…) dramatizações, danças e atividades mais lúdicas e passagem de filmes /vídeos” (Q23, P7)</p>
--	--	---

		“Oficinas, teatro” (Q24, P7) “Teatro, drama, oficinas” (Q25, P7) “Passagem de filmes, workshops, dramatização” (Q26, P7) “Oficinas, teatros” (Q28, P7) “Concursos, espaço para expor trabalhos dos alunos” (Q29, P7) “Atividades plásticas, jogos interativos, teatro de fantoches, danças” (Q30, P7) “(...) atividades práticas num departamento educativo para realizar no final das visitas” (Q31, P6) “Realização de jogos educativos recorrendo a <i>app's</i> dos telemóveis e jogos de interação entre os alunos” (Q31, P7) “Jogos, filmes, visitas exploratórias e <i>peddy papers</i> ” (Q32, P7)
--	--	---

Fonte: Elaboração própria

IV.1.1. Análise das percepções e experiências dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI (2018-2019):

De acordo, com os objetivos deste trabalho e, tendo em conta as respostas dos questionários, confirma-se a importância deste meio de transmissão de conhecimento.

No que diz respeito à motivação dos alunos, grande parte das respostas revelaram que os alunos se mostraram muito motivados, interessados e muito participativos colocando diversas questões ao longo da visita. “*Gostaram muito (...) grande interesse*” (Q6, P1); “*demonstraram interesse (...) Empenharam-se no workshop, participando com entusiasmo.*” (Q3, P2); “*(...) estiveram atentos e questionaram acerca dos objetos observados*” (Q18, P2); “*(...) observavam tudo (...) e tocavam para sentir os materiais*” (Q30, P2).

Relativamente à importância da visita no que respeita à cultura e à aprendizagem, salientaram o papel importante que estas visitas têm no contacto com o património e cultura local, referindo que “*aumentaram a sua bagagem cultural*” (Q4, P3) sendo uma “*oportunidade de conhecer este valioso património e visualizar a sua confeção*” (Q10,

P3). De acordo com as respostas, as atividades desenvolvidas neste âmbito podem facilitar a aquisição de conhecimentos através de experiências que favoreçam o desenvolvimento global das pessoas, na sua dimensão estética, artística, cognitiva, cultural e criativa.

Referiram também que a visita, motivou a aprendizagem pois estão inseridas num contexto mais prático e menos formal, permanecendo mais facilmente e mais tempo na memória. (*“local de aprendizagem (...) menos formal”* (Q5, P3); *“As oficinas/workshop facilitaram o processo de cultura e aprendizagem, assim como a visita guiada”* (Q3, P3).

De acordo com as respostas dadas, observa-se que, tanto a visita, assim como as oficinas educativas (para os que participaram), serviram como ponto de partida para a realização de trabalhos na sala de aula o que contribuirá para *“o desenvolvimento de atividades de outras disciplinas curriculares (transdisciplinar) (Q10, P5)”*. Em alguns casos, a visita ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, auxiliou na confeção dos fatos do desfile de Carnaval de 2019, tendo em conta que o tema do mesmo foi o Entrudo de Lazarim. Durante esta visita, os alunos tiveram oportunidade de observar vários exemplos de trajes típicos do Entrudo para posteriormente elaborarem os seus. (*“na sala realizar máscaras e diálogos sobre a visita”* (Q1, P3); *“após a visita (...) fizeram trabalhos sobre as máscaras com vários materiais”* (Q8, P3). Neste sentido, a necessidade de envolvimento entre a escola e a comunidade, nos seus vários espaços e instituições, é algo que cada vez mais se assume como fundamental. Os museus assumem-se como locais fundamentais na partilha de conhecimento com as escolas.

As visitas realizadas foram classificadas de uma forma muito positiva, referindo que *“Contribuiu para a ampliação de conhecimentos...”* (Q17, P4), *“Interessante e com bom acompanhamento para a diferentes faixas etárias”* (Q6, P4), realçando a importância da linguagem utilizada pela guia tendo em conta as diversas faixas etárias. (*“Muito boa (...) muito esclarecedora (...) linguagem simples que as crianças entenderam”* (Q1, P4); *“(...) forma interativa da guia, da forma como está organizado o museu e a qualidade das peças”* (Q31, P5).

No entanto, em alguns casos, como foi o exemplo das visitas realizadas como forma de assinalar o Dia Internacional dos Museus, em que o CIMI contou com a presença do criador do famoso "Vitinho", as visitas não tiveram o acompanhamento da guia, pois

o tempo disponível por parte das escolas era escasso, o que se refletiu em algumas respostas dadas por alguns docentes que classificaram como ponto menos positivo. “(...) não tenha sido orientada a visita com um guia” (Q17, P4); “(...) fez falta a visita não ser orientada por um guia” (Q28, P4). Algumas respostas referiram algum descontentamento no que respeita ao “Número elevado de participantes em simultâneo num espaço tão pequeno (...)” (Q25, P6). É de realçar que, por norma, as visitas são agendadas pelas escolas já referindo o número de participantes e o tempo de visita disponível, o que muitas vezes, dificulta o acompanhamento devido, no entanto, numa visita ao museu, é importante que a mesma seja orientada por um guia, nesse sentido, é necessário haver um planeamento anterior para que isso seja possível.

Relativamente a sugestões dadas às visitas ao CIMI, foram referidas “(...) poderia haver mais atividades de carácter lúdico/didático direcionadas para as suas idades” (Q2, P7) “nível do pré-escolar as atividades devem ser práticas e lúdicas” (Q6, P7) “Oficinas. Visitas com informação adequada para cada nível etário e com guia” (Q17, P7), “(...) a realização de atividades de dramatização e recriação de atividades, visualização de filmes, ou seja, atividades que estejam de acordo com a temática em estudo” (Q27, P7).

De acordo com as sugestões dadas, é necessário que as atividades estejam bem definidas de acordo com faixa etária e a temática em questão.

No que respeita às vantagens dos serviços educativos em museus, referiram que “(...) devidamente planeadas integradas nas aprendizagens curriculares e planificações, funcionam como uma estratégia” (Q5, P5);

De acordo com as respostas, os serviços educativos nos museus, foram considerado uma “(...) oportunidade (...) de observarem e conhecerem usos e costumes antigos valorizando a cultura” (Q1, P5); “oportunidade de contactar com realidades e conhecimentos diferentes” (Q2, P5); O desafio dos museus é reconhecido através dos seus serviços educativos, que podem proporcionar experiências que fomentem a criatividade, o conhecimento, bem como as competências sociais e culturais das crianças e do público em geral.

De acordo com as respostas, os serviços educativos nos museus “Proporcionam o conhecimento e a valorização do património local e partir deste para o

desenvolvimento de atividades de outras disciplinas curriculares (transdisciplinar)” (Q10, P5), “motivam para a aprendizagem em contextos mais práticos (...)” (Q11, P5) e “(...) possibilitam a saída do plano mais formal da aprendizagem” (Q15, P5), são consideradas “(...) o melhor processo de aprendizagem de qualquer tipo de cultura” (Q30, P5).

Relativamente às vantagens das visitas a museus, os inquiridos referiram que são *“locais de aprendizagem não formais” (Q5, P6) que possibilitam o “enriquecimento cultural e abertura de novos horizontes” (Q7, P6). Acrescentam ainda que a “observação direta facilita a aprendizagem e permanece mais tempo na memória” (Q12, Q13, P6)*

No que diz respeito aos constrangimentos associados às visitas a espaços museológicos, foram principalmente apontados: a dificuldade de acesso ao transporte e os custos associados, o tempo escasso e um número elevado participantes em simultâneo. *(“transporte das crianças” (Q1, P6); “(...) falta d transporte e custos acrescidos” (Q4, P6); “grandes grupos e muitas vezes os horários” (Q6, P6); “grupos muito grandes” (Q14, P6); “As atividades (...) são interessantes mas por contenção financeira dificulta a participação (...)” (Q20, P7); “(...) grupos demasiado grandes (...) tempo limitado (...)” (Q27, P6).*

A *“(...) falta de atividades lúdicas” (Q30, P6) e o facto de “(...) papel do utente, na maioria das vezes, apenas de observador” (Q4, P6), foram outros constrangimentos apontados, o que realça novamente a importância das atividades práticas dos serviços educativos nos museus.*

Relativamente às sugestões dadas, destacaram-se vários exemplos de atividades de carácter prático como: *“(...) jogo didático como a descoberta dos tesouros do museu” (Q1, P7); “Workshops, jogos didáticos e interativos, questionários para os utentes mais velhos” (Q3, P7); “Atividades culturais interativas” (Q3, P8); “Atividades interativas e multimédia” (Q4, P7); “(...) mais novos: workshops para aplicarem (...) desenvolverem práticas observadas (...) jogos didáticos (...) questionários – para os mais velhos” (Q5, P7); “Ateliers de pintura, leitura, teatro” (Q10, P7); “(...) envolvimento direto dos alunos em apresentações, representações, dramatizações, construções de peças em materiais reciclados e diversificados” (Q12, Q13, P7); “Oficinas, teatro” (Q18, P7); “(...) atividades trazendo o museu à escola (...)” (Q20, P8); “Realização de jogos*

educativos recorrendo a app's dos telemóveis e jogos de interação entre os alunos” (Q31, P7); “Jogos, filmes, visitas exploratórias e peddy papers” (Q32, P7).

A oportunidade das experiências com atividades principalmente junto de crianças e jovens, é um importante contributo para o processo de aprendizagem. As crianças olham, ouvem, cheiram, tocam, experimentam, e gostam de interagir com o meio que as rodeiam. Neste sentido, é importante o incentivo de novas experiências mais próximas e diretas, contribuindo assim para a aprendizagem, tornando os estes espaços cada vez mais educativos.

IV.2. Categorização das Respostas dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI – 2020-2024

Tabela 10 – Categorização das Respostas dos Docentes/Técnicos sobre Visitas Educativas ao CIMI – 2020-2024

Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Caracterização da Visita	Motivação dos alunos	<p>“...entusiasmados” (Q1, Q3, Q4, Q6, Q7, Q9, Q13, Q15, Q16, Q17, Q27, Q33, P1) “Felicidade” (Q2, P1) “curiosidade” (Q10, Q21, Q22, Q30, P2; Q30, P2) “muito entusiasmo” (Q5, Q14, P1) “Positivamente” (Q8, P1) “contentes” (Q11, Q20, P1) “atentos” (Q12, P1; Q5, Q7, Q11, Q15, Q19, Q23, P2); “algum receio”(Q21, P1) “interesse”(Q12, Q22, P1; Q1, Q6, Q12, Q14, Q16, Q25, Q27, P2) “fizeram perguntas” (Q18, Q19, P2) “ficaram satisfeitos” (Q24, P1) “participativos nas atividades desenvolvidas” (Q5, P2) “vontade de ver e tocar em tudo” (Q6, P2) “observavam” (Q9, Q11, P2) “Gostaram muito da interação com o careto” (Q6, P2) “escuta ativa, observação e manifestações emotivas” (Q21, P2) “...vi alunos, menos atentos, demonstrando pouco entusiasmo e até mesmo postura cívica adequada ao local, demonstrando o quanto não estão</p>

		<p><i>habitados a este tipo de vistas e práticas familiares de visitar espaços como este” (Q23, P2) “Maior necessidade de monitorização comportamental, para que o grupo mantivesse um comportamento adequado ao local que ocupavam” (Q24, P2) “interessados nas diferentes atividades” (Q26, P2) “Colocaram bastantes questões” (Q28, P2) “perguntas formuladas pelos mesmos” (Q29, P2) “Quiseram participar de forma ativa em algumas atividades” (Q32, P2)</i></p>
	<p>Cultura/aprendizagem</p>	<p><i>“contacto próximo com a cultura” (Q1, P3) “Vivenciar manifestações do Património Cultural Imaterial; Promover a sua valorização e atitudes a ter no sentido de o preservar; Conhecer, salvaguardar e manter vivas tradições; Sensibilizar para a importância da transmissão e continuidade deste património imaterial” (Q2, Q5, P3) “Aprender sobre as nossas tradições” (Q3, P3) “vivenciaram, jogaram e conversaram com os construtores das máscaras” (Q4, P3) “verem e conhecerem as tradições” (Q6, P3) “vivência de tocar e sentir” (Q7, P3) “Estudo de plantas (amieiro, eucalipto, milho...); Enriquecimento lexical Tradição e costumes portugueses, para todos em especial os alunos de nacionalidade brasileira e S. Tomense” (Q8, P3) “conhecer mais sobre o nosso património local” (Q9, P3) “Aumentou o conhecimento dos alunos que se traduziram na elaboração de textos relativos à temática” (Q10, P3) “aumentar o seu conhecimento geral” (Q11, P3) “grande interesse pedagógico ... estava integrada no Projeto que esta a ser desenvolvido na escola... ”Património Cultural Imaterial - À descoberta das nossas raízes”. Permitiu trabalhar diferentes áreas curriculares.” (Q12, P3) “vivenciarem os usos e costumes da sua</i></p>

	<p>região” (Q13, P3) “conhecerem e valorizarem o património cultural” (Q,14, P3) “viram em loco artefactos do património local” (Q15, P3) “visão do espaço envolvente e da cultura local” (Q16,P3) “ficaram a conhecer como se fazem as máscara, quem as faz e qual é o material utilizado” (Q17, P3) “aprenderam coisas novas” (Q19, P3) “ficaram a conhecer os costumes e tradições da comunidade” (Q20, P3) “significativos momentos aprendizagem e de valorização da tradição carnavalesca local” (Q21, P3) “interesse em proporcionar aos alunos o conhecimento e valorização do nosso património imaterial local” (Q22, P3) “conhecerem aspetos/traços geométricos de figuras tridimensionais que são estudadas nos conteúdos de matemática ao nível dos sólidos geométricos.” (Q23, P3) “observar maior consciência por parte dos alunos” (Q24, P3) “aumentou os conhecimentos” (Q25, P3) “de conhecerem atividades, locais e artesãos” (Q26, P3) “partilha de procedimentos da execução das máscaras” (Q26, P5) “Enriquecer e preservar o património cultural” (Q27, P3) “enriquecimento cultural” (Q28, P3) “A interdisciplinaridade dos conhecimentos (Verem onde se desenvolve a árvore para cortar e a maneira como os artesãos constroem as máscaras...)” (Q28, P6) “permitiu conhecer a máscara, respetivo historial e importância” (Q29, P3) “Tornou mais clara a noção de património” (Q30, P3) “foi útil para os alunos valorizarem o nosso património cultural de importância. Aumentou o conhecimento” (Q32, P3) “...aspetos culturais contribuem para o desenvolvimento harmonioso das crianças” (Q33, P3) “...contacto com a realidade cultural do meio envolvente” (Q4, P4)</p>
--	---

		<p><i>“...oportunidade de assistirem a atividades relacionadas com a cultura local” (Q16, P4) “...transmissão de conhecimento, habilidade e costumes” (Q21, P3)</i></p>
	<p>Avaliação da visita/atividades</p>	<p><i>“foi bom eles verem e conhecerem” (Q6, P3) “útil” (Q7, Q9, Q13, Q15, Q17, Q25, Q26, Q29, Q31, Q32, P3) “muito enriquecedora” (Q19, P3; Q26, P4) “bastante interessante, proficua ... a repetir sem qualquer dúvida... rica culturalmente, bom enquadramento” (Q1, P4) “muito boa” (Q2, Q7, Q11, Q17, Q29, P4) “muito bom” (Q3, Q8, Q25, P4) “muito interessante, mas sessões demasiadas curtas” (Q6, P4) “muito bem organizada” (Q9, Q13, Q15, P4) “Muito bem estruturada e adequada ao nível etário das crianças em questão” (Q10, P4) “Excelente” (Q12, Q18, Q19, Q24, Q28, P4) “decorreu muito bem” (Q13, P4) “Foi excelente a forma como as atividades estavam “encadeadas” (Q14, P4) “preocupação de fazerem atividades adequadas aos diferentes grupos etários” (Q15, P4) “bem orientada” (Q18, P4) “muito bem orientada para as crianças desta faixa etária” (Q19, P4) “...grande preocupação em motivarem as crianças” (Q20, P4) “decorrido num ambiente de empatia, transmissão de conhecimento, habilidade e costumes... adequada organização, interação e aprendizagem ativa” (Q21, P4) “...momentos de informação bem definidos e com uma atividade pratica motivadora e que considero essencial nesta faixa etária” (Q22, P5) “muito bem planeada” (Q23, P4) “Técnicos com conhecimento e uma abordagem adequada ao público alvo” (Q24, P4) “Bom” (Q27, P4) “achei muito rica. Toda a organização e orientação da visita, quer no espaço envolvente, quer dentro do próprio centro, foi elucidativa e aliciante. A</i></p>

		<p><i>oportunidade de estar com os artesãos foi extraordinária.” (Q30, P4) “muito bem dirigida” (Q31,P4) “Os(as) monitores(as) tiveram sempre com cuidado nas suas apresentações e demonstrações, demonstrando sempre simpatia e entusiasmo” (Q32,P4) “organizada” (Q33,P4) “as atividades estiveram bastante adaptadas e adequadas à faixa etária dos meus alunos” (Q1, P7) “atividades desenvolvidas nesta visita foram ajustadas as faixas etárias e bastante enriquecedoras” (Q20, P7) “As atividades foram adequadas a faixa etária” (Q25, P7) “Foi uma excelente visita” (Q2, P8)</i></p>
	<p>Sugestões</p>	<p><i>“Interagir diretamente com vários artesãos” (Q3, P7) “(…) pintar uma máscara ou desenhar uma com base nalgum modelo... experimentar máscaras verdadeiras e trajes” (Q6, P7) “...ter mais contacto com as máscaras” (Q31, P7) “Pequena oficina de como é ser artesão... Construção dos próprios fatos... Pintura...Pintura de máscaras reais” (Q33, P7) “Demonstração e posterior execução, por parte do aluno, da respetiva máscara ou parte dela, se possível” (Q26, P7) “pintar uma máscara ou desenhar uma com base nalgum modelo... experimentar máscaras verdadeiras e trajes” (Q6, P7)</i></p>
<p>Visita a espaços museológicos</p>	<p>Vantagens dos serviços educativos</p>	<p><i>“(…)tornam o assimilar destes conhecimentos muito mais fácil... a sua associação aos conteúdos abordados” (Q1, P5) “oportunidade de aprender de forma prática...ao interagir com as exposições e artefactos” (Q2, P5) “Uma aprendizagem deve uma componente experimental” (Q4, P5) “constituem uma mais-valia no processo de ensino/aprendizagem...o envolvimento dos alunos na construção do seu conhecimento se torna superior” (Q5,</i></p>

	<p>P5) “É com atividades práticas, que eles veem e vivenciam que a aprendizagem é feita de forma mais fácil e quase inconsciente” (Q6, P5) “...podem ver coisas que de outra forma seria impossível” (Q7, P5) “possibilitam ... em especial às crianças, a pesquisa a partir da história e da conservação de objetos, documentos e obras, bem como a interatividade” (Q8, P5) “...forma mais lúdica de os alunos compreenderem” (Q10, P5) “...os alunos protagonistas no processo de construção do próprio conhecimento” (Q11, P5) “os alunos poderem vivenciar e por em pratica o que foram aprendendo durante a visita” (Q13, P5) “a possibilidade de as crianças...praticarem (...) forma excelente de aprender, fazendo” (Q14, P5) “mais valia, pedagogicamente e culturalmente” (Q17, P5) “todas as... atividades contribuem o conhecimento cultural dos alunos” (Q18, P5) “meio estratégico de apreciação e fruição de diversas conjunturas culturais... estímulo sensorial, desenvolvimento da sensibilidade estética, sentido crítico e atitudes de cidadania, facilitando a compreensão e apropriação da "herança cultural”(Q21, P5) “contacto com o concreto/real” (Q22, P5) “ótimo complemento à formação dos discentes, possibilitando uma alargada panóplia de abordagens posteriores” (Q24, P5) “Experienciar contextos diferenciados” (Q27, P5) “complementam o estudo desenvolvido na sala de aula e permitem o contacto com a arte e afins, tornando-a tangível” (Q29, P5) “facilitar através da observação e da experimentação” (Q31, P5) “As exposições são, atualmente, a principal forma de comunicação dos museus com os alunos e tem como função divulgar e promover a educação sobre a nossa cultura e tradições” (Q32, P5)</p>
--	---

	<p>Vantagens das visitas</p>	<p><i>“Aprender sobre as nossas tradições culturais” (Q3,P5) “importantes espaços motivadores e proporcionadores de aprendizagem” (Q12,P5) “...a possibilidade de as crianças verem...” (Q14, P5) “estão na presença dos objectos pertencentes aos nossos antepassados”(Q15, P5) “locais de excelência de recolha de materiais representativos da cultura... as gerações atuais devem ser integradas nesses processos interpretativos” (Q16, P5) “Todas as visitas... a museus contribuem o conhecimento cultural dos alunos” (Q18,P5) “visitas a qualquer museu e em qualquer idade é sempre um processo de aprendizagem” (Q19,P5) “espaço de cultura funcionam como um arquivo” (Q20,P5) “..proporcionam visitas com temáticas muito diversificadas que estimulam e desenvolvem as competências pessoais e sociais em todas as faixas etárias ,contribuindo também para o desenvolvimento de uma cidadania mais consciente” (Q22,P5) “espaços de valorização cultural... criam-se memórias que potenciam o interesse e a procura do conhecimento” (Q30,P5) “...mostrar uma perspectiva diferente... mais próxima do real” (Q1,P6) “oportunidade única para aprender sobre a história, arte, ciência e cultura... momentos de entretenimento e lazer...papel crucial na preservação e proteção do património cultural” (Q2,P6) “aprender sobre as nossas raízes”(Q3,P6) “mais-valia no processo educativo” (Q4,P6) “aprendizagem, visualização no local, oportunidade de ver coisas que não estão acessíveis” (Q6,P6) “...aprendizagem, visualização no local, oportunidade de ver coisas que não estão acessíveis... contacto com o património proporciona uma maior sensibilização para a sua salvaguarda e conservação” (Q7,P6) “Aprender mais</i></p>
--	-------------------------------------	--

		<p><i>sobre cultura para além do formato convencional das escolas” (Q8,P6)</i> <i>“alunos consolidam o seu conhecimento sempre que há contacto direto com as fontes patrimoniais e estas conseguem ilustrar o que foi lecionado... contacto com o património proporciona uma maior sensibilização para a sua salvaguarda e conservação” (Q9,.P6)</i> <i>“Aprender de modo diferente” (Q11,P6)</i> <i>“espaços motivadores e proporcionadores de aprendizagem “ (Q12,P6)</i> <i>“vivenciar tradições, costumes da sua região” (Q13,P6)</i> <i>“...presença dos achados arqueológicos e objetos de culturas” (Q15,P6)</i> <i>“Experienciarem e contactarem com elementos representativos da história e da cultura” (Q16,P6)</i> <i>“...adquirir conhecimento e cultura” (Q17,P6)</i> <i>“enriquecimento cultural” (Q18,P6)</i> <i>“Enriquecimento pessoal e cultural” (Q20,P6)</i> <i>“aprender sobre o património histórico, cultural e estímulo à curiosidade e criatividade” (Q21,P6)</i> <i>“maior conhecimento que proporcionam às crianças /publico em geral” (Q22,P6)</i> <i>“Assimilar mais facilmente ao visualizar os vários contextos históricos.” (Q28, P6)</i> <i>“abrir horizontes, conhecer novos espaços e diversidades culturais (Q29,P6)</i> <i>“conhecimento” (Q33,P6)</i></p>
	<p>Constrangimentos das visitas a museus</p>	<p><i>“...calendarização dos mesmos, que nem sempre é a mais pertinente” (Q1,P6)</i> <i>“alguns museus podem ter custos elevados de entrada, o que pode limitar o acesso de algumas pessoas a esses espaços” (Q2,P6)</i> <i>“...pouco tempo disponível e transporte” (Q3,P6)</i> <i>“...parte burocrática exigida para a realização das mesmas, bem como o transporte necessário, o número de acompanhantes e a necessária conciliação com de horários” (Q5, P6)</i> <i>“...muitos alunos ao mesmo tempo” (Q6,P6)</i> <i>“...Quando são grupos de alunos muito grandes, há a</i></p>

		<p>possibilidade de não estarem atentos e levarem tudo para a brincadeira” (Q9, P6) “transporte ...dependentes de terceiros para podermos efetuar as visitas”(Q10,P6) “horários nem sempre compatíveis com os da Escola...transporte das crianças para os museus e de nem todos os museus terem a vertente pedagógica que o CIMI tem” (Q14,P6) “falta de meios para acessar a esses locais (Q15,P6) “Falta de apoios para essas atividades” (Q16,P6) “Não se poder mexer” (Q17,P6) “Falta de apoio” (Q20,P6) “parco atendimento às necessidades individuais, nomeadamente a presença de recursos quer físicos, quer humanos para que as visitas decorram num princípio de equidade para todos os visitantes” (Q21,P6) “o acesso /transporte dos alunos (pouca disponibilidade /sensibilidade para o transporte de alunos)” (Q22,P6) “...fator tempo... horários a cumprir sobretudo, na entrega das crianças ao fim do dia, devido aos transportes que têm para regressarem às suas casas” (Q23,P6) “Distância e o caminho sinuoso” (Q24,P6) “ruído...grupos grandes” (Q25,27,P6) “questão económica e a desvalorização por parte das famílias” (Q29,P6) “número grande de alunos para um espaço mais pequeno e com tempo bastante limitado e as distâncias entre a escola os locais a visitar” (Q31,P6) “Poucos espaços para dinamizar atividades” (Q33,P6)</p>
	<p>Sugestões</p>	<p>“Visitas guiadas que envolvam os alunos/utentes de forma ativa, através de perguntas, jogos e desafios relacionados com as exposições do museu, oficinas práticas onde os alunos/utentes possam experimentar técnicas artísticas, científicas ou históricas relacionadas com as coleções do museu. criação de “obras de arte” inspiradas nas coleções do museu,” (Q2, P7) “atividades práticas”</p>

	<p>(Q4,Q14,Q17, Q32, P7) “atividades...experimentação/participação e/ou manipulação de materiais” (Q5,P7) “Atividades onde possam tocar, experimentar... dramatização de histórias ligadas ao museu” (Q7,P7) “Ciência” (Q8,P7) “Exposições, visitas guiadas, realização de ateliês temáticos” (Q9,P7) “atividades em que os alunos participem ativamente, executando, manuseando, experimentando” (Q10,P7) “Atividades lúdicas” (Q11,Q15,P7) “Oficinas educativas, jogos, atividades interativas” (Q12,P7) “Modelagem; pintura , dramatizações” (Q13,P7) “...expressão plástica, música, dança tudo que tenha movimento” (Q18,Q19) “possibilidade de exploração de materiais e situações...oficinas pedagógicas expressivas, apelando às múltiplas linguagens” (Q21,P7) “Exposições e oficinas adaptadas às idades e interesses dos grupos” (Q22,P7) “... experimentação, para além das demonstrações, uma espécie de um pequeno workshop” (Q23,P7) “Atividades mais interativas” (Q27,P7) “<i>Quiz</i> para fazer ao longo da visita” (Q28,P7) “mais práticas do que expositivas” (Q29,P7) “atividades de exploração e experimentação” (Q30,P7)</p>
--	--

Fonte: Elaboração própria

IV.2.1. Análise das percepções e experiências dos Docentes/Técnicos sobre visitas educativas ao CIMI (2020-2024)

De acordo com as respostas obtidas relativamente à motivação, os alunos mostraram-se “*entusiasmados*” (Q1, Q3, Q4, Q6, Q7, Q9, Q13, Q15, Q16, Q17, Q27, Q33, P1), refletindo-se numa “*escuta ativa, observação e manifestações emotivas*” (Q21, P2). Ao longo da visita e atividades desenvolvidas, mostram-se muito participativos “*fizeram perguntas*” (Q18, Q19, P2), estiveram “*interessados nas diferentes atividades*” (Q26, P2), querendo “*participar de forma ativa*” (Q32, P2) e “*Gostaram muito da*

interação com o careto” (Q6, P2). No entanto, algumas respostas mostraram algum desinteresse através de *“alunos, menos atentos, demonstrando pouco entusiasmo e até mesmo postura cívica adequada ao local, demonstrando o quanto não estão habituados a este tipo de vistas e práticas familiares de visitar espaços como este (Q23, P2) e, por este motivo, em alguns casos, teve que existir uma “Maior necessidade de monitorização comportamental, para que o grupo mantivesse um comportamento adequado ao local que ocupavam” (Q,24, P2). No entanto, de uma maneira geral, os alunos mostraram-se atentos, interessados e muito participativos através de questões que iam colocando ao longo da visita e entusiasmo nas atividades que realizaram.*

Relativamente à importância da visita no que diz respeito à cultura e à aprendizagem, referiram que serviu para *“Vivenciar manifestações do Património Cultural Imaterial; Promover a sua valorização e atitudes a ter no sentido de o preservar; Conhecer, salvaguardar e manter vivas tradições; Sensibilizar para a importância da transmissão e continuidade deste património imaterial” (Q2, Q5, P3). Realçaram a importância do contacto direto com a cultura, referindo que “vivenciaram, jogaram e conversaram com os construtores das máscaras” (Q4, P3), tendo a oportunidade de “tocar e sentir” (Q7, P3). Realçaram a importância desta visita no “Estudo de plantas (amieiro, eucalipto, milho...); Enriquecimento lexical Tradição e costumes portugueses, para todos em especial os alunos de nacionalidade brasileira e S. Tomense” (Q8, P3) e “conhecerem aspetos/traços geométricos de figuras tridimensionais que são estudadas nos conteúdos de matemática ao nível dos sólidos geométricos.” (Q23, P3). De acordo com os docentes, a visita “Aumentou o conhecimento dos alunos” (Q10, P3) e, em alguns casos, auxiliou “na elaboração de textos relativos à temática” (Q10, P3). Consideraram a mesma de um “grande interesse pedagógico (...) estava integrada no Projeto que está a ser desenvolvido na escola...”*“Património Cultural Imaterial - À descoberta das nossas raízes”. Permitted trabalhar diferentes áreas curriculares.” (Q12, P3). Realçaram que, desta forma, os alunos conseguiram ter uma “visão do espaço envolvente e da cultura local” (Q16, P3) e “ficaram a conhecer como se fazem as máscaras, quem as faz e qual é o material utilizado” (Q17, P3), potenciando “significativos momentos aprendizagem e de valorização da tradição carnavalesca local” (Q21, P3). Salientaram também “A**

interdisciplinaridade dos conhecimentos (Verem onde se desenvolve a árvore para cortar e a maneira como os artesãos constroem as máscaras...)” (Q28, P6) e, desta forma, *“permitiu conhecer a máscara, respetivo historial e importância”* (Q29, P3).

As respostas referiram que a visita, *“Tornou mais clara a noção de património”* (Q30, P3) através do *“...contacto com a realidade cultural do meio envolvente”* (Q4, P4) e deu *“...oportunidade de assistirem a atividades relacionadas com a cultura local”* (Q16, P4).

A maior parte das respostas, mostrou que a visita facilitou o contacto mais próximo com a cultura e o meio envolvente auxiliando no incentivo da sua preservação.

Algumas respostas também mostraram que este género de visitas pode ser perfeitamente enquadrado em projetos ou unidades curriculares das escolas, servindo como meio de transmissão de conhecimento através da educação não formal.

De uma maneira geral, as visitas tiveram uma avaliação muito positiva e mostraram interesse em repetir a experiência, considerando *“(...) uma excelente visita”* (Q2, P8), *“muito enriquecedora”* (Q19, P3; Q26, P4) e *“bastante interessante, profícua (...) a repetir sem qualquer dúvida (...) rica culturalmente, bom enquadramento”* (Q1, P4). Foi muito realçada a forma como as visitas foram planeadas *“muito bem organizada”* (Q9, Q13, Q15, P4), *“muito bem planeada”* (Q23, P4), *“(...) achei muito rica. Toda a organização e orientação da visita, quer no espaço envolvente, quer dentro do próprio centro, foi elucidativa e aliciante.”* (Q30, P4), referiram o recurso *“a várias estratégias para manter a atenção dos visitantes, recorrendo a vídeos e até deixando experimentar a técnica dos artesãos”* (Q28, P5). Notou-se que foi destacado com muito agrado o contacto com os artesãos *“A oportunidade de estar com os artesãos foi extraordinária.”* (Q30, P4).

Na avaliação da visita, também foi elogiada a *“preocupação de fazerem atividades adequadas aos diferentes grupos etários”* (Q15, P4), o facto de ter sido *“muito bem orientada para as crianças desta faixa etária”* (Q19, P4), a existência de *“...momentos de informação bem definidos e com uma atividade prática motivadora e que considero essencial nesta faixa etária”* (Q22, P5). De uma forma geral e, de acordo com as respostas os docentes consideraram que as *“atividades desenvolvidas nesta visita foram ajustadas às faixas etárias e bastante enriquecedoras”* (Q20, P7) através de *“Técnicos com conhecimento e uma abordagem adequada ao público-alvo”* (Q24, P4)

As respostas também referiram o facto de a visita ter sido *“muito bem dirigida”* (Q31, P4) realçando a prestação dos monitores salientando o facto de ter *“decorrido num ambiente de empatia, transmissão de conhecimento, habilidade e costumes (...) adequada organização, interação e aprendizagem ativa”* (Q21, P4), *“Os(as) monitores(as) tiveram sempre com cuidado nas suas apresentações e demonstrações, demonstrando sempre simpatia e entusiasmo”* (Q32, P4). Uma das respostas, avaliou a visita como *“muito interessante, mas sessões demasiadas curtas”* (Q6, P4), no entanto, é importante referir que o tempo disponível e o número de alunos por visita, interfere na duração de cada atividade e, neste sentido, para que todos consigam realizar as diversas atividades, as sessões terão de ser mais curtas.

No que respeita às sugestões de relativamente às visitas ao CIMI foram salientadas *“Interagir diretamente com vários artesãos”* (Q3, P7) *“...ter mais contacto com as máscaras”* (Q3, P7), *“pintar uma máscara ou desenhar uma com base nalgum modelo... experimentar máscaras verdadeiras e trajes”* (Q6, P7) *“Pequena oficina de como é ser artesão (...) Construção dos próprios fatos (...) Pintura (...) Pintura de máscaras reais”* (Q33, P7) e *“Demonstração e posterior execução, por parte do aluno, da respetiva máscara ou parte dela, se possível”* (Q26, P7). Parte das atividades sugeridas pelos inquiridos já fazem parte do conjunto de atividades realizadas no CIMI. No entanto, a sua realização depende de diversos fatores que não são da responsabilidade do equipamento, como por exemplo: disponibilidade por parte dos artesãos ou caretos e tempo disponível por parte do grupo. Nesse sentido, nem sempre é possível realizar estas atividades com os grupos.

Relativamente às vantagens dos serviços educativos nos espaços museológicos, referem que os mesmos *“tornam o assimilar destes conhecimentos muito mais fácil (...) a sua associação aos conteúdos abordados”* (Q1, P5) dão a *“oportunidade de aprender de forma prática...ao interagir com as exposições e artefactos”* (Q2, P5), defendendo que a aprendizagem *“(...) deve ter uma componente experimental”* (Q4, P5) e que *“É com atividades práticas, que eles veem e vivenciam que a aprendizagem é feita de forma mais fácil e quase inconsciente”* (Q6, P5). Consideram que as atividades nestes espaços *“possibilitam (...) em especial às crianças, a pesquisa a partir da história e da conservação de objetos, documentos e obras, bem como a interatividade”* (Q8, P5)

realçando que funcionam como uma “...forma mais lúdica de os alunos compreenderem” (Q10, P5). De acordo com as respostas, as atividades nos museus tornam “(...) os alunos protagonistas no processo de construção do próprio conhecimento” (Q11, P5) e dão a oportunidade de “vivenciar e pôr em prática o que foram aprendendo durante a visita” (Q13, P5) e a (...) possibilidade de as crianças (...) praticarem (...) forma excelente de aprender, fazendo” (Q14, P5). Tendo em conta as respostas, os serviços educativos, são considerados um “meio estratégico de apreciação e fruição de diversas conjunturas culturais (...) estímulo sensorial, desenvolvimento da sensibilidade estética, sentido crítico e atitudes de cidadania, facilitando a compreensão e apropriação da "herança cultural"(Q21, P5) tornando-se num “ótimo complemento à formação dos discentes, possibilitando uma alargada panóplia de abordagens posteriores” (Q24, P5). De acordo com as respostas, os serviços educativos nos espaços museológicos “complementam o estudo desenvolvido na sala de aula e permitem o contacto com a arte e afins, tornando-a tangível” (Q29, P5). É também destacada a importância das exposições, consideradas “(...) atualmente, a principal forma de comunicação dos museus com os alunos e tem como função divulgar e promover a educação sobre a nossa cultura e tradições” (Q32, P5).

Relativamente às visitas a museus, os inquiridos responderam que, através das mesmas é possível “(...) expandir seus conhecimentos e desenvolver um maior conhecimento pela arte e pela história (...) contribuem para a educação e o enriquecimento cultural de indivíduos de todas as idades” (Q2,P5), considerando que são “importantes espaços motivadores e proporcionadores de aprendizagem” (Q12,P5) e “locais de excelência de recolha de materiais representativos da cultura (...)” (Q16,P5), realçando que “as gerações atuais devem ser integradas nesses processos interpretativos” (Q16,P5). As respostas reforçam que as “visitas a qualquer museu e em qualquer idade é sempre um processo de aprendizagem” (Q19, P5) e referem que estes espaços “(...) proporcionam visitas com temáticas muito diversificadas que estimulam e desenvolvem as competências pessoais e sociais em todas as faixas etárias, contribuindo também para o desenvolvimento de uma cidadania mais consciente” (Q22, P5). Consideram as visitas uma “oportunidade única para aprender sobre a história, arte, ciência e cultura (...)” através de “momentos de entretenimento e lazer (...)” e com um

“papel crucial na preservação e proteção do património cultural” (Q2, P6). Referem que os museus são *“espaços de valorização cultural (...) criam-se memórias que potenciam o interesse e a procura do conhecimento”* (Q30, P5).

As respostas também referem que as visitas a museus possibilitam *“Aprender mais sobre cultura para além do formato convencional das escolas”* (Q8, P6) e os *“alunos consolidam o seu conhecimento sempre que há contacto direto com as fontes patrimoniais e estas conseguem ilustrar o que foi lecionado (...) contacto com o património proporciona uma maior sensibilização para a sua salvaguarda e conservação”* (Q9, P6). De acordo com as respostas, estes espaços ajudam a *“Assimilar mais facilmente ao visualizar os vários contextos históricos.”* (Q28, P6) e potenciam o *“Enriquecimento pessoal e cultural”* (Q20, P6).

No que diz respeito aos constrangimentos associados às visitas a espaços museológicos, foram apontados a *“(...) calendarização dos mesmos, que nem sempre é a mais pertinente”* (Q1, P6), o facto de que *“alguns museus podem ter custos elevados de entrada, o que pode limitar o acesso de algumas pessoas a esses espaços* (Q2, P6), o *“...pouco tempo disponível e transporte”* (Q3, P6), a *“...parte burocrática exigida para a realização das mesmas (...) o número de acompanhantes e a necessária conciliação com de horários”* (Q5, P6), *“...muitos alunos ao mesmo tempo”* (Q6,P6), *“dependentes de terceiros para podermos efetuar as visitas”* (Q10, P6), *“horários nem sempre compatíveis com os da Escola...transporte das crianças para os museus e de nem todos os museus terem a vertente pedagógica que o CIMI tem”* (Q14, P6), *“Falta de apoios para essas atividades”* (Q16, P6), *“Não se poder mexer”* (Q17, P6), *“parco atendimento às necessidades individuais, nomeadamente a presença de recursos quer físicos, quer humanos para que as visitas decorram num princípio de equidade para todos os visitantes”* (Q21,P6), *“(...) (pouca disponibilidade /sensibilidade para o transporte de alunos)”* (Q22, P6), *“Distância e o caminho sinuoso”* (Q24, P6), *“questão económica e a desvalorização por parte das famílias”* (Q29, P6), *“(...) número grande de alunos para um espaço mais pequeno e com tempo bastante limitado e as distâncias entre a escola os locais a visitar”* (Q31, P6) e, por fim, a existência de *“Poucos espaços para dinamizar atividades”* (Q33, P6).

Em relação às sugestões de atividades, destacaram-se “*Visitas guiadas que envolvam os alunos/utentes de forma ativa, através de perguntas, jogos e desafios relacionados com as exposições do museu, oficinas práticas onde os alunos/utentes possam experimentar técnicas artísticas, científicas ou históricas relacionadas com as coleções do museu. criação de “obras de arte” inspiradas nas coleções do museu,*” (Q2, P7), “*Atividades onde possam tocar, experimentar... dramatização de histórias ligadas ao museu*” (Q7,P7) “*Ciência*” (Q8,P7) “*Exposições, visitas guiadas, realização de ateliês temáticos*” (Q9,P7) “*Oficinas educativas, jogos, atividades interativas*” (Q12,P7) “*Modelagem; pintura, dramatizações*” (Q13,P7) “*(...) expressão plástica, música, dança tudo que tenha movimento*” (Q18,Q19) “*possibilidade de exploração de materiais e situações...oficinas pedagógicas expressivas, apelando às múltiplas linguagens*” (Q21,P7) “*Exposições e oficinas adaptadas às idades e interesses dos grupos*” (Q22,P7) “*... experimentação, para além das demonstrações, uma espécie de um pequeno workshop*” (Q23,P7) “*Atividades mais interativas*” (Q27,P7) “*Quizz para fazer ao longo da visita*” (Q28,P7) “*mais práticas do que expositivas*” (Q29,P7).

IV.3. Síntese das principais conclusões sobre as visitas educativas ao CIMI baseadas na análise das respostas dos Docentes/Técnicos

A síntese seguinte, apresenta as principais conclusões que se retiram das respostas dos docentes/técnicos sobre as visitas ao centro interpretativo entre os anos de 2018-2019 e 2020-2024.

Relativamente a 2018-2019, destacam-se os seguintes pontos:

Caracterização da visita

- Motivação dos alunos:
 - Entusiasmo, participação, interação:
 - Os alunos mostraram-se entusiasmados, curiosos e interessados;

-
- Reações positivas e grande expectativa foram observadas frequentemente:
-

- Muitos alunos fizeram perguntas e participaram ativamente nas atividades propostas.

○ Cultura/Aprendizagem:

▪ Benefícios Educacionais:

- As visitas e oficinas facilitaram a aprendizagem cultural e aumentaram o conhecimento dos alunos sobre tradições locais;
 - As atividades foram vistas como enriquecedoras, proporcionando uma aprendizagem prática e direta sobre a confecção de máscaras e trajes.
-

○ Avaliação da Visita:

▪ Avaliação geral positiva:

- Positiva e enriquecedora: As visitas foram amplamente vistas como positivas e enriquecedoras.

▪ Aspectos menos positivos:

- Acompanhamento: Houve referências à falta de guias.
 - Logística: espaço insuficiente para receber grupos grandes, afetando a experiência.
 - Organização das visitas: A maioria valorizou a experiência, mas destacou a necessidade de uma melhor organização para otimizar o aproveitamento da visita.
-

○ Sugestões:

- Adaptação das atividades aos diferentes grupos etários: mais atividades práticas e lúdicas adaptadas às diferentes faixas etárias;
 - Melhorar a organização – melhoria na organização logística, especialmente na adequação do espaço para o número de participantes;
 - Atividades mais diversificadas: dramatizações, teatros, oficinas, atividades interativas, entre outras.
-

Visita a espaços museológicos

Vantagens dos serviços educativos nos espaços museológicos:

▪ Interação direta:

- Contacto direto com a realidade histórica e cultural.

▪ Aprendizagem simplificada:

- Enriquecimento cultural e simplificação da aprendizagem através da observação direta.

▪ Complemento à educação formal através da prática:

- As atividades foram vistas como complementos ao currículo escolar, proporcionando uma aprendizagem mais prática e contextualizada.

○ Vantagens das visitas a espaços museológicos:

▪ Enriquecimento Cultural e Pessoal:

- As visitas proporcionam conhecimento sobre a história, cultura e tradições, enriquecendo culturalmente os alunos;
- Estimulam a curiosidade e a criatividade, além de facilitar a assimilação de contextos históricos.

▪ Complemento Educativo:

- As visitas complementam o estudo da sala de aula, tornando a aprendizagem mais tangível e concreta.
- Proporcionam uma forma diferente de aprender, fora do formato convencional das escolas.

▪ Desenvolvimento de competências:

- Estimulam e desenvolvem competências pessoais e sociais em todas as faixas etárias;
- Contribuem para o desenvolvimento de uma cidadania mais consciente.

▪ Experiência real e concreta:

- Proporcionam contacto direto com objetos e contextos reais, facilitando a compreensão e apropriação da herança cultural;
- Oferecem uma oportunidade única para aprender sobre história, arte, ciência e cultura de forma prática.

○ Constrangimentos das visitas a espaços museológicos:

▪ Logística e Transporte:

- Dificuldades no acesso e transporte dos alunos devido à pouca disponibilidade e sensibilidade para o transporte escolar;
- Distância e caminhos sinuosos dificultam o acesso aos museus.

▪ Recursos e Apoios:

- Falta de meios e apoios financeiros para organizar as visitas;
- Necessidade de mais recursos físicos e humanos para atender às necessidades individuais dos visitantes.

▪ Organização e Tempo:

- Problemas com a calendarização das visitas, que nem sempre é pertinente;
- Pouco tempo disponível para as visitas, além de horários que precisam ser cumpridos, especialmente no regresso a casa das crianças.

Sugestões:

▪ Diversificação das atividades:

- Propor visitas guiadas que envolvam os alunos de forma ativa, com perguntas, jogos e desafios relacionados com as exposições;
- Oferecer oficinas práticas onde os alunos possam experimentar técnicas artísticas, científicas ou históricas;
- Incluir teatro, dramatizações, danças, atividades lúdicas e passagem de filmes/vídeos;
- Promover workshops, jogos educativos, *quizz* e atividades interativas e multimédia.

▪ Apoio e recursos:

- Melhorar recursos físicos e humanos:
 - Melhorar o atendimento às necessidades individuais dos visitantes, garantindo recursos físicos e humanos adequados.

▪ Logísticos e financeiros:

- Proporcionar mais apoios logísticos e financeiros para facilitar a organização das visitas.

- Planeamento e organização:
 - Ajustar a calendarização das visitas para coincidir mais com os horários escolares.
 - Garantir transporte adequado e seguro para os alunos, facilitando o acesso aos museus.

Em relação a 2020-2024, destacam-se os seguintes pontos:

Caracterização da visita

- Motivação dos alunos:
 - Entusiasmo, curiosidade, atenção e interação:
 - Foi evidente a expectativa de uma nova experiência, notando-se muita curiosidade através das perguntas que iam colocando e concentração nas explicações e atividades propostas. De uma forma geral, tiveram sempre uma participação muito ativa.
 - Necessidade de monitorização comportamental:
 - Receio: inicialmente, alguns alunos da faixa etária mais baixam, mostram algum sinal de medo, sendo superada com o decorrer do tempo;
 - Desinteresse: Foi observado que um número reduzido de alunos apresentava um certo desinteresse e falta de motivação, demonstrando distração.
- Cultura/aprendizagem:
 - Contacto próximo com o património cultural imaterial:
 - Tradições e Costumes locais: Os alunos tiveram a oportunidade de estar em contacto com o património cultural imaterial e conhecer tradições e costumes da região. Este contacto direto ajudou a envolver os alunos na temática abordada.
 - Aprendizagem prática:

-
- Atividades Interativas: Durante a visita, os alunos participaram em atividades práticas que permitiram observar, tocar e interagir com artesãos e objetos culturais.

- Valorização do património e aumento do conhecimento:

- Valorização do Património: A visita incentivou os alunos a reconhecer e apreciar a importância do património cultural imaterial. Esse reconhecimento é crucial para a preservação e valorização das tradições locais.

-
- Aumento do conhecimento geral: Ao participar ativamente das atividades culturais, os alunos ampliaram o seu conhecimento geral sobre a cultura local. Esta vertente prática e envolvente contribuiu significativamente para seu desenvolvimento educacional e cultural.

- Avaliação da visita:

- Avaliações Positivas:

- Organização: A maioria dos participantes elogiou a organização da visita, mencionando a fluidez e a estrutura bem planeada das atividades.

-
- Relevância Cultural: A visita foi amplamente reconhecida pela sua relevância cultural, oferecendo uma significativa aprendizagem sobre o património imaterial, tradições e costumes locais.

-
- Atividades adequadas às faixas etárias: As atividades foram bem-adaptadas às diversas faixas etárias dos alunos, garantindo que todos pudessem participar.

- Sugestões:

- Interação direta com artesãos e máscaras: conhecerem e interagirem com artesãos locais, permitindo um entendimento mais profundo do processo de elaboração das máscaras.

-
- Atividades artística: Organizar oficinas onde possam pintar ou desenhar máscaras baseadas em modelos, bem como experimentar máscaras e trajes.
-

-
- Demonstrações e participação ativa: Incluir demonstrações de criação de máscaras seguidas de atividades onde os visitantes podem criar suas próprias máscaras ou partes delas, incentivando a participação ativa no processo artístico.
-

Visita a espaços museológicos

- Vantagens dos serviços educativos:

- Facilitam a assimilação de conhecimentos: Os serviços educativos nos museus tornam mais fácil o assimilar de conhecimentos, associando-os diretamente aos conteúdos abordados.
-
- Aprendizagem prática e interativa: mais-valia no processo de aprendizagem visto que proporcionam uma oportunidade de aprender de forma prática ao interagir diretamente com exposições e artefactos, tornando a aprendizagem mais envolvente.
-
- Componente experimental: Integram uma componente experimental na aprendizagem, dando a oportunidade aos visitantes de experienciarem conceitos e teorias na prática de forma lúdica, consciente e facilitada.
-
- Estímulo à pesquisa e interatividade: Possibilitam a pesquisa a partir da história e conservação de objetos, documentos e obras, além de promoverem a interatividade.
-
- Desenvolvimento sensorial e estético: São um meio estratégico para apreciação e fruição de diversas conjunturas culturais, estimulando o desenvolvimento sensorial, sensibilidade estética e sentido crítico.
-
- Contacto com o real e concreto: Proporcionam um contato direto com o real e concreto, enriquecendo a compreensão e apropriação da herança cultural.
-
- Complemento à formação escolar: São um ótimo complemento à formação dos alunos num contexto diferente, permitindo uma ampla variedade de abordagens posteriores em sala de aula.
-
- Divulgação educativa da cultura e tradições: As exposições nos museus funcionam como principal forma de comunicação educativa, divulgando e promovendo a educação sobre a cultura e tradições.
-

○ Vantagens das visitas a espaços museológicos:

- Potenciadores de aprendizagem direta com as fontes patrimoniais e sua preservação: Os museus são vistos como importantes espaços que motivam e facilitam a aprendizagem, proporcionando um ambiente estimulante para o conhecimento e preservação do património cultural.
- Aprendizagem não formal: O contato direto com fontes patrimoniais ajuda os alunos a consolidar o conhecimento adquirido em contexto de aula, aumentando a conscientização sobre a sua salvaguarda.
- Arquivos culturais: Funcionam como espaços de arquivo que preservam e representam materiais culturais significativos para as gerações atuais e futuras.
- Estímulo ao desenvolvimento pessoal e social: As visitas a museus estimulam e desenvolvem competências pessoais e sociais em todas as faixas etárias, promovendo uma cidadania mais consciente e, estimulando a curiosidade e criatividade.
- Valorização cultural e criação de memórias: São espaços de valorização cultural onde se criam memórias que incentivam o interesse contínuo pelo conhecimento e preservação cultural.
- Enriquecimento cultural e pessoal: As visitas aos espaços museológicos proporcionam um enriquecimento cultural e pessoal ao expor os visitantes a novas perspectivas e conhecimentos históricos e culturais.

Constrangimentos das visitas a museus:

- Recursos e apoios:
 - Custos elevados de entrada: Alguns museus têm custos elevados de entrada, o que pode limitar o acesso de algumas pessoas, especialmente escolas com orçamentos restritos.
 - Falta de apoio financeiro: Há uma falta de apoio financeiro para atividades educativas em museus, o que pode limitar a realização de visitas escolares.

-
- Falta de recursos pedagógicos: Nem todos os museus têm recursos pedagógicos suficientes para atender às necessidades específicas de grupos escolares.
-

- Desafios económicos e falta de valorização: Questões económicas e falta de valorização por parte das famílias podem impactar negativamente o interesse e a participação em visitas a museus.
-

- Atendimento às necessidades individuais: O atendimento às necessidades individuais durante as visitas nem sempre é suficiente, faltando recursos físicos e humanos para garantir uma experiência equitativa para todos.

▪ Logística e transporte:

- Limitações de tempo: Há frequentemente pouco tempo disponível para realizar visitas.
-

- Dependência de terceiros para transporte: Muitas vezes, as visitas dependem do transporte fornecido por terceiros, o que pode ser inconsistente ou limitado.
-

- Burocracia e requisitos administrativos: A burocracia necessária para realizar visitas, incluindo o transporte, número de acompanhantes e conciliação de horários, pode ser complexa e exigente.

▪ Organização e tempo:

- Calendarização: a calendarização dos museus nem sempre é adequada ou pertinente, podendo dificultar a organização das visitas, especialmente dos grupos escolares.
-

- Incompatibilidade de horários: Os horários dos museus nem sempre são compatíveis com os horários escolares, o que pode dificultar a organização de visitas pedagógicas.
-

- Grande número de alunos em simultâneo: Quando há muitos alunos a visitar ao mesmo tempo, pode ser difícil manter a atenção de todos e garantir um ambiente propício à aprendizagem.
-

- Restrições durante as visitas: Alguns museus impõem restrições quanto à movimentação ou interação com os objetos expostos, o que pode limitar a experiência dos visitantes.
- Espaços limitados para atividades dinâmicas: Alguns museus têm poucos espaços adequados para dinamizar atividades educativas, o que pode limitar a experiência dos visitantes, especialmente crianças.

○ Sugestões:

- Diversificação das atividades:

- Atividades interativas e participativas:

- Visitas guiadas que envolvam os alunos de forma ativa, utilizando perguntas, jogos e desafios relacionados com as exposições
- Oficinas práticas onde os alunos possam experimentar técnicas artísticas, científicas ou históricas
- Atividades que permitam o manuseamento de materiais.
- Foco em atividades mais práticas do que expositivas, promovendo exploração e experimentação

- Exploração prática e sensorial:

- Atividades onde os alunos possam tocar e experimentar, incluindo dramatização de histórias ligadas ao museu
- Oficinas educativas que envolvam modelagem, pintura, dramatizações e expressão plástica
- Exploração de materiais e situações através de oficinas pedagógicas que apelem a múltiplas linguagens

- Adaptação ao Público e Idade:

-
- Exposições e oficinas adaptadas às idades e interesses dos grupos
 - Atividades que combinem demonstrações com workshops práticos.
-

As visitas educativas ao Centro Interpretativo de Máscaras Ibéricas (CIMI) têm se mostrado uma ferramenta valiosa para o enriquecimento cultural e pessoal dos alunos. A análise das respostas dos docentes e técnicos revelou várias conclusões importantes sobre essas visitas. Os alunos demonstraram um alto nível de entusiasmo, curiosidade e participação ativa nas atividades propostas, o que é crucial para uma experiência educativa significativa. As visitas ao CIMI facilitaram a aprendizagem cultural, aumentando o conhecimento dos alunos sobre tradições locais. As atividades foram vistas como enriquecedoras, proporcionando uma compreensão prática e direta das tradições culturais. De maneira geral, as visitas foram amplamente vistas como positivas e enriquecedoras pelos participantes. No entanto, foram mencionadas algumas limitações, como a falta de guias e o espaço insuficiente para acomodar grupos grandes, o que afetou a qualidade da experiência.

Foi sugerido que as atividades sejam mais práticas e lúdicas, adaptadas às diferentes faixas etárias dos alunos, para melhor atender às suas necessidades e interesses. Há uma necessidade clara de melhor organização logística, especialmente na adequação do espaço para o número de participantes, para garantir uma experiência mais fluida e agradável. A inclusão de dramatizações, teatros, oficinas e atividades interativas foi recomendada para tornar as visitas mais dinâmicas e envolventes. As visitas proporcionam um conhecimento profundo sobre a história, cultura e tradições, estimulando a curiosidade e a criatividade dos alunos. Além disso, complementam o estudo realizado em sala de aula, tornando a aprendizagem mais tangível e concreta. As visitas também estimulam e desenvolvem competências pessoais e sociais em todas as faixas etárias, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos.

No entanto, a falta de apoio financeiro e de recursos pedagógicos suficientes foi identificada como um grande desafio, limitando a realização de visitas escolares. Dificuldades no acesso e transporte dos alunos, além de problemas com a calendarização

e horários dos museus, foram apontados como obstáculos significativos. As visitas educativas ao CIMI são vistas como uma oportunidade valiosa para o enriquecimento cultural e pessoal dos alunos. No entanto, enfrentam desafios logísticos e de recursos que precisam ser superados. A adaptação das atividades e a melhoria na organização são essenciais para otimizar a experiência educativa, garantindo que todos os alunos possam beneficiar plenamente dessas visitas.

IV. PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM SERVIÇO EDUCATIVO NO CIMI

Os serviços educativos têm desempenhado um papel fundamental nos espaços museológicos, funcionando como pontes entre o público e o acervo facilitam, desta forma, uma compreensão mais profunda e contextualizada das obras e exposições. Nestes espaços, estes serviços não democratizam apenas o acesso ao conhecimento, mas também estimulam a curiosidade e o pensamento crítico dos visitantes, contribuindo significativamente para o seu processo de aprendizagem.

Este capítulo, tem como objetivo apresentar uma proposta criação de um serviço educativo para o CIMI, visando obter resposta às questões identificadas no Capítulo I da presente dissertação, explorando as formas como estas iniciativas podem enriquecer a experiência dos visitantes, transformando este espaço cultural num espaço dinâmico de aprendizagem e descoberta contínua.

Ao procurar encontrar as respostas, entendeu-se que a criação de um serviço educativo, através de um Plano Educativo/Programação educativa, é essencial para o bom funcionamento de qualquer espaço museológico.

Embora no CIMI, se desenvolvam algumas atividades de âmbito educativo como: visitas guiadas, oficinas educativas, conferências, apresentações de livros, entre outras, as mesmas não têm ocorrido de forma contínua e sistemática. Neste sentido e, de acordo com a definição de serviços educativos de Clara Camacho (2007), abordada no primeiro capítulo, pode-se referir que, o CIMI, tem uma ação educativa pontual.

Desde 2019, tem sido realizado um acompanhamento da atividade do CIMI com o objetivo de elaborar uma proposta para melhorar seu funcionamento e desempenho de funções museológicas. Para isso, foi necessário observar, analisar e entender o funcionamento deste equipamento cultural. A estrutura desta proposta de criação de um serviço educativo baseou-se num trabalho académico cujo título “Projeto de criação de um serviço educativo nos Museus do Instituto Superior Técnico” (Rocha, 2017) que seguiu as linhas orientadoras de Sara Barriga Brighenti para estruturar e gerir um programa coerente que responda aos desafios diários do serviço educativo (Barriga & Silva, 2007, pp. 43-56)

IV. 1. Avaliação diagnóstica

Com base na análise da instituição e, através do levantamento de dados realizado, é possível fazer uma avaliação diagnóstica. O objetivo dessa avaliação, é retirar informações essenciais para redefinir conceitos, metas e objetivos, no sentido de formular novos projetos e resolver problemas que sejam identificados.

Neste sentido, recorreu-se à análise SWOT porque facilita a identificação de fatores internos - *Strengths* (Forças) e *Weaknesses* (Fraquezas) - e fatores externos - *Opportunities* (Oportunidades) e *Threats* (Ameaças) - de uma instituição ou projeto. Esta ferramenta é muito útil na avaliação da posição estratégica da instituição no ambiente em que se insere, permitindo desta forma uma análise do contexto.

Neste caso, considerou-se fazer uma análise ao contexto da instituição em questão, o CIMI. Com base no contacto direto que a mestranda tem com a instituição e nas respostas dos professores, identificaram-se alguns pontos mais relevantes como: o património cultural, a educação, a ligação com a comunidade, os recursos humanos e financeiros, o público e a divulgação que permitiram realizar a seguinte análise:

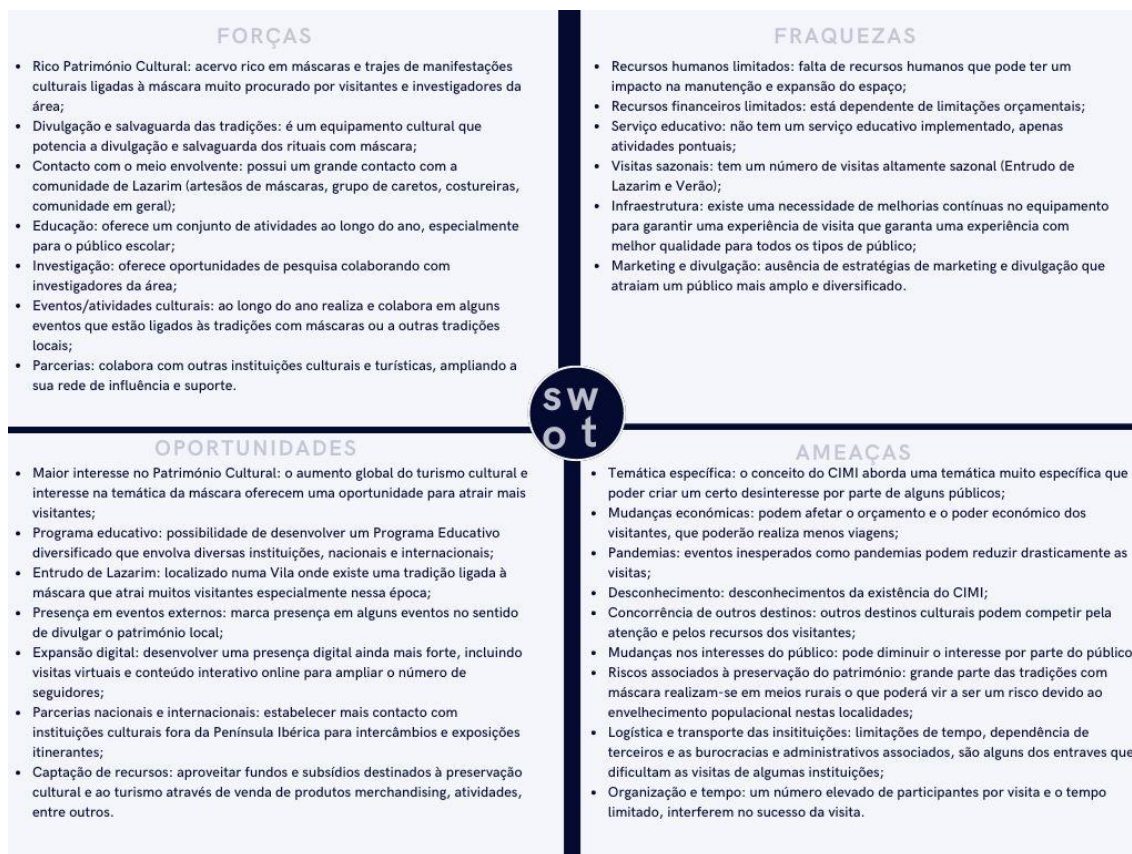


Figura 3 -Análise SWOT do contexto do CIMI

Fonte: Elaboração própria

A análise SWOT revela que o CIMI enfrenta, tanto oportunidades promissoras, quanto desafios significativos. Os pontos fortes do CIMI, residem na sua capacidade de preservar e divulgar rituais culturais, com um acervo de exposições que atraem visitantes e investigadores. A estreita ligação com a comunidade local e a oferta de atividades educativas e culturais ao longo do ano, destacam a importância do CIMI na preservação deste património cultural. Além disso, as parcerias que este equipamento tem com outras instituições, amplia a sua rede de influência e suporte.

No entanto, o equipamento cultural enfrenta fraquezas que podem limitar seu potencial. A escassez de recursos humanos e as limitações financeiras são uma preocupação constante que acaba por afetar a manutenção e a expansão do espaço. Embora ofereça atividades educativas, a ausência de um serviço educativo estruturado e contínuo, impede o desenvolvimento de programas mais abrangentes e consistentes. A sazonalidade das visitas, principalmente concentradas no Entrudo de Lazarim e no Verão,

é uma fraqueza que deveria ser colmatada com a criação de uma oferta educativa que atraísse públicos ao longo de todo o ano. A falta de estratégias de marketing e divulgação também limita a atração de um público mais diversificado.

As oportunidades para o CIMI são notáveis. O crescente interesse global pelo turismo cultural, nomeadamente na temática das máscaras, oferece um potencial significativo para atrair mais visitantes.

A criação de um programa educativo diversificado, envolvendo instituições nacionais e internacionais, poderá expandir o alcance e o impacto do CIMI. A localização estratégica em Lazarim, conhecida pelo Entrudo e, a presença em eventos externos, ajudam a divulgar este património. A possibilidade de expandir a presença digital, com visitas virtuais e conteúdo interativo, são formas eficazes de aumentar a sua visibilidade. Estabelecer parcerias internacionais e captar recursos através de fundos e subsídios destinados à preservação cultural e ao turismo são oportunidades que ajudarão a fortalecer o CIMI. Além disso, a venda de produtos de merchandising e a realização de atividades podem também gerar receitas próprias.

No entanto, as ameaças, não devem ser desvalorizadas. A temática específica da Máscara pode limitar o interesse de certos públicos, e as mudanças económicas poderão afetar tanto o orçamento do CIMI, quanto o poder de compra dos visitantes. Eventos imprevisíveis, como pandemias, podem reduzir drasticamente o número de visitas. A falta de conhecimento sobre a existência do CIMI, a concorrência de outros destinos culturais e as mudanças nos interesses dos públicos são desafios constantes. Além disso, a preservação deste tipo de tradições rurais também enfrenta riscos devido ao envelhecimento populacional desses meios.

A criação de um serviço educativo estruturado surge como uma solução crucial para enfrentar várias dessas fraquezas e ameaças. Um programa educativo estruturado pode não apenas aumentar o número de visitantes ao longo do ano, diminuindo a sazonalidade, mas também envolver a comunidade e os visitantes de uma forma mais envolvente e significativa. Ao educar sobre a importância e a história destes rituais com Máscara, o CIMI pode cultivar um interesse sustentado e diversificado, fortalecendo a divulgação e a salvaguarda deste património cultural. Este serviço educativo pode

colaborar com escolas, universidades, e outras instituições culturais, tanto nacionais quanto internacionais, ampliando a rede de parcerias e atraindo recursos adicionais.

Neste sentido, a implementação de um serviço educativo estruturado no CIMI, será essencial para superar as fraquezas e ameaças identificadas. Este serviço, não só poderá assegurar a preservação contínua das tradições, mas também proporcionará uma experiência enriquecedora para os visitantes, garantindo a sustentabilidade e o crescimento do CIMI a longo prazo.

IV. 2. Justificação e relevância da criação de um serviço educativo para o CIMI

A importância dos serviços educativos nos espaços museológicos, conforme já foi evidenciado, reside na capacidade de facilitar a assimilação de conhecimentos através de uma aprendizagem mais prática e interativa. Estes serviços permitem que os visitantes se envolvam diretamente com as exposições no sentido de estimular a curiosidade e a criatividade, desenvolvendo as suas competências pessoais e sociais. Ao mesmo tempo, proporcionam uma experiência real e concreta, essencial na valorização e preservação do património cultural.

O compromisso social da museologia tem vindo a ter cada vez mais relevância nos museus desde 1972, na Mesa Redonda de Santiago do Chile. Esta abordagem entende os museus como instituições dinâmicas e vivas, que promovem encontros interculturais e trabalham com a educação no seu sentido mais amplo. A função social dos museus é valorizada, reconhecendo que os mesmos estão ao serviço da sociedade desempenhando um papel fundamental no processo de democratização e de desenvolvimento social.

A consciencialização sobre a acessibilidade museológica tem tido um grande crescimento, tornando-se essencial que os museus, como espaços socioculturais, aceitem e integrem todos os públicos nas suas ações, promovendo assim a inclusão. Devido à sua ligação com uma sociedade diversificada, heterogénea e consumidora de cultura, a integração e a comunicação devem estar sempre presentes nas agendas e programações destes espaços (Santos, 2011, p. 306).

Um espaço museológico com uma temática relacionada com tradições locais faz a ponte entre as diversas áreas do saber e contribui de forma positiva, para o

desenvolvimento social, educativo e cultural dos visitantes. Neste sentido, a criação de um serviço educativo no CIMI, será crucial para maximizar os benefícios observados nas atividades pontuais realizadas e superar alguns desafios. Este serviço poderá proporcionar uma experiência educativa mais rica e estruturada, adaptando-a às necessidades de cada público e alinhando-a com os objetivos de valorização e preservação do património cultural.

IV. 3. Apresentação do projeto

Este projeto serve como uma forma de estudo para a criação de um serviço educativo, onde serão apresentados objetivos e estratégias que irão definir as metas a atingir para a programação de atividades através dos recursos humanos e financeiros disponíveis, e a sua posterior avaliação. Neste sentido, é importante identificar o público-alvo, a ligação com a sociedade, o património, as diferentes formas de comunicação e divulgação e a tipologia/programação das atividades.

Tendo em conta a existência de atividades desenvolvidas no CIMI e o contexto social, educativo e cultural em que está inserido, pretende-se que este estudo auxilie a criar um serviço educativo com uma programação regular e sistemática.

IV. 3.1 Objetivos do projeto

- **Objetivo geral** – criar um serviço educativo no CIMI que promova o conhecimento e a valorização das tradições com máscara da Península Ibérica, através de programas de âmbito educativo que sensibilizem e envolvam a comunidade e os visitantes, no sentido de preservar o património cultural e garantir a inclusão e acessibilidade a todos os públicos.
- **Objetivos específicos:**
 - **Objetivos pedagógicos:**

- dar a conhecer a origem e o significado dos rituais ligados a máscara;
 - fomentar o respeito e preservação das tradições locais
 - facilitar a participação ativa da comunidade local em atividades culturais e educativas
 - desenvolver a autonomia, a participação e a colaboração
 - Desenvolver a autoconfiança, o espírito crítico, a criatividade e a liberdade de expressão de ideias.
 - Desenvolver a compreensão, a memorização, a oralidade, a aplicação e a pesquisa.
- **Objetivos culturais e sociais:**
 - Proporcionar um ambiente educativo inclusivo que permita o acesso ao conhecimento aos diferentes públicos
 - Promover a cultura, a troca de experiências e o trabalho em equipa
 - **Objetivos funcionais:**
 - Criar meios de divulgação do serviço educativo
 - Desenvolver materiais educativos com base no acervo
 - Criar documentos para o funcionamento do serviço educativo
 - Produzir materiais pedagógicos de apoio as atividades

IV. 3.2 Estratégia educativa

A estratégia educativa nos espaços museológicos, refere-se ao conjunto de planos e ações que têm como finalidade promover a aprendizagem, a compreensão e o envolvimento dos visitantes com os mesmos. É uma estratégia fundamental para cumprir a missão educativa e alcançar os objetivos definidos.

No artigo “Estratégias Museais e Patrimoniais Contribuindo para a Qualidade de Vida dos Cidadãos”, Maria Santos (2002), procurou apresentar uma reflexão sobre estratégias nos espaços museológicos partindo do princípio de que os mesmos e as práticas museológicas estão relacionados com as demais práticas sociais globais, considerando que são os resultados das relações humanas em cada momento histórico (p. 141).

No mesmo artigo, a autora apresentou duas estratégias museológicas: estratégias “com ênfase no objeto-coleção” e estratégias “com ênfase na relação homem-patrimônio global” (Santos, 2002, p. 156-159). Estas estratégias escolhidas pela autora foram respostas às ameaças, às oportunidades identificadas ao longo da execução de diversos projetos, ao analisar os diferentes contextos. Foram apontadas a partir do conhecimento acumulado, da criatividade, das conjecturas e da projeção dos participantes envolvidos nas diversas ações (Santos, 2002, p. 156).

A estratégia mais adequada para este contexto é a estratégia com ênfase na relação homem-patrimônio global, onde são apresentadas vinte e três estratégias. No entanto, apenas foram consideradas as que mais relacionam com a criação de um serviço educativo:

- Promover a participação dos cidadãos-beneficiários³³, realizando reuniões para definição da missão e dos objetivos a serem alcançadas;
- Constituir grupos de trabalho, procurando a definição de temas e de problemas e das estratégias a serem utilizadas, a partir da reflexão sobre o patrimônio cultural local, de acordo com o interesse e a iniciativa do grupo;
- Promover uma constante ação de comunicação entre os técnicos e os cidadãos-beneficiários;
- Procurar parcerias para apoio científico e financeiro;
- Promover a apropriação e a reapropriação do patrimônio cultural, por meio das ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, tornando possível

³³ Santos (2002), apropria-se do termo *cidadão-beneficiário*, proposto pelo Prof. Fernando Tenório, da EBA/FGV, para incorporar o conceito de cidadania à formulação, à implementação e à avaliação dos diversos projetos executados (p.158).

ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para o exercício da cidadania;

- Aplicar as ações museológicas, promovendo a interação entre as mesmas, de acordo com os objetivos estabelecidos;
- Aplicar as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, com a participação dos cidadãos-beneficiários, socializando-as, partindo da heterogeneidade, o domínio do conhecimento sistematizado, para a homogeneidade, ou seja, o domínio desse mesmo conhecimento pelos grupos com os quais se está a atuar, procurando a troca e o enriquecimento;
- Utilizar o património cultural como referência para a realização de atividades pedagógicas, procurando a melhoria da qualidade do ensino;
- Potencializar os recursos educativos da comunidade, realizando o intercâmbio necessário entre o ensino formal e o não-formal, um alimentando o outro;
- Aplicar as ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não somente as coleções;
- Promover a participação da comunidade local nas atividades a serem desenvolvidas, contribuindo para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida, qualificando-as como parte do património cultural;
- Elaborar os instrumentos a serem utilizados na ação documental, de acordo com as características do acervo a ser apresentado, envolvendo os participantes na confeção e na aplicação da ação documental;
- Planear e realizar exposições, transformando em acervo museológico o conhecimento gerado em colaboração com os cidadãos-beneficiários.
- Promover o intercâmbio com outros museus e processos museológicos a decorrer, nos âmbitos local, nacional e internacional;
- Sistematizar os dados recolhidos, a partir das ações desenvolvidas nos diversos projetos, realizando um trabalho contínuo de ação-reflexão.

A programação de atividades em espaços museológicos torna-se fundamental na própria gestão do espaço e deve focar-se essencialmente na relação entre pessoas e o

património, promovendo a participação ativa dos cidadãos na definição de metas e objetivos a atingir. Formar equipas de trabalho e manter uma comunicação constante entre os técnicos e o público-alvo, são os elementos-chave para a criação de um programa atrativo que se adequa aos diferentes públicos. Para que estas iniciativas sejam bem-sucedidas, é fundamental adotar estratégias abrangentes que envolvam o enquadramento legal do espaço museológico, a gestão eficaz dos recursos humanos e financeiros, a valorização do património cultural, a identificação do público-alvo, a formação de parceiras estratégicas, além das estratégias de divulgação e comunicação e das atividades educativas, sociais e culturais. Estes pontos são essenciais para criar um ambiente museológico inclusivo, participativo e sustentável, que não apenas preserve, mas também dinamize o património cultural como um elemento vital para a cidadania ativa e o enriquecimento comunitário.

Neste sentido, a seguir serão discutidos os pontos necessários para alcançar estes objetivos, abordando desde o enquadramento legal até às ações práticas que podem ser implementadas para assegurar que o CIMI cumpra a sua missão de forma mais abrangente e eficaz:

IV.3.2.1 Enquadramento legal

A existência de um regulamento que estabeleça as normas gerais dos espaços museológicos é de extrema importância para bom funcionamento dos mesmos.

A aprovação do Regulamento de Funcionamento dos Equipamentos Culturais do Município de Lamego³⁴, onde o CIMI está integrado, foi publicada a vinte e nove de fevereiro de dois mil e vinte e quatro no Diário da República. Este regulamento dirige-se a todos os seus utilizadores e estabelece as normas gerais de funcionamento e condições de utilização dos Equipamentos Culturais, nomeadamente: Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, Castelo e Cisterna, Núcleo Arqueológico da Porta dos Figos e Casa do Artista.

³⁴ Anexo 3

IV.3.2.2 Recursos Financeiros

O Regulamento de Funcionamento dos Equipamentos Culturais do Município de Lamego refere no artigo 6º que a visita dos espaços é realizada com cobrança de bilhete, no entanto, poderá ser de livre acesso se o Município assim o entender. Neste sentido, as receitas de bilheteira dos visitantes, assim como o aluguer das salas expositivas e auditório, poderão ser uma fonte de financiamento.

A criação de material de *merchandising* do CIMI também poderá servir como uma fonte adicional de receitas, além disso, será uma forma de divulgação do espaço.

As candidaturas a programas e o recurso a donativos de mecenas são mais exemplos de financiamento que podem ser aproveitados. Em Portugal, o mecenato cultural enquadra-se no estatuto dos benefícios fiscais, aprovado pelo Decreto-Lei nº 215/89 de 1 de julho. O recurso a candidaturas a programas de financiamento e ao mecenato poderão diminuir valores relacionados com a melhoria dos serviços, instalações e apoio ao projeto educativo.

IV.3.2.3 Recursos Humanos

A existência de recursos humanos qualificados e dedicados é fundamental para a criação de um serviço educativo em qualquer espaço museológico. Estes profissionais desempenham papéis cruciais que garantem não apenas a qualidade dos programas, mas também a sua relevância e impacto na experiência dos visitantes. Além da realização de visitas guiadas e criarem atividades interativas, estes desenvolvem programas educativos diversificados destinados a vários públicos.

O planeamento de atividades educativas requer muita atenção e precisão, de forma a responder às necessidades dos mais variados públicos. Neste sentido, é muito importante que exista uma equipa de trabalho onde todos os que dela fazem parte, consigam discutir as suas ideias e colocá-las em prática existindo concordância. As diferentes perspetivas da equipa de trabalho facilitam a criação de programas para uma

ampla variedade de públicos, desde crianças até adultos, onde todos possam beneficiar de programas educativos e inclusivos. Com a criação de um serviço educativo no CIMI, prevê-se um aumento das atividades pelo que será necessário aumentar o número de colaboradores afetos ao serviço. A participação regular em formações é essencial para os profissionais que trabalham na programação de atividades nos espaços museológicos. A atualização no que respeita às novas tendências não enriquece apenas o currículo pessoal, mas também beneficia diretamente o equipamento cultural e o seu público. As formações proporcionam o acesso a novos métodos de mediação, tecnologias e abordagens que poderão inspirar a criação de novos programas. O investimento nas formações desenvolve a qualidade e a inovação da oferta cultural, ajudando a manter estes equipamentos culturais como espaços dinâmicos e educativos.

No que diz respeito a aspetos de logística, poder-se-á recorrer aos diferentes serviços que fazem parte da estrutura organizacional da Câmara Municipal de Lamego:

- Serviço Integrado Municipal – SIM Educação (Divisão de Juventude, Educação e Desporto – DJED) – apoio no contacto com os Agrupamentos de Escolas de Lamego para a realização das diferentes atividades
- Gabinete de Comunicação e Imagem (GCI) – apoio na divulgação das atividades;
- Gabinete de Sistemas de Informação e Modernização Administrativa (Divisão Administrativa e de Coordenação — DAC) – apoio na criação de um site oficial.

No que respeita às atividades e, dependendo do nível de exigência, as mesmas também poderão ser desenvolvidas por pessoas externas, através de projetos em conjunto, como por exemplo, outras instituições museológicas, artistas e investigadores.

O acolhimento de estágios profissionais ou curriculares, através da criação de protocolos de colaboração com institutos superiores de ensino, é também outra forma de conseguir recursos humanos.

IV. 3.2.4 Património

Para executar o projeto é necessário conhecer bem o acervo, o espólio e o meio envolvente para melhor entender o que poderá ser utilizado para a realização de um programa educativo.

As atividades que têm vindo a ser desenvolvidas no CIMI são planeadas a partir das exposições e através da participação de alguns intervenientes ligados ao património local, como é o caso dos artesãos de máscaras de Lazarim, dos caretos de Lazarim e ao conhecimento do meio envolvente, como a caminhada até aos amieiros e oficina do artesão. Neste projeto, um dos objetivos será incluir outras atividades que possam dar a conhecer melhor o património local.

IV. 3.2.5 Público-alvo

O CIMI tem um grande potencial para oferecer atividades educativas destinados aos mais variados públicos que se evidencia pela vasta coleção de máscaras, rituais e tradições que o centro preserva e exhibe.

Sara Barriga refere que um dos passos fundamentais para a elaboração de um plano de ação educativa é reconhecer quem são os públicos-alvo sobre quais o serviço se irá concentrar. Neste sentido, para assegurar a qualidade da oferta a autora recomenda que as metas para a seleção de públicos sejam programadas em fases sequenciais, bem planificadas de acordo com aspetos como: a missão da instituição e o serviço educativo, os recursos disponíveis (físicos, materiais e humanos), políticas de acessibilidade, a vocação das coleções, a fidelização do público, a vontade de alargar o plano de ação a outros grupos mesmo sabendo que o mesmo implica trabalho de investigação, formação e conceção de projetos sustentáveis, a motivação, disponibilidade e competências da equipa, o orçamento e a sustentabilidade dos projetos. É necessário haver uma identificação clara de públicos-alvo salvaguardando a dispersão de tempo e de recursos, a falta de consistência de projetos e a consequente desmotivação da equipa. A autora também defende que a categorização dos públicos pode ser realizada de acordo com diversos critérios como: a faixa etária, ciclo escolar, área profissional, necessidades especiais (cognitivas, motoras e sensoriais),

características específicas (etnia, culturais, sociais e religiosas) e afinidades sociais (Barriga,2007, pp. 52-53).

A riqueza histórica e cultural das tradições proporciona uma base sólida para o desenvolvimento de programas educativos que podem ser adaptados a diferentes públicos, faixas etárias e interesses, incluindo:



Figura 4 - Público-alvo

Fonte: Elaboração própria

IV. 3.2.5 Parceiras

As parcerias podem desempenhar um papel crucial na ampliação e aperfeiçoamento dos programas educativos nos espaços museológicos. Ao colaborar com diversas instituições, sejam elas culturais, educativas, empresariais ou comunitárias, o CIMI conseguirá expandir o seu alcance e, em alguns casos, diversificar as suas ofertas e enriquecer as experiências de aprendizagem para os mais diversos públicos. Uma das

principais vantagens destas parcerias é a capacidade de criar programas educativos mais abrangentes e interdisciplinares. Além disso, as parcerias permitem uma otimização de recursos porque, muitas vezes, opera-se com orçamentos limitados e, ao unir forças com outras instituições, podem-se partilhar custos e infraestruturas, conforme já tem acontecido em eventos realizados no CIMI, em parceria com o Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim e a Junta de Freguesia de Lazarim.

Neste sentido destacam-se algumas das parcerias externas importantes para a implementação de um serviço educativo no CIMI:



Figura 5 - Parceiros externos para o serviço educativo do CIMI.

Fonte: Elaboração própria

A importância das parcerias entre o CIMI e os estabelecimentos de ensino é inegável, visto ser o público que mais visitantes traz para realizar programas educativos. Uma das principais vantagens desta parceria é a oportunidade de complementar o programa escolar com conteúdos culturais ligados ao património local. Numa primeira fase, seria proveitoso estabelecer articulações com os dois Agrupamentos de Escolas de

Lamego, o Agrupamento de Escolas de Tarouca, o Colégio de Lamego, a Escola de Hotelaria e Turismo de Lamego, pela sua relativa proximidade com o CIMI. O estudo das máscaras poderá ser integrado em várias disciplinas como história, artes, matemática, estudos sociais, oferecendo aos alunos uma perspetiva interdisciplinar que enriquece a sua aprendizagem. Durante as visitas guiadas os alunos têm a oportunidade de ver de estar em contacto com as tradições, aprender sobre a sua origem e significado e participar em atividades educativas que estimulam a curiosidade e interesse pela cultura. Estas experiências irão ajudar a consolidar o conhecimento adquirido na sala de aula e incentivar a preservação da herança cultural.

No que respeita a parceria com Museus, destaca-se a parceria que o CIMI mantém desde 2018 com a Rede de Museus do Douro. Esta rede, com o vasto número de membros, oferece não só, uma oportunidade de divulgação das atividades educativas do CIMI, como poderá também permitir o desenvolvimento de programas educativos interdisciplinares e inovadores. A sinergia entre o CIMI e os diversos membros da rede, possibilita a criação de workshops, palestras, exposições e eventos que combinam diferentes áreas do conhecimento. Por exemplo, uma exposição que explore a relação entre as máscaras e as festividades locais, poderá ser enriquecida com a participação de antropólogos, historiadores ou artistas. Este tipo de atividade oferece ao público uma experiência educativa mais completa e envolvente, onde a aprendizagem envolve múltiplas perspetivas. O Museu do Douro, por exemplo, tem um serviço educativo de excelência que poderá servir como exemplo para este projeto.

A criação de uma parceria entre o CIMI e o Museu de Lamego poderá também apresentar uma oportunidade significativa para o serviço educativo do CIMI. Embora com temáticas diferentes, eventos conjuntos, como por exemplo, seminários e conferências, poderão ser organizados para divulgar a herança cultural, atraindo visitantes e académicos de diversas regiões. Além disso, o Museu de Lamego tem também um serviço educativo recheado de atividades direcionadas ao público escolar.

Neste sentido, as parcerias entre museu são essenciais para o enriquecimento da experiência cultural e educativa. Permitem que estas instituições ofereçam programas mais diversificados e inovadores, alcançando um público mais amplo, promovendo uma

aprendizagem contínua e inclusiva e destacando o poder transformador da união de esforços em prol do conhecimento e da cultura.

Devem continuar a existir parcerias entre o CIMI e os vários Municípios e Juntas de Freguesia, onde existam festividades ligadas à máscara, pois podem ser cruciais para um programa educativo recheado e inclusivo, promovendo a preservação e valorização destas tradições. Esta colaboração iria permitir ampliar o alcance e impacto do CIMI, através de workshops, exposições e atividades interativas que beneficiem os diferentes públicos. Estas parcerias fortalecem os laços comunitários, promove um senso de identidade e pertença, garantindo a transmissão autêntica das tradições às gerações futuras.

As parcerias com redes de bibliotecas também poderão ser uma mais-valia no que respeita a atividades destinadas ao público mais pequeno, através da leitura de contos que estejam ligados à temática da máscara por exemplo. Os contos e as lendas desempenham um papel importante na transmissão de valores culturais e na preservação da memória coletiva. A organização de sessões de leitura de contos no CIMI em parceria com a Biblioteca Municipal de Lamego, por exemplo, conduzidas por mediadores ou narradores profissionais, pode enriquecer a compreensão dos participantes sobre o contexto em questão. Essas histórias poderão ilustrar a origem, o simbolismo e o uso das máscaras em diversas festividades e rituais tonando a aprendizagem mais envolvente e significativa.

Relativamente à criação de parcerias com agências de viagens ou operadores turísticos, pode-se referir que, atualmente, são uma estratégia fundamental na promoção cultural e educativa. Se houver colaboração entre ambos, criando programas adequados aos diversos públicos, será possível transformar as visitas turísticas em experiências educativas memoráveis que respondam às suas necessidades. Nestes últimos tempos, o CIMI tem recebido contactos de empresas ligadas ao setor turístico no sentido de elaborar programas, um dos exemplos muito recente foi o operador turístico Portugal Green Travel ³⁵que tem criado programas que apelam à sustentabilidade e procuram a essência de tradições locais.

³⁵Empresa jovem e dinâmica, que se dedica ao turismo sustentável e empenhada em proporcionar experiências autênticas e responsáveis em todo o território português. Através de serviços turísticos, não só promovem os destinos de norte a sul de Portugal, como também procuram ter um impacto positivo nas comunidades locais e no ambiente que as rodeia.

A colaboração com os estabelecimentos hoteleiros como o Hotel Lamego, o Six Senses Douro Valley, a Quinta do Terreiro e o Douro Cister Hotel & Spa, seria uma boa aposta com a criação de programas educativos ou através de exposições itinerantes que atraíssem os hóspedes destes estabelecimentos, no sentido de dar a conhecer este património cultural e incentivasse a visita.

No que respeita a parcerias com galerias de arte e artistas, é importante dar também continuidade a elaboração de projetos com a Vaago Studio³⁶ que trabalha com diversos artistas. Projetos com artistas das mais variadas áreas, nomeadamente artes plásticas, artesanato, fotografia, também podem ser exemplos de parcerias para o serviço educativo do CIMI.

A criação de parcerias entre Centros sociais/IPSS e o CIMI representa uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento de uma programação educativa rica e inclusiva. A participação dos idosos em atividades culturais e educativas têm um impacto positivo no seu bem-estar. A inclusão em projetos comunitários reduz a sensação de isolamento e promove a socialização. Além disso, oferecem oportunidades educativas a públicos vulneráveis e fortalecem o papel do CIMI como um núcleo de cultura e inclusão. Neste sentido e, tendo em conta a proximidade, apontam-se como exemplos de parcerias estratégicas o Centro Social e Paroquial de Lalim, o Centro Social e Paroquial de Ferreirim, o Centro Social e Paroquial de Penude, APITIL e a Associação Portas Prá Vida.

Em relação a parcerias com Associações, conforme já foi referido no Capítulo III, o CIMI tem realizado algumas atividades em parceria com o Teatro Aldeia Verde de Lazarim, que seria de todo pertinente manter através da organização de programas em conjunto. Também será de apostar em parcerias com a Inovterra³⁷.

³⁶ Atelier de arquitetura e comunicação sediado em Lamego oferece um espaço para que artistas possam mostrar o seu talento e partilhem as suas criações com o Mundo.

³⁷ É uma Associação para o Desenvolvimento Local que tem vindo a desenvolver o potencial da região. Voltada para a agricultura, para a cultura, para a história, para o biológico e sustentável, para novas formas de pensar e agir o desenvolvimento económico e social, elevando sempre a região, os seus produtos e as gentes da terra.

IV. 3.2.6 Estratégias de divulgação e comunicação

O CIMI representa um importante equipamento cultural dedicado à preservação, estudo e divulgação de tradições muito presentes em muitos lugares da Península Ibérica. As estratégias de divulgação e comunicação desempenham um papel muito importante na sua missão, garantindo que este património cultural seja reconhecido, valorizado e transmitido para as futuras gerações.

Estratégias de divulgação eficazes são essenciais para atrair visitantes ao CIMI. Por meio de campanhas publicitárias, presença em redes sociais, parcerias com outras instituições culturais e promoção em eventos turísticos, este equipamento tem potencial para aumentar significativamente o número de visitantes. Além disso, uma comunicação bem estruturada, através de programas educativos, workshops, conferências e exposições temporárias, pode ser utilizada para atrair diferentes públicos. A sensibilização para a importância cultural e histórica das tradições que são expostas, contribui para a sua valorização e preservação.

Estas estratégias de divulgação poderão ajudar também a envolver a comunidade lazarinense que é fundamental sobretudo na preservação do Entrudo de Lazarim. Eventos comunitários, colaborações com escolas e grupos culturais locais, como por exemplo com o Grupo de Caretos, os artesãos de máscaras e costureiras e o Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim, garantem que a população local se sinta parte integrante do centro.

Através de uma narrativa bem articulada, que pode ser divulgada por meios digitais, impressos ou presenciais, o CIMI pode mostrar a importância destas tradições ajudando a preservar e revitaliza práticas culturais que podem estar em risco de desaparecer.

Além disso, as estratégias de divulgação bem planeadas facilitam a formação de parcerias e colaborações com outras instituições culturais, académicas e turísticas. Essas parcerias poderão resultar em intercâmbios culturais, projetos de pesquisa conjuntos e exposições itinerantes, ampliando o alcance e o impacto do centro.

A comunicação digital e as novas tecnologias podem oferecer oportunidade para que o CIMI alcance um público mais amplo. A criação de conteúdos interativos, como

visitas virtuais, aplicações educativas e presença nas redes sociais, permite que os conteúdos sejam divulgados em qualquer parte do Mundo.

Neste sentido definem-se algumas estratégias de divulgação que poderão ser adotadas:

- **Presença nas redes sociais:**

- Aumentar a presença nas páginas do Facebook e Instagram, compartilhando conteúdo regular, com informações mais detalhadas sobre as festividades e realizar visitas virtuais;
- Usar *hashtags* específicos como por exemplo #máscaraibérica, #culturaibérica ou #patrimonocultural para aumentar o alcance das publicações;
- Fazer diretos e histórias durante eventos e exposições para alcançar o público em tempo real.

- **Criação de um site:**

- Criar um site intuitivo e informativo com seções dedicadas às descrições das tradições com máscara, serviço educativo, calendário de eventos e visita virtual ao centro.

- **Publicidade:**

- Investimento em anúncios pagos no Google e nas redes sociais para alcançar um público mais amplo e segmentado;
- Distribuir ou enviar folhetos para estabelecimentos hoteleiros, agências de viagens e outros pontos ligados ao turismo;
- Criação de uma newsletter mensal.

- **Organização de eventos e atividades:**

- Organização de eventos temáticos, como festivais de máscaras, desfiles e oficinas de confeção de máscaras com os artesãos;

- Criação de exposições itinerantes que podem estra patentes em escolas, centros culturais ou em outras cidades ou países, ampliando a divulgação do centro.
- **Programa educativo ³⁸:**
 - Criar um catálogo de atividades do serviço educativo com divulgação das atividades educativas que podem ser realizadas.
- **Exposições virtuais e realidade aumentada:**
 - Desenvolver exposições virtuais permitindo aos visitantes explorar as máscaras e tradições online.
- **Relações públicas e imprensa**
 - Enviar divulgação de atividades e eventos para jornais, revistas e sites de notícias;
 - Convites para jornalistas ou influenciadores culturais visitarem o centro e escreverem sobre as suas experiências.

IV. 3.2.7 Atividades educativas, sociais e culturais

O objetivo é realizar diversas atividades com práticas recreativas, pedagógicas e culturais, que englobem não apenas as exposições do CIMI, mas também o meio envolvente onde se insere, que possam ser aplicadas tanto em contexto escolar como para outros públicos. As atividades práticas são um meio eficaz de divulgação do património cultural e aumentar o interesse dos visitantes, podendo ser realizadas com materiais recicláveis e do dia a dia.

Conforme mencionado anteriormente, no CIMI, são desenvolvidas algumas atividades de carácter pontual, no entanto, é necessário um enquadramento curricular das atividades dirigidas ao público escolar. Para uma melhor planificação das visitas, o CIMI,

³⁸ Apêndice 18

envia aos participantes uma grelha de apoio à visita onde estão incluídos os horários e respetivas atividades.

Para uma organização mais eficiente, considerou-se também importante, a criação de outros materiais de apoio às atividades, como por exemplo guiões das atividades.

A marcação das visitas ao CIMI também poderá ser melhorada disponibilizando um formulário *online* para esse efeito, no sentido de adequar a visita e respetivas atividades às necessidades do público em questão.

Conforme mencionando no ponto relativo aos objetivos deste projeto, o objetivo geral é criar um serviço educativo no CIMI que promova o conhecimento e a valorização das tradições com máscara da Península Ibérica, através de programas de âmbito educativo que sensibilizem e envolvam a comunidade e os visitantes, no sentido de preservar o património cultural e garantir a inclusão e acessibilidade a todos os públicos.

Neste sentido, uma das metas a atingir, é alargar a função do CIMI, além de ser um lugar de memória, torná-lo num espaço de encontro social, transformando-o num ator social junto da comunidade. De acordo com Ana Duarte (Barriga, 2006, p. 80), a comunidade é uma constante em todas as atividades nos projetos desenvolvidos. A autora faz referência aos objetos que são doados a espaços museológicos, suscitam memórias pessoais, familiares, mas também memórias de grupo, diversas recordações nos adultos e idosos que nasceram nessa freguesia, mas também nos que não nasceram. Os objetos podem suscitar comparações quando são facilmente descodificados pelos próprios e, ao dialogarem com familiares ou amigos durante a visita acerca do que a ver, o conhecimento realiza-se de uma forma eficaz e inocentemente. Neste sentido, que se programa um projeto educativo, há que ter em conta o meio onde se insere, as coleções e a comunidade (p. 80).

Seguindo as linhas orientadoras de Ana Duarte (Barriga, 2006), seria de todo pertinente criar um projeto em conjunto com a comunidade de Lazarim, que recorde o passado, mesmo que este não esteja ligado apenas ao Entrudo, mas também ao quotidiano e a partir dele, realizar uma exposição dedicada a memórias. Ainda de acordo com Ana Duarte, é trabalhando com esses grupos e, particularmente nos pequenos espaços museológicos locais que se podem vir a fidelizar novos públicos.

IV.3.3 Áreas de participação do projeto

Atualmente, os espaços museológicos desempenham um papel muito importante no que respeita à educação (não formal), tornando-se em locais potencializadores de aprendizagens a vários níveis, onde existe um permanente diálogo na interpretação do património exposto.

O Programa Educativo, terá como missão promover o CIMI enquanto espaço cultural, social e educativo, facilitando a partilha de conhecimentos e incentivando a criação de hábitos culturais.

O objetivo é centrar o serviço educativo em três áreas de participação:

- **Explorar, aprender e experimentar** – atividades destinadas ao público escolar;
- **Integrar** – atividades de promoção da inclusão social e intelectual;
- **Incentivar** – atividades para famílias e público em geral.

Através de um diversificado conjunto de atividades no âmbito do património histórico-cultural, composto por visitas orientadas, visitas de exploração, visitas-jogo, oficinas e outros projetos, que convidam todos a embarcar numa viagem pelo Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

EXPLORAR, APRENDER E EXPERIMENTAR

Explorar o CIMI e o meio envolvente, **aprender** através de um programa do qual fazem parte as visitas orientadas e visitas-jogo e **experimentar** as várias oficinas, são os principais eixos de ação para o público escolar.

INTEGRAR – PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL E INTELECTUAL

Esta ação tem como objetivo principal integrar:

- A comunidade de Lazarim
- o público sénior, com uma finalidade lúdica e de desenvolvimento pessoal,
- O público com necessidades especiais de acordo com as especificidades de cada grupo.

Propõe um conjunto de experiências e atividades que promovam o desenvolvimento emocional e cognitivo, facilitando o acesso à cultura.

INCENTIVAR – FAMILIAS E PÚBLICO EM GERAL – PROJETO “FÉRIAS NO CIMI”

Esta ação tem como objetivo incentivar a visita das famílias e público em geral a espaços museológicos, onde também se insere o projeto “Férias no CIMI!”.

Através de um conjunto de atividades, procura promover, junto destes públicos, a aprendizagem, a convivência, o brincar, num contexto educativo não formal e enriquecedor.

“FÉRIAS NO CIMI” – pretende ser um projeto com um conjunto de atividades e oficinas dirigidas às crianças no período de férias escolares.

As crianças são convidadas a explorar o “mundo da máscara” através de um conjunto de atividades que estimulam a criatividade, despertando o interesse pela temática.

Com a criação de projetos educativos, pretende-se que os mesmos enriqueçam a experiência educativa dos visitantes e, principalmente, fortaleçam os laços com a comunidade local. Ao oferecerem atividades diversificadas e inclusivas, os projetos promovem o acesso a cultura e ao património histórico-cultural de forma participativa e envolvente. Estes programas estimulam o desenvolvimento emocional, cognitivo e criativo dos participantes, especialmente crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais. Estas iniciativas não só contribuem para a integração social e intelectual, como também para promover hábitos culturais e de convivência comunitária.

IV. 3.4 Avaliação

A avaliação do serviço educativo poderá ser realizada através de várias metodologias, podendo ser quantitativas, qualitativas ou uma combinação de ambas.

Destacam-se as seguintes metodologias a adotar:

- **Questões:**
 - Antes e após a visita aos participantes: é importante fazer algumas questões aos participantes antes da visita e depois para medir o conhecimento adquirido
 - Depois da visita: é igualmente importante que o mediador formule algumas questões para ele próprio responder no final de forma a obter respostas em relação ao que pode ou não ser melhorado.
 - Satisfação: O CIMI já dispõe de um inquérito de satisfação³⁹ dos visitantes que poderá ser adaptado ao serviço educativo
- **Observação direta:**
 - Observação participante: fazer uma avaliação enquanto se faz a visita guiada por exemplo
 - Observação não participante: observar discretamente não interferindo nas atividades
- **Discussões em grupo** para obter feedback detalhado sobre experiências e perceções
- **Criar portfólios ou diários de bordo** para cada participante – onde cada um faz uma reflexão sobre a atividade desenvolvida.

A combinação destas metodologias permite obter uma visão mais abrangente e detalhada da eficácia e impacto do serviço educativo, identificando áreas de sucesso e oportunidades para melhoria continua.

³⁹ Apêndice 19

CONCLUSÃO

A presente dissertação permitiu realçar a importância dos serviços educativos nos espaços museológicos, tendo como estudo de caso o Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

Estes espaços culturais destacam-se principalmente pela sua evolução ao longo dos anos no que respeita ao conjunto de funções que desempenham e às oportunidades educativas que oferecem aos seus visitantes.

Hoje em dia, a educação é das principais funções dos espaços museológicos, tornando-os em locais potencializadores de aprendizagens a vários níveis, onde existe um permanente diálogo na interpretação do património exposto. Neste sentido, torna-se necessário que estes sejam dotados de um serviço educativo que ofereça, para além das visitas guiadas, várias experiências de carácter didático, lúdico e expressivo.

Tendo em conta que a educação é um processo que se realiza ao longo da vida e em vários lugares, considera-se que os espaços museológicos são favoráveis para a prática de uma educação não-formal, existindo também uma articulação com a educação formal, como é o caso, da relação escola-museu. Desta forma, a função educativa dos espaços museológicos assumiu um maior reconhecimento, tornando-se um importante recurso educativo junto das escolas e das comunidades onde se inserem.

A análise dos questionários realizados para este estudo, permitiu destacar a importância que os serviços educativos poderão ter no CIMI, assumindo-o como um espaço educativo onde existe um grande impacto ao nível do conhecimento no que diz respeito ao património cultural existente.

Todas as respostas reconheceram o desafio dos espaços museológicos em, através dos seus serviços educativos, proporcionarem experiências que fomentem a criatividade e o conhecimento.

Os serviços educativos disponibilizam meios e ferramentas como por exemplo as exposições interativas, as atividades lúdicas, pedagógicas e didáticas que, para além de complementarem a visita guiada, facilitam a aprendizagem das crianças e jovens. De acordo com as respostas aos questionários, estes serviços devem estar incluídos nas várias funções dos serviços educativos, uma vez que as visitas com atividades, motivam a

aprendizagem pois estão inseridas num contexto mais prático e menos formal, permanecendo mais facilmente e mais tempo na memória. Além disso, as visitas a estes espaços, acabam por proporcionar um contexto mais real indisponível no contexto escolar.

Os docentes das várias escolas que visitaram o CIMI, consideram as idas aos museus como complemento do processo de aprendizagem dos alunos através do estímulo à curiosidade, à criatividade, ao mesmo tempo que enriquecerem os conhecimentos. Impõem-se novas necessidades de mediação e de comunicação para os diversos tipos de públicos, com interesses distintos. Hoje em dia, os públicos são, a razão de existir do museu e a função educativa um dos seus fundamentos.

A maior fatia de público escolar que visita o CIMI é de crianças até ao 9º ano, o que torna necessária a criação de ambientes propícios e motivadores para aprendizagem. É neste sentido que surge a necessidade da programação de atividades adequadas às diversas faixas etárias incentivando as boas práticas.

Como foi referido anteriormente, alguns estudos demonstram que as visitas escolares a museus podem gerar, no ponto de vista afetivo, alguns sentimentos de prazer, interesse, entusiasmo, motivação e vontade de aprender, o que torna necessário que as programações destas instituições culturais sejam compostas por atividades que captem a atenção deste público.

Nos espaços museológicos, a história e a arte ganham vida e é possível associar imagens, cheiros, sensações e ideias, o que desperta ainda mais o interesse das crianças.

Grande parte dos docentes que responderam aos questionários, referiram as atividades de caráter lúdico, destacando também as visitas orientadas, oficinas, dramatizações, jogos e o recurso às novas tecnologias.

Pode-se concluir, que as visitas aos espaços museológicos, tornam-se mais motivadoras e enriquecedoras se na programação estiverem incluídas, para além de visitas orientadas, atividades de caráter mais lúdico.

No entanto, para que as visitas a espaços museológicos destas instituições de ensino sejam possíveis, é necessário que haja uma maior flexibilidade no que respeita ao transporte e custos associados, tendo em conta que os mesmos foram os constrangimentos mais apontados por parte dos docentes.

As visitas educativas ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI) têm sido uma ferramenta valiosa para o enriquecimento cultural e pessoal dos alunos. A análise das respostas dos docentes e técnicos revelou que os alunos demonstraram entusiasmo, curiosidade e participação ativa nas atividades realizadas, o que é essencial para uma experiência educativa significativa. As visitas facilitaram a aprendizagem cultural, aumentando o conhecimento sobre tradições locais e proporcionando uma compreensão prática e direta das mesmas. De uma maneira geral, as visitas foram consideradas positivas e enriquecedoras pelos docentes. No entanto, foram mencionadas algumas limitações, como a falta de guias e o espaço insuficiente para grupos grandes, afetando a qualidade da experiência. Em resposta foi criada uma grelha de planificação das visitas com várias atividades simultâneas para facilitar a organização e manter os visitantes ocupados durante a visita. Foram recomendadas a inclusão de dramatizações, teatros, oficinas e atividades interativas para tornar as visitas mais dinâmicas e envolventes. As visitas proporcionam conhecimento profundo sobre a história, cultura e tradições, permitindo complementar o estudo em sala de aula e desenvolver competências pessoais e sociais em todas as faixas etárias. No entanto, a falta de apoio financeiro e recursos pedagógicos suficientes, as dificuldades no acesso e transporte dos alunos, e problemas com a calendarização e horários dos espaços museológicos foram identificados como obstáculos significativos. Para melhorar a experiência educativa e garantir que todos os alunos beneficiem plenamente das visitas, é essencial superar estes desafios logísticos e de recursos, adaptar as atividades e melhorar a organização.

A associação de métodos de análise de dados possibilitou uma visão mais completa e minuciosa da eficácia e do impacto do serviço educativo, apontando pontos fortes e hipóteses de aprimoramento constante. O plano de criar um serviço educativo no CIMI (Centro Interpretativo da Máscara Ibérica) visa fazer do local um centro vivo de aprendizagem e descoberta contínua. Por meio de um Plano Educativo/Programação educativa, a ideia é oferecer conhecimento sobre história, cultura e tradições, despertando a curiosidade e criatividade dos visitantes, complementando o estudo em sala de aula, tornando a aprendizagem mais palpável e real, e estimulando habilidades pessoais e sociais em todas as idades.

Porém, foram notados desafios como a falta de apoio financeiro e recursos educacionais adequados, e problemas no acesso e transporte dos alunos, além de questões com agendamento e horários dos museus. Para vencer esses obstáculos, foram sugeridas propostas como a elaboração de materiais de apoio, como roteiros das atividades, e a oferta de um formulário online para agendar visitas, a parceria com instituições culturais, educativas e comunitárias para ampliar o alcance e variar as ofertas educativas, e o desenvolvimento de atividades diversas e inclusivas, como o projeto "Férias no CIMI", para atrair públicos variados ao longo do ano.

A proposta ressalta a relevância de um serviço educativo organizado para o CIMI, visando não só preservar o patrimônio cultural, mas também incluir e tornar acessível a todos os públicos. A aplicação de estratégias organizacionais e parcerias é fundamental para superar os desafios logísticos e de recursos, assegurando uma experiência educativa rica e contínua para todos os visitantes.

Sendo o CIMI um edifício de âmbito cultural, considera-se que a oferta de um serviço educativo que disponha de atividades práticas juntos dos visitantes, seja uma mais-valia para atrair cada vez mais visitantes, tendo em conta que as mesmas proporcionam a oportunidade de obter, analisar, avaliar e registar informação nas mais variadas formas.

Apesar dos resultados promissores, a metodologia aplicada nesta dissertação apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, a amostra utilizada foi relativamente pequena e restrita a um grupo específico de visitantes, principalmente alunos e docentes, na maior parte, de escolas locais. Isso pode limitar a generalização dos resultados para outros públicos e contextos. Além disso, a coleta de dados foi baseada principalmente em questionários, o que pode introduzir vieses de resposta e não capturar completamente a complexidade das experiências dos visitantes.

Outra limitação significativa é a falta de uma análise longitudinal. A pesquisa foi conduzida em um período específico, não permitindo a observação de mudanças e evoluções ao longo do tempo. Isso impede a avaliação do impacto a longo prazo das atividades educativas oferecidas pelo CIMI. Além disso, a metodologia não incluiu uma análise comparativa com outros museus ou centros interpretativos, o que poderia fornecer *insights* valiosos sobre melhores práticas e áreas de melhoria.

Para superar essas limitações e aprofundar a compreensão sobre a eficácia dos serviços educativos nos museus, sugerem-se algumas direções para estudos futuros. Primeiramente, é recomendável expandir a amostra para incluir uma variedade maior de visitantes, como turistas, famílias, especialistas em museologia e membros da comunidade local. Isso permitirá uma visão mais abrangente das necessidades e expectativas do público.

Além disso, futuros estudos poderiam adotar uma abordagem longitudinal, acompanhando os visitantes ao longo do tempo para avaliar o impacto duradouro das atividades educativas. A inclusão de métodos qualitativos, como entrevistas em profundidade e grupos focais, também pode enriquecer a compreensão das experiências dos visitantes e fornecer dados mais detalhados e contextuais.

Outra área promissora para pesquisa é a análise comparativa entre diferentes museus e centros interpretativos. Isso pode ajudar a identificar melhores práticas e estratégias eficazes que possam ser aplicadas ao CIMI. Além disso, explorar o uso de tecnologias avançadas, como realidade aumentada e virtual, pode oferecer novas formas de incentivo e aprendizagem para os visitantes.

Por fim, é essencial implementar estudos de avaliação de impacto para medir o efeito das atividades educativas no desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos visitantes, bem como na valorização do patrimônio cultural. Essas avaliações podem fornecer dados valiosos para a melhoria contínua dos serviços educativos e garantir que eles atendam às necessidades e expectativas de todos os públicos.

Em conclusão, a presente dissertação destaca a importância dos serviços educativos nos espaços museológicos e oferece uma base sólida para futuras pesquisas e melhorias no CIMI. Ao abordar as limitações metodológicas e explorar novas direções de pesquisa, será possível aprimorar ainda mais a experiência educativa e cultural oferecida por esses espaços, contribuindo para o desenvolvimento integral dos visitantes e a preservação do patrimônio cultural.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, P. D., & Martínez, A. M. (2014). As pesquisas sobre aprendizagem em museus: uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural. *Ciência & Educação*, v.20(n.3), 721–737.
- Amador, M. (2011). Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel ativo na formação das crianças. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação – Intervenção na Área Educativa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Anastácio, E. M. R. P. (2009). O multimédia na educação museológica: uma experiência interactiva para o Museu Romântico (Dissertação de Mestrado). Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- ANDERSON, David, STORKSDIECK, Martin e SPOCK, Michael. (2007) .“Understanding the long-term impacts of museum experiences”., pp. 197-215 . In https://www.researchgate.net/publication/284222526_Long-term_impacts_of_museum_experiences
- Angulo, E. (2014). *Los centros de interpretación histórico, artístico y arqueológico*. Universidad de Burgos. Retrieved from http://riubu.ubu.es/bitstream/10259/3739/1/Domingo_Angulo.pdf
- Antas, M. (2013). A comunicação educativa como factor de (re)valorização do património arqueológico - Boas práticas em museus de arqueologia portugueses. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa
- Antas, M., Medvedec, A. & Nogueira, C. (2023). Educação e Museus – Uma visão intercultural, inclusiva e integrada. Estudo e Documentos. Lisboa: Edições Piaget.
- Antunes, M. (2015). Pelos caminhos da museologia em Portugal. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 142–156. Retrieved from <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>
- Ascensão, V. (2012). A natureza da pedagogia nos museus: a realidade portuguesa - procura e identificação de modelos. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Baeyens, H., Charasse-Valat, Z., Grizzi, T., Ghitti, E., Juan Tresserras, J., Izquierdo Tugas, P. et al. (2005). *The Hicira Handbook: Heritage Interpretation Centres*. Barcelona: Education and Culture

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo: edição revista e ampliada*. São Paulo: Edições 70
- Barriga, S. & Silva, S. (2007). *Serviços Educativos na Cultura*. Porto: Setepés. Coleção Públicos nº 2, novembro. Acedido a 29 de junho de 2024. Disponível em <https://pt.slideshare.net/slideshow/coleco-pblicos-servios-educativos/9456783>
- Bessard, M.; Robine, N. (2008) - *Les centres d'interprétation dans leur relation à la recherche et à la diffusion*. La Lettre de l'OCIM. Dijon: OCIM. 119. Acedido a 10 de maio de 2024. Disponível em <https://journals.openedition.org/ocim/349>
- Bittencourt, J. (2021). Centro Interpretativo do FEUPmuseum: um espaço de encontro. In P. M. Homem, B. Andrez, G. Soares, & L. Amaral (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 10, pp. 37-58). Porto:FLUP/DCTP/MMUS.Acedido a 10 de maio de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/978-989-9082-06-9/102021a3>
- Bogdan, R. Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Cabral, M. (1944). *O Serviço Infantil do Museu Nacional de Arte Antiga*, Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, Vol. IV, Lisboa nº 3, 47-51, Lisboa
- Camacho, C. F. (2007). *Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspetivas*. Em Coleção Públicos – Serviços Educativos na Cultura. Porto: Setepés.
- Canavarro & Barriga (2009, outubro/novembro/dezembro). *As crianças e o Património. Revista da Conservação do Património Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado: Pedra & Cal*, 44, 7-9
- Campos, L. (2015). *Comunicação*. (Laureate International Universities, Ed.). Retrieved from https://fmu.blackboard.com/bbcswebdav/institution/laureate/conteudos/comunicacao/ebook/comunicacao_unidade_2.pdf
- Carbó, Gemma (2010), “El desarrollo de los servicios educativos en los museos en el marco de las políticas culturales y educativas. Nuevos retos de la educación en museos”, Seminario Internacional Museos y Educación, Colombia, Museu del Caribe, pp. 51-58

- Carvalho, A. (2016). “Museus & Pessoas: Sara Barriga Brighenti.” Boletim ICOM Portugal, n.º 7 (Set): 35-38.
- Carvalho, J. N. (2014). A adoção de social media por museus como uma ferramenta de comunicação: Proposta de um modelo para o desenho de estratégias de comunicação. Doutoramento Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Aveiro.
- CIMI (2024). Centro Interpretativo da Máscara Ibérica. Facebook. <https://www.facebook.com/CIMI.LAMEGO>
- César, I. (2016). *A perceção da qualidade dos serviços no Centro Interpretativo de Santa-Clara-a-Velha Mosteiro de Santa Clara-a-Velha pelos olhos e palavras dos seus visitantes*. Escola Superior de Educação de Coimbra.
- Chaer, Dinis e Ribeiro (2011). A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência*, 7 (7), 251-266
- Costa, H. P., & Senha, J. (2015). EGEAC – serviços educativos: Uma aposta com distintas abordagens. *Interacções*, 11(35). <https://doi.org/10.25755/int.7243>
- Desvallées, A., & Mairesse, F. (2009). *Conceitos-chave de museologia*. Armand Collin
- Duarte, Alice (2013), “Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora”, *Revista Museologia e Património*, Porto, pp. 99-117
- Eça, T. (2010). O museu como interface entre cultura. I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, 2, p. 274.282. Obtido de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8203.pdf>
- Erickson, F. (1989). Métodos Cualitativos de Investigación sobre la Enseñanza. In M. Wittroch (ed), *La Investigación de la Enseñanza, II. Métodos Cualitativos y de Observación*. Madrid. Ediciones Padiós Ibérica, trabalho original em inglês
- Ezequiel, Cátia Silvia Martins (2014), *O Serviço Educativo como mediador entre a Coleção António Cachola e os públicos - Programa “Uma obra para todos”*. Relatório de estágio do Mestrado em Gestão Cultural, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha
- Dierking, L.D. & J.H. Falk (1992) Redefining the museum experience: The Interactive Experience Model. Bitgood and Benefield (ed.). Proceedings of 1991 Annual Visitor

Studies Conference. Jacksonville, AL: Center for Social Desig. Acedido a 28 de junho de 2018. Disponível em https://kora.matrix.msu.edu/files/31/173/1F-AD-212-8-VSA-a0a5b9-a_5730.pdf

Falk, J., Dierking, L. & Foutz, S. (2001). *Practice – Museums as Learning Institutions*. Estados Unidos da America: Altamira Press. Acedido a 28 de junho de 2018. Disponível em https://books.google.pt/books?id=a13FoV40tRgC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Faria, C. et al (2013). *Museus de ciência e escolas - Um diálogo possível?*. Tese de Doutoramento, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa

Fernández, L. A. (1999). *Introducción a la nueva museología*. Alianza Editorial

Ferreira, M. (2013). Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho. Tese de Mestrado em Arte e Educação. Universidade Aberta.

Feio, M. H. A. (2014). *Relação entre escola e museus: Olhar crítico sobre o concurso “A minha escola adopta um museu...”*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Repositório da Universidade de Lisboa. Acedido a 19 de maio de 2024. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15730/2/ULFBA_TES%20766.pdf

Figurelli, G. R. (2012). *Articulação entre Educação e Museologia*. *Cadernos de Sociomuseologia*, 37–64

Figurelli, Gabriela (2015), “Os serviços educativos em museus portugueses: uma contextualização histórica”, *Cadernos de Sociomuseologia*, 6, pp. 115-135

Filipe, G. (2011). *Diálogos, aprendizagens e educação nos museus: formulando uma visão*. *Serviços Educativos em Portugal: Ponto de Situação*. Lisboa

Figurelli, G. (novembro de 2015). *Os serviços educativos em museus portugueses: uma contextualização histórica*. *Cadernos de sociomuseologia*, 50. <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5260>

FORTIN, Marie-Fabienne (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Fróis, J. (2008). *Os Museus de Arte e a Educação, Discursos e Práticas Contemporâneas*,

in Museologia.pt , nº2

Godoy, A. (1995, maio/junho). Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (3), 21-29

Gomes, J. (2021). O serviço educativo do Museu Calouste Gulbenkian: Estratégias de mediação cultural. Tese de Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura. Instituto Universitário de Lisboa

Gomes, R. T., & Lourenço, V. (2009). *Democratização Cultural e Formação de Públicos: Inquérito aos "Serviços Educativos" em Portugal*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais.

Guarita, A. (2017). Os museus e o público sénior - Proposta de procedimentos para uma visita a um museu de arte para um público sénior de baixo nível de escolaridade. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa. Acedido a 4 de junho de 2018. Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/8405/1/Ana%20Guarita%20-%202015067.pdf>

Gubernatis, H. (2009, outubro/novembro/dezembro). As crinaças e o Património. *Revista da Conservação do Património Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado: Pedra & Cal*, 44, 4-6

Hein, G. (1998). *Learning in the Museum*. London: Routledge.

Hein, G. (2011). *A Companion to Museum Studies*. Singapore: Wiley-Blackwell

IAMPEI - Instituto de Apoio as Pequenas e Médias Empresas e à Inovação. Análise SWOT. Acedido a 28 de junho de 2024. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/159944127/Analise-SWOT-IAPMEI>

ICOM Portugal (2022). Definição de museu. Acedido a 30 de abril de 2024. Disponível em <https://icom-portugal.org/recursos/definicoes/>

ICOM - International Council of Museum Portugal (maio, 2024). Museus para a Educação e Investigação. Dia Internacional dos Museus 2024. Acedido a 19 de maio de 2024. Disponível em <https://icom-portugal.org/2024/05/18/museu-para-a-educacao-e-investigacao-dia-internacional-dos-museus-2024/>

Inovterra (2012). Sobre nós. Acedido a 20 de junho de 2024. Disponível em

<https://inovterra.pt/a-inovterra/>

Instituto Português de Museus. (2004). *Museus e Acessibilidade. Coleção Temas de Museologia*. Acedido a 3 de junho de 2018. Disponível em http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf

Instituto Nacional de Estatística (2010). Estatísticas da Cultura 2010. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Acedido. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=132415701&PUBLICACOESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística (2011). Estatísticas da Cultura 2011. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Acedido a. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdest_boui=133546528&DESTAQUESTema=55554&DESTAQUESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística (2012). Estatísticas da Cultura 2012. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=153411115&PUBLICACOESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística (2013- 2022). Estatísticas da Cultura (2013-2022). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Acedido a 13 de maio de 2024. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOEStipo=ea&PUBLICACOEScolecao=107703&selTab=tab0&xlang=pt

Instituto Nacional de Estatística. Censos 2021. Acedido a 21 de maio. Disponível em <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011609>

Lima, A. et al. Centros Interpretativos: Técnicas, Espaços, Conceitos, e Discursos. Porto: Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura, novembro 2019. Património a Norte, nº3. ISBN 978-989-54450-4-2

Luque Domínguez, P. A. (1997). Educación no formal. Un acercamiento a otras instituciones educativas. *Pedagogía Social*, 15(16), 313–320. Retrieved from <http://www.uned.es/pedagogiasocial.revistainteruniversitaria/pdfs/01 - 15 - 16/21 - luque.pdf>

Marandino, M. (2008). *Educação em museus – a mediação em foco*. FESUP

Marques, J. (2011). *Discursos dos Museus: Uma perspetiva transdisciplinar*. Universidade de Lisboa.

- Maxwell, Joseph A. (2005). *Qualitative research design: An interactive approach*. Thousand Oaks: Sage. Acedido a 3 de janeiro de 2019. Disponível em https://books.google.pt/books?id=OJFrFmpGSnUC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Mendes, José Amado (1999), “O papel educativo dos museus: evolução histórica e tendências atuais”, Lisboa, Didaskalia, pp. 677-692
- Moura, C. (2011). *Historial crítico sobre os serviços educativos dos museus do Estado*. ICOM Portugal. Acedido a 19 de maio de 2024. Disponível em https://icom-portugal.org/multimedia/CECA_Catarina%20Moura_2011_O%20Pulsar%20de%20Meio%20S%C3%83%C2%A9culo.pdf
- Museu da Pessoa (2020). *MOTIRÔ – O festejo como testemunho*. Acedido a 14 de abril de 2024. Disponível em <https://museudapessoa.org/colecao/motir---o-festejo-como-testemunho/>
- Museu do Douro. *Rede de Museus do Douro*. Acedido a 12 de dezembro de 2018. Disponível em <http://www.museudodouro.pt/rede-museus-douro>
- Museu Nacional de Arte Antiga. Acedido a 10 de janeiro de 2019. Disponível em <http://www.museudearteantiga.pt/educacao>
- Murgui, Maria (2016), *Museos, Mediación Cultural y Artes Visuales: Perfiles profesionales del ámbito educativo*, Tese de Doutoramento em Investigación en Didácticas Específicas, Universitat de València, Facultat de Magisteri
- Neves, J. S. (2013). *O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.
- Nunes, A. (2013). *Novos desafios, novas conquistas: renovação do serviço educativo do Museu Marítimo de Ílhavo*, 3, 9–25.
- Oliveira, P. (1999). *Breve História do Museu em Portugal*. Iniciação à museologia, Universidade Aberta. Consultado a 12 de maio de 2019. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/318708578_Breve_historia_do_museu_e_m_Portugal

- Oliver, C. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa : tipos, técnicas e características. *Travessias*, 2 (3). Consultado a 30 de maio de 2019. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>
- Pacheco, J., & Brilha, J. (2014). Importância da interpretação na divulgação do património geológico: Uma revisão. *Comunicacoes Geologicas*.
- Pascual, Andrea et.al (2019), Sobre la situación de la mediación cultural en el Estado español, 2018 - 2019, Pía Paraja, Valencia
- Piñol, C. M. (2011). Los “paramuseos”, un fenómeno de cambio de milenio. *Didáctica de Las Ciencias Experimentales y Sociales*, 25, 117–130.
- Portugal Green Travel (s.d.) Sobre nós. Acedido a 20 de junho de 2024. Disponível em <https://portugalgreentravel.com/pt-pt/about-us/>
- Progestur (2021). Quem somos. Acedido a 14 de abril de 2024. Disponível em <https://www.progestur.net/pt/quemsomos.html>
- Regulamento n.º 246/2024 de 29 de fevereiro de 2024 do Município de Lamego. Diário da República. 2ª série, No 43
- Rocha, N. (2017). *Projeto de criação de um serviço educativo nos museus do Instituto Superior Técnico*. Tese de Mestrado de Educação. Instituto de Educação. Universidade de Lisboa.
- Roque, M. I. (2010). A Comunicação no Museu. In A. M. Magalhães, R. Z. Bezerra, S. F. Benchetrit & Museu Histórico Nacional (Brasil). *Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo*. Museu Histórico Nacional. Consultado a 16 de maio de 2024. Disponível em chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21335/1/MIR_comunicacao-no-museu.pdf
- Santana, A. (2010). *Estudo de públicos do museu de São Roque*. Relatório de estágio de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- Santos, S. (2011). Museus Inclusivos: realidade ou utopia? In S. A., & P. Costa, *Ensaios e práticas em museologia* (pp. 306-325). Porto: Universidade do Porto.
- Silva, S. (2011). *Visita guiada: uma estratégia da educação museal*. Trabalho de projeto de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

- Silva, S. (2006). Museus e públicos : estabelecer relações , construir saberes. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 161–167.
- Teixeira, G., Faria, M., & Vlachou, M. (2013). Museus e Públicos Sénior em Portugal - Perceções, utilizações, recomendações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. <https://accessocultura.org/publicacao-museus-publico-senior/>
- Teixeira, S. (2022). Nova Museologia: aspectos históricos e características. *Cadernos do CEOM*, 88-89
- Teatro Ribeiro Conceição. Zigurfest. Acedido a 14 de abril de 2024. Disponível em <https://trc.cm-lamego.pt/informacoes/zigurfest>
- Thomas-Bourhneuf, M. (2005). Questions méthodologiques autor de la Conception des centres d'inteprétation - entretien avec Noémie Drouguet. *La Lettre de L'OCIM*. Dijon: OCIM. 98 (2005) 13-20. Acedido a 10 de maio de 2024. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/190933/1/Thomas-Bourgneuf.pdf>
- Tilden, F. (1977). *Interpreting our Heritage*. (3ª ed.) Chapel Hill: University of North Carolina Press
- Tilden, F. (2006). *La interpretación de nuestro patrimonio*. Sevilla: Asociación para la Interpretación del Patrimonio. 978-84-611-0689-9
- Tugas, P., Tresserras, J., los Mellin, C. (2005). *Centros de Interpretación del Patrimonio – Manual Hicira*. Barcelona: Diputació de Barcelona. Acedido a 10 de abril de 2024. Disponível em https://www.diba.cat/c/document_library/get_file?uuid=30255bf9-e4ce-4cbc-97e1-553e184249d1&groupId=99058
- VaagoStudio (2023). Acedido a 10 de julho de 2024. Disponível em <https://www.vaago.pt/home>
- ViViFiCAR (s.d). *Abraçando as ideias de “viver e “ficar” - Sobre o ViViFiCAR*. Acedido a 14 de abril de 2024. Disponível em <https://vivificar.pt/pt>

Legislação:

Despacho Normativo nº 3/ 2006, de 25 de janeiro - (Formulário de candidatura à credenciação de museus);

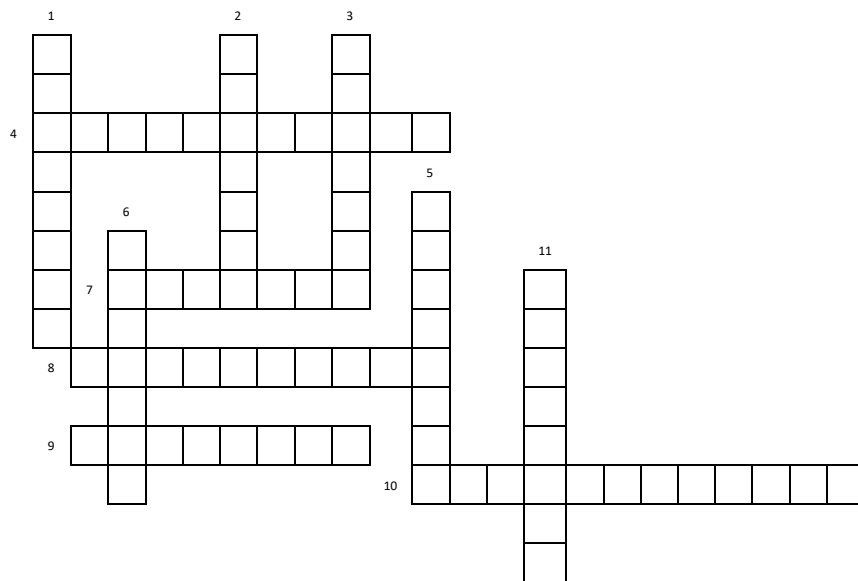
Lei-Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto. Diário da República. I Série – A.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Palavras cruzadas



PALAVRAS CRUZADAS



VERTICAL	HORIZONTAL
<p>1. Pessoas que esculpem as máscaras.</p> <p>2. Boneco que representa as raparigas solteiras.</p> <p>3. Comemora-se sempre numa terça-feira, 47 dias antes do domingo de Páscoa.</p> <p>5. São esculpidas pelos artesãos e representam várias figuras como: diabos, reis, bruxas, animais, senhorinhas, entre outras.</p> <p>6. Personagens mascarados com fatos típicos.</p> <p>11. Na terça-feira do Entrudo, tal como o Caldo de farinha, é cozinhada em potes de ferro.</p>	<p>4. Quadras escritas às escondidas que revelam os defeitos dos rapazes e raparigas solteiros de Lazarim.</p> <p>7. Árvore que cresce na margem do rio. Os artesãos de Lazarim, esculpem as suas máscaras com este tipo de madeira.</p> <p>8. Representação feminina das máscaras de Lazarim.</p> <p>9. Boneco que representa os rapazes solteiros.</p> <p>10. Tecido muito usado para fazer os fatos dos Caretos de Lazarim.</p>

Apêndice 2 - Sopa de Letras



SOPA DE LETRAS O ENTRUDO DE LAZARIM



Encontra as palavras que se seguem (poderão estar na vertical e horizontal):

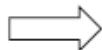
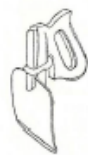
ENTRUDO CARETOS ARTESÃOS COSTUREIRAS COMPADRE COMADRE
MÁSCARA AMIEIRO LAZARIM TESTAMENTOS SENHORINHA CIMI

Z	G	J	O	T	D	G	H	G	Á	R	C	H	D	F
F	M	T	Z	M	Á	S	C	A	R	A	O	Y	S	A
C	B	A	R	T	E	S	Ã	O	S	Z	S	D	E	T
X	L	V	B	N	M	A	F	G	I	M	T	Á	N	C
A	A	T	F	J	F	E	H	D	I	R	U	G	H	J
S	Z	E	K	Ã	J	N	J	C	W	F	R	F	O	E
D	A	S	L	O	N	T	K	F	Y	A	E	A	R	G
F	R	T	S	C	A	R	E	T	O	S	I	S	I	C
C	I	A	Ã	J	S	U	P	B	H	J	R	J	N	O
I	M	M	Á	Y	F	D	R	N	R	M	A	G	H	M
M	K	E	G	T	G	O	T	M	I	D	S	Á	A	P
I	P	N	I	C	O	M	A	D	R	E	Q	I	E	A
I	Q	T	D	E	K	N	J	Ã	S	W	E	U	T	D
O	I	O	G	S	G	E	I	P	S	R	E	L	F	R
L	J	S	A	M	I	E	I	R	O	T	C	V	B	E

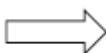
Apêndice 3 - As ferramentas dos artesãos de Lazarim



FERRAMENTAS DOS ARTESÃOS DE MÁSCARAS DE LAZARIM











Apêndice 4 - Descubra as diferenças



DESCOBRIR AS OITO DIFERENÇAS



Apêndice 5 - Oficinas máscaras em papel de alumínio

Descrição: Nesta oficina os participantes constroem uma máscara apenas folhas de alumínio, jornal e cola branca, podendo decorá-la da forma que entenderem.



Apêndice 6 - Oficina decorar copo com máscara

Descrição: São entregues dois copos a cada participante, um deles tem uma máscara e tem o formato do traje recortado, o objetivo desta oficina é pintar o outro copo para posteriormente, colocá-lo sobre o recortado. Conforme se vai girando o copo, o traje muda de cores.



Apêndice 7 - Colorir máscaras

Descrição da atividade: é entregue uma folha com uma máscara de um artesão e o objetivo é pintar a máscara.



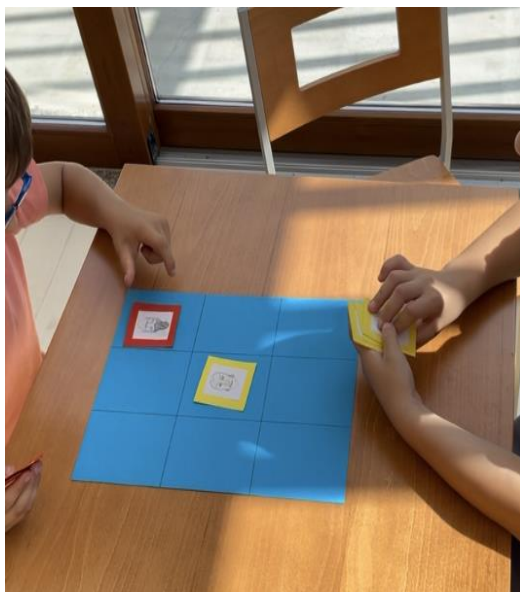
Apêndice 8 - Jogo da memória com máscaras

Descrição da atividade: cada jogador deve virar duas cartas para encontrar o par igual. Se o jogador conseguir encontrar o par igual, volta a jogar para tentar encontrar outro par. Caso não encontre, passa a vez ao jogador seguinte.



Apêndice 9 - Jogo do galo com máscaras

Descrição da atividade: Este jogo envolve dois jogadores: um joga com uma máscara (diabo) e o outro com outra máscara (rei). Ganha o jogador que primeiro conseguir alinhar três máscaras na vertical, na horizontal ou na diagonal.



Apêndice 10 - Jogo Caça às máscaras

Descrição da atividade: A atividade tem início com uma visita guiada pelos espaços expositivos. O objetivo é encontrar um determinado número de máscaras que vai depender do número de participantes, que se encontram quer no exterior, quer no interior do edifício. No início, será entregue uma máscara juntamente com a pista que levará ao encontro da primeira máscara perdida. Cada máscara encontrada, será acompanhada por uma pista que levará à máscara seguinte. No final, o objetivo é identificar o artesão que elaborou cada máscara.



Apêndice 11 - Visita com presença de um artesão de máscaras

Descrição: Visita orientada pelo guia com demonstração de um ou mais artesãos da Máscara de Lazarim.



Apêndice 12 - Oficina artesão

Descrição da atividade: Esta atividade tem como objetivo principal conhecer uma oficina de um artesão. Após a visita, o grupo é acompanhado até a casa de um dos artesãos de máscaras de Lazarim para visitar o local onde fazem as máscaras.



Apêndice 13 - Visita Amieiros

Descrição da atividade: Esta atividade tem como objetivo principal dar a conhecer qual é a árvore que dá origem às máscaras de Lazarim. Após a visita, o grupo será acompanhado até ao local onde se encontram os Amieiros.



Apêndice 14 - Grelha de planificação das visitas (exemplo)



Apoio:



Visita de estudo Centro Interpretativo da Máscara Ibérica

Data da visita: 09/02/2024

Escola: Agrupamento de escolas de Penafiel Sudeste

Nº de visitantes: 155 alunos

Hora chegada: 14h30

Hora de regresso: 16h30

Duração da visita: 1h30/2h00

Atividade	TURMA1 5ºANO	TURMA2 5ºANO	TURMA3 5ºANO	TURMA4 6ºANO	TURMA5 6ºANO	TURMA6 6ºANO	TURMA7 6ºANO
Receção do grupo	14H30	14H30	14H30	14H30	14H30	14H30	14H30
AUDITÓRIO	14H40	14H40	14H40	15h00	15h00	15h20	15h20
Visita Exposições	15h00	15h00	15h20	14h40	14h40	15h40	15h40
Artesã Iracema Fernandes Salas de Lazarim	15h20	15h20	15h00	15h40	15h40	14h40	14h40
Oficina Sr. José Cabral	15h40	15h40	15h40	15h20	15h20	15h00	15h00
Caminhada Amieiros	16h00	16h00	16h00	16h00	16h00	16h00	16h00

Apêndice 15 – Lista de visitas agendadas entre 2018-2019

Lista visitas agendadas (2018-2019)

Lista visitas CIMI 2018				
Mês	Dia	Grupo	Nº participantes	Oficinas educativas
Janeiro	21/01/2018	Agência de viagens Vivatour	40	Não
	24/01/2018	Agrupamento de Escolas da Sé Centro Escolar de Ferreirim	22	Sim
	25/01/2018	Agrupamento de Escolas da Sé Centro escolar de Ferreirim	20	Sim
	26/01/2018	Agrupamento de Escolas da Sé Centro escolar de Ferreirim	22	Sim
	17/02/2018	Professores da Escola Secundária Camilo Castelo Branco – Vila Real	36	Não
	21/02/2018	Professores da Escola Secundária da Sé - Lamego	13	Não
Março	11/03/2018	Agência de viagens Vivatour	19	Não
Abril	21/04/2018	Clube Duster de Portugal	119	Não
Mai	18/05/2018	Agrupamento de Escolas de Mundão	97	Não
Junho	07/06/2018	Escola de Hotelaria de Lamego	20	Sim
	17/06/2018	Agência de viagens Vivatur	69	Não
julho	3/07/2018	Plano de Férias do Clube Moínho de Viseu	19	Não
	6/07/2018	Tourism Academy	106	Sim
	07/07/2018	Grupo de teatro “Grupo Dramático e Recreativo da Retorta” – Valongo	23	Não
	14/07/2018	Grupo de Teatro “SC Dez de Junho” – Gondomar	61	Não
	17/07/2018	Associação Portas Pr’á Vida	21	Sim
	21/07/2018	Grupo de Teatro “Gatos Pingados” - Vila Nova de Milfontes	17	Não
Agosto	11/08/2018	Agência de viagens Vivatur	29	Não
	12/08/2018	Passeio Turístico-Cultural MINIS Douro	90	Não
	23/08/2018	ATL Santa Casa da Misericórdia de Lamego	30	Sim
	31/08/2018	Erasmus + Obra Kolping	33	Sim
Setembro	11/09/2018	ATL Centros Escolares de Lamego	105	Sim

Outubro	31/10/2018	Escola Secundária Morgado de Mateus	46	Não
----------------	------------	-------------------------------------	----	-----

Lista visitas CIMI 2019				
Mês	Dia	Descrição	Nº participantes	Oficinas educativas
janeiro	16/01/2019	Universidade Sénior de Tabuaço	33	Não
	30/01/2019	Agrupamento de Escolas da Sé de Lamego	264	Sim
	31/01/2019	Agrupamento de Escolas da Sé de Lamego	158	Sim
		Pré-escolar “O Pintinhas”	31	Sim
fevereiro	19/02/2019	Agrupamento de Escolas da Sé - Erasmus + Escola Básica e Secundária da Sé	48	Sim
	12/02/2019	Agrupamento de Escolas Latino Coelho Escola Básica de Cambres	38	Sim
	20/02/2019	Centro Infantil Mãe Admirável	23	Sim
	21/02/2019	Centro Infantil Mãe Admirável	17	Sim
	23/02/2019	Confraria Gastronómica do Dão	38	Não
março	14/03/2019	Centro Social Paroquial de Penude	20	Não
	23/03/2019	Agência de viagens Rotas do Sul	57	Não
	24/03/2019	Erasmus + Agrupamento de Escola Secundária Latino Coelho	85	Sim
		Automóvel Clube de Lamego	42	Não
maio	02/05/2019	Visita Portas Pr' à Vida	17	Não
	10/05/2019	Universidade Sénior de Lamego	23	Não
	16/05/2019	Centro Escolares de Lamego “Vitinho em Lamego” – iniciativa para assinalar o Dia Internacional dos Museus (18 de maio)	649	Sim
	17/05/2019	Centros Escolares de Lamego “Vitinho em Lamego” – iniciativa para assinalar o Dia	46	Sim

Lista visitas CIMI 2020				
Mês	Dia	Grupo	Nº participantes	Oficinas educativas
janeiro	29/01/2020	Escola Camilo Castelo Branco de Vila Real, do curso de Artes	70	Não
fevereiro	04/02/2020	Escolar de Tarouca, do Agrupamento Dr. José Leite de Vasconcelos	70	Não
outubro	14/10/2020	Viagens Turiossónoba	23	Não
		Internacional dos Museus 18 de maio		
	24/05/2019	Agrupamento de Escola Latino Coelho Erasmus Escola E B 2, 3 de Lamego	35	Sim
agosto	27/08/2019	Santa Casa da Misericórdia de Lamego	52	Sim
	28/08/2019	Santa Casa da Misericórdia de Lamego	10	Sim

Lista visitas agendadas (2020-2024)

Lista visitas CIMI 2021				
Mês	Dia	Grupo	Nº participantes	Oficinas educativas
setembro	03/09/2021	Grupo de Professores de Braga	12	Não
	06/09/2021	Agência de Viagens Viagens Fernandes	15	Não
outubro	16/10/2021	Grupo ALCO	21	Não

Lista visitas CIMI 2022				
Mês	Dia	Descrição	Nº participantes	Oficinas educativas
fevereiro	25/02/2022	Associação Bagos d'Ouro (ABO) IPSS	22	Não
abril	08/04/2022	Associação de Arqueologia no Algarve (AAA)	25	Não
julho	10/07/2022	Agente de Animação Turística e Turismo de Natureza – Figueira da Foz	10	Não

setembro	06/09/2022	ATL de Verão 2022 'Uma aventura no Verão'	204	Sim
	17/09/2022	Visita cultural / 17Set - XLIII Confraternização Anual da AOE	24	Não

Lista visitas CIMI 2023				
Mês	Dia	Descrição	Nº participantes	Oficinas educativas
fevereiro	16/02/2023	Agrupamento de Escolas de Latino Coelho - grupo de Educação Visual e Tecnológica da Escola Básica de Lamego	110	sim
	21/02/2023	Agência de viagens "Trans Serrano, Aventura, Lazer e Turismo, Lda"	40	não
	21/02/2023	Fundação INATEL	40	não
março	06/03/2023	Colégio de Lamego - Projeto Erasmus	30	sim
	24/03/2023	Agrupamento de Escolas de Moimenta da Beira - EB de Leomil	45	sim
junho	16/06/2023	Universidade Vida Ativa - Município de São João da Pesqueira	32	sim
julho	27/07/2023	Grupo Jornadas Mundiais da Juventude	55	sim
agosto	01/08/2023	ATL "Crescer a Sorrir" - Município de Tarouca	113	sim
setembro	14/09/2023	Grupo de antigos combatentes de Lamego	29	não
outubro	19/10/2023	Escola de Tecnologia e Gestão de Lamego	10	não
	21/10/2023	Associação sem fins lucrativos localidade de Samel, Município de Anadia	12	não

Lista visitas CIMI 2024				
Mês	Dia	Descrição	Nº participantes	Oficinas educativas
fevereiro	08/02/2024	Agrupamento de Escolas de Moimenta da Beira - Escola EB de Alvite	25	sim
	09/02/2024	Escola de Segundas Oportunidades de Valongo (ESEV)	21	não
	09/02/2024	Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste	155	sim
	10/02/2024	Agência de Viagens Trinca	50	Não
	14/02/2024	Centro Social e Paroquial de Penude	17	Não
	21/02/2024	Grupo de Guias Intérpretes	16	Não
	22/02/2024	Agrupamento de Escolas da Sé - Lamego	22	sim
março	16/02/2024	Agência Viagem Belavista Aventura	56	não
abril	11/04/2024	Escola Básica de Moimenta da Beira 1º ano	55	sim
	16/04/2024	Agrupamento de Escolas da Sé - "Património Cultural - À descoberta das nossas raízes" - turmas da EPE do CLES	60	sim
	17/04/2024	Agrupamento de Escolas da Sé - "Património Cultural - À descoberta das nossas raízes" - turmas 1º CEB do CELS	87	sim
	18/04/2024	Agrupamento de Escolas da Sé - "Património Cultural - À descoberta das nossas raízes" - turmas da EPE do CEL nº2	74	sim
	19/04/2024	Agrupamento de Escolas da Sé - "Património Cultural - À descoberta das nossas raízes" - turmas 1º e 2º anos CEL nº2	104	sim
	24/04/2024	Agrupamento de Escolas da Sé - "Património Cultural - À descoberta das nossas raízes" - turmas 3º e 4º anos CEL nº2	89	sim
maio	18/05/2024	Clube Escape Livre	120	não

Apêndice 16 – Questionário entregue a docentes e técnicos que acompanharam as visitas ao CIMI

Questionário

Este questionário enquadra-se num estudo no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão do Património Cultural e Desenvolvimento Local, realizada na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego. O estudo procura compreender a importância e o funcionamento dos serviços educativos nos museus e perceber em que medida as visitas guiadas e as oficinas educativas facilitam o processo de cultura e aprendizagem.

Neste sentido, seguem algumas questões de resposta aberta que procuram avaliar as perceções dos professores/técnicos que acompanharam as visitas dos seus alunos/utentes ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

A duração média do questionário está compreendida entre os 15 e os 20 minutos e os dados recolhidos são mantidos no anonimato e apenas utilizados para o fim exposto.

Obrigada pela sua colaboração.

Nome da Escola/Instituição: _____

Ano de escolaridade que leciona (se aplicável): _____

Intervalo de idade dos alunos/utentes: (... - ... anos)

1. Como reagiram os alunos/utentes quando tiveram conhecimento da visita?

2. Durante a visita, notou interesse e atenção por parte dos alunos/utentes? De que modo?

3. Em que medida a visita foi útil, pedagógica e contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos/utentes?

4. Como avaliou a visita guiada ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica?

5. Do seu ponto de vista, de que forma é que as atividades ocorridas nos museus, podem facilitar o processo de cultura e aprendizagem?

6. Quais as principais vantagens e constrangimentos que associa às visitas a espaços museológicos com os seus alunos/utentes?

7. Considerando o nível etário e capacidades dos seus alunos/utentes, que tipo de atividades acharia mais interessantes a serem desenvolvidas nos serviços educativos dos museus?



8. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham sido aqui abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Apêndice 17 - Questionário *Google Forms* para docentes e técnicos que acompanharam as visitas ao CIMI

Questionário_tese

Perguntas Respostas 33 Definições

Dissertação de Mestrado em Gestão do Património Cultural e Desenvolvimento Local

B I U  

Este questionário enquadra-se num estudo no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão do Património Cultural e Desenvolvimento Local, realizada na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego. O estudo procura compreender a importância dos serviços educativos nos museus e perceber em que medida as visitas guiadas e as oficinas educativas facilitam o processo de cultura e aprendizagem. Neste sentido, seguem algumas questões de resposta aberta que procuram avaliar as perceções dos professores/técnicos que acompanharam as visitas dos seus alunos/utentes ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica.

A duração média de preenchimento do questionário está compreendida entre os 15 e os 20 minutos e os dados recolhidos são mantidos no anonimato e apenas utilizados para o fim exposto. Obrigada pela sua colaboração.

Nome da Escola/Instituição: *

Questionário_tese

Perguntas Respostas 33 Definições

Ano de escolaridade que leciona (se aplicável):

Texto de resposta curta

Intervalo de idades dos alunos/utentes: *

Texto de resposta curta

Como reagiram os alunos/utentes quando tiveram conhecimento da visita? *

Texto de resposta longa

Questionário_tese

Perguntas Respostas 33 Definições

Durante a visita, notou interesse e atenção por parte dos alunos/utentes? De que modo?

Texto de resposta longa

Em que medida a visita foi útil, pedagógica e contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos/utentes? *

Texto de resposta longa

Como avaliou a visita guiada ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica? *

Texto de resposta longa

Questionário_tese

Perguntas Respostas 32 Definições

Do seu ponto de vista, de que forma é que as atividades ocorridas nos museus, podem facilitar o processo de cultura e aprendizagem?

Texto de resposta longa

Quais as principais vantagens e constrangimentos que associa às visitas a espaços museológicos com os seus alunos/utentes?

Texto de resposta longa

Considerando o nível etário e capacidades dos seus alunos/utentes, que tipo de atividades acharia mais interessantes a serem desenvolvidas nos serviços educativos dos museus?

Enviar

Questionário_tese

Perguntas Respostas 33 Definições

Considerando o nível etário e capacidades dos seus alunos/utentes, que tipo de atividades acharia mais interessantes a serem desenvolvidas nos serviços educativos dos museus?

Texto de resposta longa

Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham sido aqui abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Texto de resposta longa

Enviar

Apêndice 18 – Catálogo do Programa educativo do CIMI

Programa Educativo

CENTRO INTERPRETATIVO DA MÁSCARA IBÉRICA

CIMI



O PROGRAMA EDUCATIVO DO CIMI

Atualmente, os espaços museológicos desempenham um papel muito importante no que respeita à educação (não formal), tornando-se em locais potencializadores de aprendizagens a vários níveis, onde existe um permanente diálogo na interpretação do património exposto.

O nosso Programa Educativo, tem como missão promover o CIMI enquanto espaço cultural, social e educativo, facilitando a partilha de conhecimentos e incentivando a criação de hábitos culturais.

O programa de atividades centra-se sobretudo nas seguintes áreas de participação:

- ✦ Explorar, aprender e experimentar – atividades destinadas à comunidade escolar;
- ✦ Integrar – atividades de promoção da inclusão social e intelectual;
- ✦ Incentivar – atividades para famílias e público em geral.

Através de um diversificado conjunto de atividades no âmbito do património histórico-cultural, composto por visitas orientadas, visitas de exploração, visitas-jogo e oficinas, convidamos todos a embarcar numa viagem pelo Centro Interpretativo da Máscara Ibérica!

EXPLORAR, APRENDER E EXPERIMENTAR—COMUNIDADE ESCOLAR

Explorar o CIMI e o meio envolvente, **aprender** através de um programa do qual fazem parte as visitas orientadas e visitas-jogo e **experimentar** as várias oficinas, são os principais eixos de ação para o público escolar.



INTEGRAR—PROMOÇÃO DA INCLUSÃO SOCIAL E INTELLECTUAL

Esta ação tem como objetivo principal **integrar**:

- A comunidade de Lazarim
- O público sénior, com uma finalidade lúdica e de desenvolvimento pessoal,
- O público com necessidades especiais de acordo com as especificidades de cada grupo.

Propõe um conjunto de experiências e atividades que promovam o desenvolvimento emocional e cognitivo, facilitando o acesso à cultura.

INCENTIVAR—FAMÍLIAS E PÚBLICO EM GERAL “FÉRIAS NO CIMI”

Esta ação tem como objetivo incentivar a visita das famílias e público em geral a espaços museológicos.

Através de um conjunto de atividades, procura promover, junto destes públicos, a aprendizagem, a convivência, o brincar, num contexto educativo não formal e enriquecedor.

“FÉRIAS NO CIMI” - projeto com um conjunto de atividades e oficinas dirigidas às crianças no período de férias escolares.

As crianças são convidadas a explorar o “mundo da máscara” através de um conjunto de atividades que estimulam a criatividade, despertando o interesse pela temática.



VISITAS ORIENTADAS

As visitas orientadas são organizadas de acordo com a faixa etária dos participantes e as tipologias discursivas são variadas e personalizadas.

Estas visitas, procuram explorar as várias exposições bem como o meio envolvente, potenciando o diálogo, a partilha de conhecimentos e experiências entre os participantes.



EXPLORAR O CIMI...

VISITA ORIENTADA—CIMI

"À DESCOBERTA DOS RITUAIS COM MÁSCARA"

Embarcamos numa viagem que nos leva ao "Mundo da Máscara". Nesta visita, percorremos as exposições do CIMI e descobrimos muitos dos rituais com Máscara! Haverá ainda vídeos e objetos incríveis para explorar! Acompanham-nos nesta viagem?



VISITA ORIENTADA—CIMI

"O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA MÁSCARA DE LAZARIM"

Sabiam que ainda há artesãos que elaboram as máscaras do Entrudo de Lazarim? Gostariam de saber qual é o processo de construção destas máscaras tão incríveis? Nesta visita, para além da visita às exposições, contamos com a presença de um ou mais artesãos. Estão à nossa espera e têm muito para nos contar e mostrar...

VISITA ORIENTADA—CIMI

"OS TRAJES DO ENTRUDO DE LAZARIM"

Como é que serão feitos os trajes dos Caretos de Lazarim? Será que demoram muito tempo a serem feitos? E os trajes do Desfile de Domingo? Qual é a diferença entre eles? Nesta visita, vamos descobrir tudo!



VISITA ORIENTADA - CIMI

"OS CARETOS DE LAZARIM NO CIMI"

Já ouviram falar nos Caretos de Lazarim? Quem serão estes mascarados tão divertidos? Vamos conhecer estas "personagens" do Entrudo de Lazarim!

"TEATRO NO CIMI"

Sabiam que existe um grupo de teatro em Lazarim?
Estamos a falar do divertido Grupo de Teatro Aldeia Verde!
Gostariam de conhecer? Nesta visita vamos ter muitas surpresas!



DESCOBRIR LAZARIM E AS SUAS GENTES...

VISITA ORIENTADA ÀS EXPOSIÇÕES COM CAMINHADA "À DESCOBERTA DOS AMIEIROS"

Sabiam que as Máscaras de Lazarim são feitas em madeira? A árvore utilizada é o Amieiro e, em Lazarim, existem muitos Amieiros! Vamos descobrir onde crescem estas árvores?



VISITA ORIENTADA ÀS EXPOSIÇÕES COM VISITA AO ARTESÃO

"A OFICINA DO ARTESÃO"

Sabiam que cada artesão de máscaras de Lazarim tem a sua própria oficina onde faz as suas máscaras? Vamos visitar uma oficina?

VISITA ÀS EXPOSIÇÕES SEGUIDA DE CAMINHADA

"A VILA DO ENTRUDO DE LAZARIM"

É pelas ruas de Lazarim que tudo acontece no Entrudo! Nesta visita, faremos um passeio pela Vila de Lazarim e conheceremos o largo do Padrão, onde se come a deliciosa Feijoada; a Vila, onde faz o saboroso Caldo de Farinha, entre outros pontos importantes para esta tradição. Teremos também a oportunidade de observar a paisagem onde a arquitetura moderna contrasta com a rústica.



VISITAS - JOGO

As visitas-jogo tratam-se de estratégias de motivação que pretendem desenvolver de uma forma lúdica, a atenção, a perceção, a memória visual e a comunicação.



À PROCURA DAS MÁSCARAS PERDIDAS

Vamos partir numa aventura pelo Mundo das máscaras e encontrar as máscaras que estão perdidas pelo CIML...

CAÇA ÀS MÁSCARAS

Como bons investigadores, iremos descobrir onde se encontram as máscaras perdidas através de um conjunto de pistas. Mas, primeiro, teremos que estar muito atentos na visita...



JOGO DO GALO COM MÁSCARAS

Conhecem o tradicional jogo do galo ou três em linha? Neste jogo, as regras são as mesmas, mas desta vez vamos jogar com máscaras!



JOGO DA MEMÓRIA COM MÁSCARAS

Já repararam que as máscaras são todas diferentes e estão cheias de pormenores? Neste jogo, vamos pôr à prova a nossa concentração e memória, descobrindo o par de cada máscara.



VISITA-MEMÓRIA

No final da visita, somos todos convidados a partilhar as nossas memórias descrevendo as exposições e objetos expostos.

VISITA-QUIZZ

No final da visita, os participantes são testados em equipas num *Quizz*. A visita *Quizz* é uma visita desafio, que divide os participantes em duas ou mais equipas para descobrir qual a mais atenta à visita-orientada.



OFICINAS

As oficinas dão a possibilidade de conjugar a componente teórica das visitas orientadas com momentos de experimentação que atuam nas diversas áreas artísticas (pintura, desenho, colagem, ...).



A MINHA MÁSCARA PREFERIDA

Depois de uma visita pelas exposições, vamos desenhar a nossa máscara preferida!



AS MÁSCARAS DE BRAGAÇA

Sabiam que muitas das máscaras das tradições de Bragaça são pintadas? Vamos pintar de acordo com a máscara que nos foi apresentada.



CAIXINHA DE RECORDAÇÕES DO CIMI

Durante a visita, passamos por muitas máscaras, ferramentas, fotografias, entre muitas outras coisas. Vamos colocar numa caixinha todas as recordações que levamos desta visita?



CAIXINHA DE RECORDAÇÕES DE LAZARIM

Hoje foi dia de visitar a Vila do Entrudo de Lazarim. Que recordações levamos?



O AMIEIRO

Ainda se lembram qual é a árvore que dá origem as máscaras de Lazarim? Nesta oficina, é-nos apresentada uma árvore numa folha em branco. Tendo em conta o que nos foi explicado na visita, vamos por mãos à obra e desenhar o habitat natural desta árvore.



VAMOS CONSTRUIR UMA MÁSCARA!

Têm vontade de construir a vossa própria máscara? Só vamos precisar de folhas de papel de alumínio, jornal e cola branca! Vamos dar asas à nossa imaginação...



FICHAS PEDAGÓGICAS

As atividades pedagógicas são um conjunto de fichas com exercícios práticos, relacionados com a temática apresentada nas exposições que testam a capacidade de concertação e raciocínio.

PINTAR COM NÚMEROS!

Nesta atividade, a cada cor, corresponde um número. Vamos pintar as máscaras consoante os números que nos são apresentados?



DESCOBRE AS DIFERENÇAS!

Nesta atividade, vamos colocar à prova a nossa capacidade de concentração. Vamos descobrir as diferenças entre as duas imagens que nos são apresentadas!



PALAVRAS CRUZADAS

Vamos preencher os espaços vazios de acordo com as pistas que nos são dadas!

PALAVRAS CRUZADAS
CENTRO DE LADARIN

VERTICAIS	HORIZONTAIS
1. Nome de um país europeu.	1. Nome de um país europeu.
2. Nome de um país europeu.	2. Nome de um país europeu.
3. Nome de um país europeu.	3. Nome de um país europeu.
4. Nome de um país europeu.	4. Nome de um país europeu.
5. Nome de um país europeu.	5. Nome de um país europeu.
6. Nome de um país europeu.	6. Nome de um país europeu.
7. Nome de um país europeu.	7. Nome de um país europeu.
8. Nome de um país europeu.	8. Nome de um país europeu.
9. Nome de um país europeu.	9. Nome de um país europeu.
10. Nome de um país europeu.	10. Nome de um país europeu.

SOPA DE LETRAS

Nesta sopa de letras vamos descobrir as palavras que estão relacionadas com as tradições com máscara!

SOPA DE LETRAS
CENTRO DE LADARIN


SOPA DE LETRAS
CENTRO DE LADARIN

SOPA DE LETRAS
CENTRO DE LADARIN

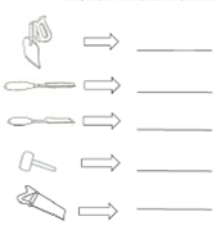
Z	G	I	O	G	H	A	R	C	H	O	F		
F	M	Z	M	A	L	A	R	A	O	S	T		
C	A	R	T	E	S	O	Z	S	O	E	T		
X	L	Y	R	M	A	J	O	I	M	T	A	N	C
A	A	Z	I	F	H	O	S	O	C	O	J		
S	Z	K	A	J	C	W	F	R	F	O	S		
D	A	L	O	N	T	E	F	A	C	A	R	O	
F	R	T	C	A	S	T	O	S	I	S	I	C	
C	I	A	L	O	S	O	H	E	J	A	N	O	
I	M	M	A	T	O	R	M	A	G	N	M		
M	E	C	O	S	T	M	O	S	A	J	F		
I	P	N	I	C	O	M	A	R	E	S	I	A	
I	O	D	E	K	A	S	M	E	L	O	D		
O	I	O	G	L	O	I	F	S	R	L	I	E	R
I	L	A	M	I	T	O	I	C	O	C	A		


**AS FERRAMENTAS DOS
ARTESÃOS DE LAZARIM**

Ainda se lembram do nome das ferramentas utilizadas pelos artesãos de Lazarim? Vamos descobrir....



FERRAMENTAS DOS ARTESÃOS DE MÁSCARAS DE LAZARIM





MARCA JÁ A TUA VISITA!

CENTRO INTEPRETATIVO DA MÁSCARA IBÉRICA

RUA JOSÉ DE CASTRO, LAZARIM
5100-584 LAMEGO
TEL. 254 090 134
cimi@cm-lamego.pt

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
DE TERÇA A DOMINGO DAS 09h00—12H30 | 13h30—17h00



CENTRO
INTEPRETATIVO
DA MÁSCARA
IBÉRICA

CIM I

A Máscara é um elemento que, temporal e espacialmente, conhece uma enorme representação e um universalismo que nenhum outro testemunho material da cultura humana iguala.
Benjamim Éves Pereira



LAMEGO
MUNICÍPIO

Apêndice 19 – Inquérito de satisfação dos visitantes do CIMI



Centro Interpretativo da Máscara Ibérica Inquérito de Satisfação Satisfaction Survey

O Centro Interpretativo da Máscara Ibérica elaborou este questionário para conhecer a opinião e as sugestões dos seus visitantes. O seu preenchimento é voluntário e anónimo, no entanto a sua opinião é importante para melhorar a qualidade dos serviços prestados.

The Centro Interpretativo da Máscara Ibérica has prepared this survey to know the opinion and suggestions of the visitors. It's voluntary and anonymous, however, your opinion is important to improve the quality of the services provided.

Dados pessoais | Personal Data:

Idade Age:	____ Anos Years	Sexo Gender	<input type="checkbox"/> Masculino Male	<input type="checkbox"/> Feminino Female
Habilitações Literárias Qualifications				
Profissão Profession				
Residência Residence	<input type="checkbox"/> Concelho de Lamego <input type="checkbox"/> Outro Concelho Qual? _____ Country: _____ Locality: _____			

Visita | Visit:

Data Date: _____			
É a sua 1ª visita? It is your first visit? <input type="checkbox"/> Sim Yes <input type="checkbox"/> Não No			
Se respondeu "não", com que frequência visita o CIMI? If you answered "no", how often do you visit the CIMI?			
<input type="checkbox"/> Uma vez por ano Once a year		<input type="checkbox"/> Várias vezes por ano Several time a year	
Com quem visitou? With whom you visited?			
<input type="checkbox"/> Sozinho(a) Alone	<input type="checkbox"/> Com familiares With family	<input type="checkbox"/> Com amigos With friends	<input type="checkbox"/> Com um grupo organizado With an organized group

Qual o motivo da sua visita? What is the reason for the visit?	
<input type="checkbox"/> Curiosidade Curiosity	<input type="checkbox"/> Interesse por museus Interest in museums
<input type="checkbox"/> Visita à região Visit the region	<input type="checkbox"/> Exposição temporária Temporary exhibition
<input type="checkbox"/> Entrudo de Lazarim	<input type="checkbox"/> Outras tradições ligadas à Máscara Others traditions related to the Maskz
<input type="checkbox"/> Outro motivo Other reason	

Por favor, indique a sua opinião, assinalando com um "x" uma das opções abaixo indicadas, tendo em consideração que: 1= Muito Mau; 2= Mau; 3= Bom e 4= Muito Bom
Please give your opinion, by inserting "x" one of the options below, taking into account: 1= Very Bad; 2= Poor; 3 = Good and 4= Very Good

Avaliação dos serviços prestados Evaluation of the services provided	1	2	3	4	Não se aplica/ Não responde Not applicable/ No Answer
1. Organização e Funcionamento Customer services					
1.1 Horário Schedule					
1.2 Tempo de espera Waiting Time					
1.3 Divulgação Promotion					
2. Funcionários Staff					
2.1 Acolhimento Reception					
2.2 Prestação de informação correta e completa Correct and complete information					
2.3 Simpatia e educação no atendimento Sympathy and education					
3. Visita guiada (se aplicável) Guided Visit (if applicable)					
3.1 Uso de linguagem clara, simples e adequada ao grupo Simple, clear language and appropriate for the group					
3.2 Prestação de informação sobre o tema Information about the theme					
3.3 Disponibilidade para responder às perguntas Availability to answer questions					
3.4 Organização Organization					
3.5 Atividades educativas Educational activities					

Avaliação dos serviços prestados <i>Evaluation of the services provided</i>	1	2	3	4	Não se aplica/ Não responde <i>Not applicable/ No Answer</i>
4. Exposição permanente <i>Permanent Exhibition</i>					
4.1 Temática da exposição <i>Theme of the exhibition</i>					
4.2 Organização da exposição <i>Organization of the exhibition</i>					
4.3 Informação adequada e clara sobre a exposição permanente <i>Clear and adequate information about permanent exhibition</i>					
4.4 Qualidade das peças <i>Quality of the objects in the collection</i>					
5. Exposição temporária <i>Temporary exhibition</i>					
5.1 Temática da exposição <i>Theme of the exhibition</i>					
5.2 Organização da exposição <i>Organization of the exhibition</i>					
5.3 Informação adequada e clara sobre a exposição permanente <i>Clear and adequate information about permanent exhibition</i>					
5.4 Qualidade das peças <i>Quality of the objects in the collection</i>					
6. Instalações <i>Facilities</i>					
6.1 Acessibilidade e sinalética <i>Accessibility and local information boards</i>					
6.2 Organização e funcionalidade <i>Organization and functionality</i>					
6.3 Qualidade e conforto <i>Quality and comfort</i>					
6.4 Limpeza e higiene <i>Hygiene and cleaning</i>					
7. Satisfação Global <i>Overall Rating</i>					
Sugestões / <i>Suggestions</i>					

Muito obrigada pela sua colaboração!
Thank you very much for your cooperation!

ANEXOS

Anexo 1 - Exposições temporárias (2018 – 2024)

Exposições 2018

- **Exposição: “Viagem pelos rituais com máscara de Portugal”:** Nesta exposição estiveram patentes ao público festividades portuguesas representadas pelos seus trajes e máscaras por ordem cronológica. O ciclo dessas festividades inicia-se a 31 de outubro com “A Cabra e o Canhoto de Cidões - Vinhais” e termina a 24 de junho com a “Bugiada e a Mouriscada de Sobrado – Valongo”.

- **Exposição: “Máscaras Rituais de Portugal – Coleção de Roberto Afonso”:** Esta exposição retratou uma viagem por trinta e seis rituais com máscara em Portugal em que, as 58 máscaras apresentadas, assinadas por trinta e cinco artesãos, foram conjugadas com diversos elementos que fazem parte de cada ritual ou traje usado e ilustradas com textos de Alex Rodrigues, Alfredo Cameirão, Antero Neto, António Pinelo Tiza, Isidro Rodrigues e Roberto Afonso.

- **Exposição de trajes e máscaras espanholas:** Desta exposição fez parte uma pequena amostra representativa de algumas festividades de Espanha.

- **Exposição “Artesãos de Lazarim”:** Esta exposição foi realizada em Homenagem ao Sr. Afonso de Almeida e Castro, o artesão com mais idade ainda vivo em 2017, que acabou por falecer em abril de 2018. Nesta encontrou-se exposta a última máscara elaborada pelo Sr. Afonso e por ele oferecida ao CIMI e, um painel onde estão retratadas as memórias do Sr. Afonso, gravadas a 12 de julho de 2017.

- **Exposição “Usos e Costumes de Lazarim”:** Esta exposição realçou a importância das fazedoras de trajes dos caretos de Lazarim, estando também patentes alguns objetos representativos de usos, costumes e tradições da Vila de Lazarim.

- **Exposição “Máscaras de Lazarim”:** A exposição “Máscaras de Lazarim” foi a exposição realizada até então que reuniu o maior número de máscaras de Lazarim. Esta exposição foi possível graças ao contributo de pessoas particulares e artesãos que cederam, por empréstimo, as máscaras para estarem patentes no CIMI. O objetivo principal desta iniciativa foi reforçar a valorização e divulgação das máscaras e artesãos de Lazarim.

- **Exposição “Máscaras Rituais de Portugal - coleção de Roberto Afonso”:** Regressou ao Centro Interpretativo da Máscara Ibérica em outubro, onde ficou patente ao público até 31 de dezembro.

- **Exposição em homenagem ao artesão Afonso de Almeida e Castro:** Esta exposição foi dedicada à pessoa e ao artesão Afonso Castro. Da coleção da mesma, fizeram parte os objetos que, por cortesia, foram doados ao CIMI, pela sua família, após o seu falecimento.

Exposições 2019

- **Exposição “Viagem pelo Mundo da Máscara Ibérica”:** Desta exposição fizeram parte cerca de duzentas fotografias de festividades da Península Ibérica, da autoria da fotógrafa Mercedes Vázquez Saavedra e, vários trajes e máscaras representativos de algumas destas festividades.

- **Exposição "Entrudo de Lazarim":** Nesta exposição estiveram presente trajes e máscaras dos Caretos de Lazarim e trajes tradicionais usados no Desfile de Domingo do Entrudo de Lazarim.

- **Exposição de fotografia “Lazarim, povoados, tradições e as suas gentes”:** Esta exposição foi o resultado do Raid Fotográfico promovido pelo CIMI em 2018 como forma de assinalar o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, tendo em conta que o tema escolhido foi: “Património Cultural: de geração em geração”.

- **Exposição “Nove meses de inverno e três meses de inferno”**: esta exposição é o resultado de um registo fotográfico de João Pedro Marnoto que retrata uma perspetiva do espaço rural.

- **Exposição “Caretos de brincar”**: Esta exposição resultou da cedência de trajes e máscaras usados no Desfile de Carnaval das instituições de ensino do concelho, promovido pelo Município de Lamego que, em 2019 teve como tema o "Entrudo de Lazarim". A abertura da exposição como forma de assinalar o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, que em 2019 teve como tema "Património e Paisagem Rural".

Exposições de 2020

- **Exposição “Máscaras de Lazarim”** – Esta exposição foi muito semelhante à de 2018, sendo possível graças ao contributo de pessoas particulares e artesãos que, cederam por empréstimo, as suas máscaras. O objetivo principal desta iniciativa foi reforçar novamente a valorização e divulgação das máscaras e artesãos de Lazarim.

- **Exposição “Eu e o outro” Máscaras e Rituais de Trás-os-Montes e Douro – da autoria do Dr. Manuel Gardete** – Desta exposição fizeram parte trinta e seis fotografias representativas de várias festividades e rituais com máscara portuguesas. Foi também complementada pela projeção de cerca duzentas fotografias que contemplam festividades do território da Península Ibérica.

- **Exposição “Rituais de Inverno com Máscaras”** – Esta exposição foi o resultado de uma parceria entre o Município de Lamego, através do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica e o Museu Abade Baçal e visa a divulgação do Ciclo Festivo de Inverno no Nordeste Transmontano.

- **Exposição “Máscaras sem Máscara...” da artista Isaura Sousa** – “Máscaras sem máscara...” resulta da observação das coisas e pela preocupação de um ambiente sustentável, conjugando materiais e técnicas, reutilizando e transformando os materiais.

- **Exposição de fotografia “Bugios e Mourisqueiros”** – esta exposição de fotografia retrata a Bugiada e Mouriscada do São João de Sobrado e resultou de uma parceria entre o CIMI e o Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada em Sobrado – Valongo.

Exposições de 2021

- **Exposição “Identidade de uma Comunidade”** – esta exposição visa divulgar o Entrudo de Lazarim, com um conjunto de fotografias, máscaras e trajes desta tradição.

- **Exposição “Percurso pela Arquitetura Popular no Douro” da autoria do Arquiteto António Menéres** – esta exposição explora as dimensões do território, das pessoas e das arquiteturas enquanto elementos geradores e constituintes da arquitetura popular (Parceria Museu do Douro).

Exposições 2022

- **Exposição “Identidade de uma Comunidade”** – esta exposição visa divulgar o Entrudo de Lazarim, com um conjunto de fotografias, máscaras e trajes desta tradição.

- **Exposição de fotografia “Lazarim, povoados, tradições e as suas gentes”**: Esta exposição foi o resultado do Raid Fotográfico promovido pelo CIMI em 2018 como forma de assinalar o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios.

- **Exposição de fotografia “O Resto do Ano” de Violeta Moura** - Esta exposição encontra-se patente na parte exterior do CIMI. “Partindo da potencialidade dos materiais

que dão forma não só aos típicos trajes do célebre Entrudo, mas que definem ainda os contextos culturais e socioeconómicos da região nos restantes dias do ano, Violeta Moura coloca-se num lugar de escuta e conexão e documenta a comunidade, as vivências, os saberes e as paisagens de Lazarim.” (desenvolvido no âmbito do Projeto ViViFICAR).

Exposições 2023

- **Exposição “Identidade de uma Comunidade”** – esta exposição visa divulgar o Entrudo de Lazarim, com um conjunto de fotografias, máscaras e trajes desta tradição.

- **Exposição de máscaras e fotografias “Entrudo de Lazarim – Domingo-Gordo e Terça-feira Gorda”**: Esta exposição conta com um conjunto de fotografias, trajes e máscaras alusivos aos dias mais importantes do programa do Entrudo de Lazarim, o Domingo e a Terça-feira.

- **Exposição do 1º Raid Fotográfico “Caretos de Lazarim na Alcaria de Mazes”** – esta exposição mostra o registo fotográfico do primeiro Raid fotográfico com os Caretos de Lazarim na Anta de Mazes e alguns trajes e máscaras típicos do Entrudo.

- **Exposição de fotografia “Tradições portuguesas com máscara”** – esta exposição contou com várias fotografias de Rituais ligados à Máscara em Portugal.

- **Exposição de fotografia - “BUUU Por detrás da Máscara”** - Exposição sobre a máscara e seus rituais que une a ancestral tradicional simbologia deste património a uma visão contemporânea, colocando ao dispor do público trabalhos fotográficos que refletem a máscara como um elemento icónico e intemporal que, muitas vezes, esconde o verdadeiro eu. A exposição apresenta fotografias de máscaras de Portugal, Espanha e Itália, registadas e partilhadas por fotógrafos nacionais e internacionais.

Exposições 2024

- **Exposição “Identidade de uma Comunidade”** – esta exposição visa divulgar o Entrudo de Lazarim, com um conjunto de fotografias, máscaras e trajes desta tradição.

- **Exposição do 1º Raid Fotográfico “Caretos de Lazarim na Alcaria de Mazes”** – esta exposição mostra o registo fotográfico do primeiro Raid fotográfico com os Caretos de Lazarim na Anta de Mazes e algumas máscaras típicas do Entrudo.

- **Exposição de máscaras e fotografias “Entrudo de Lazarim – Domingo-Gordo e Terça-feira Gorda”**: Esta exposição conta com um conjunto de fotografias, trajes e máscaras alusivos aos dias mais importantes do programa do Entrudo de Lazarim, o Domingo e a Terça-feira. Contou com a presença de novos trajes e máscaras que foram emprestados e doados ao CIMI durante os anos de 2023 e 2024.

- **Exposição de fotografia “O Resto do Ano” de Violeta Moura** – Desenvolvida no âmbito do Projeto ViViFICAR, exposição encontra-se patente na parte exterior do CIMI. “Partindo da potencialidade dos materiais que dão forma não só aos típicos trajes do célebre Entrudo, mas que definem ainda os contextos culturais e socioeconómicos da região nos restantes dias do ano, Violeta Moura coloca-se num lugar de escuta e conexão e documenta a comunidade, as vivências, os saberes e as paisagens de Lazarim.” ()

- **Exposição de fotografia - “BUUU Por detrás da Máscara”** - Exposição sobre a máscara e seus rituais que une a ancestral tradicional simbologia deste património a uma visão contemporânea, colocando ao dispor do público trabalhos fotográficos que refletem a máscara como um elemento icónico e intemporal que, muitas vezes, esconde o verdadeiro eu. A exposição apresenta fotografias de máscaras de Portugal, Espanha e Itália, registadas e partilhadas por fotógrafos nacionais e internacionais.

Anexo 2 - Atividades / eventos (2018 – 2024)

Atividades/eventos em 2018

- **Workshop “Carnaval – as nossas máscaras”** - workshop organizado pela Câmara Municipal de Lamego, através do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI), em parceria com a Rede de Bibliotecas local. Esta iniciativa deu a conhecer, em quatro estabelecimentos de ensino, as origens das máscaras e dos trajes que animam os festejos carnavalescos do Entrudo de Lazarim.

- **Raid fotográfico “Lazarim, povoados, tradições e as suas gentes** - Iniciativa realizada com o intuito de comemorar o Dia Internacional dos Monumento e Sítios. Os registos fotográficos, após seleção por parte dos participantes, constituíram posteriormente uma exposição de fotografia representativa do património contruído e cultural de Lazarim.

- **Dia Internacional dos Museus – 18 de maio** - Para assinalar este dia, para além de visitas guiadas, o CIMI contou com a participação de um artesão que esteve presente durante esse dia dando aos visitantes a possibilidade de vivenciar a experiência de esculpir uma máscara.

- **II Encontro dos Artesãos da Máscara** Esta iniciativa cultural pretendeu sensibilizar os artesãos de máscaras da Península Ibérica para uma maior interligação com o CIMI e, promover ao mesmo tempo, o convívio e a troca de experiências entre eles.

- **Jornadas Europeias do Património** - Como forma de comemorar este dia, o CIMI partilhou com os seus visitantes alguns registos de som e imagem realizados a pessoas da comunidade de Lazarim em 2017, revelando histórias, tradições, rituais e cantares para memória futura da comunidade. Foram projetadas, ao mesmo tempo, algumas fotografias que foram resultado de uma recolha realizada com a colaboração de pessoas da comunidade de Lazarim.

- **Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica** – Esta tradição faz parte de um conjunto de tradições de Lazarim que têm vindo a ser recuperadas pelo CIMI com a colaboração da comunidade local. É uma tradição pagã destinada a comemorar o S. Martinho, em que antigamente apenas podiam participar homens que, percorrendo as ruas de Lazarim, cantavam uma cantiga tradicional e aguardavam que o dono de cada casa lhes oferecesse um copo de vinho, ou então seria "excomungado". No final da procissão, a comunidade reuniu-se nas instalações do CIMI para celebrar o Magusto.

Atividades/eventos em 2019

- **Cantares das Janeiras e Reis** - Neste dia, decorreu no CIMI, a apresentação pública do álbum “Cantares das Janeiras e dos Reis”, do Grupo de Cantares de Lazarim. O percurso teve início em 2016, com a recuperação dos cantares, mais tarde realizou-se a gravação e no dia 13 de janeiro foi apresentado o resultado final, fruto da dedicação e empenho dos elementos do grupo. Esta tradição dos Cantares das Janeiras e dos Reis faz também parte de um conjunto de tradições de Lazarim que têm vindo a ser recuperadas pelo CIMI com a colaboração da comunidade local.

- **Ação de divulgação do CIMI e do Entrudo de Lazarim** dirigida aos utentes e colaboradores da APPACDM - Viseu - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Viseu

- **Desfile de Carnaval em Lamego** - Em 2019, o “Entrudo de Lazarim” foi o tema escolhido para o desfile de Carnaval, promovido pelo Município de Lamego com os Agrupamentos de Escola de Lamego e demais instituições de ensino do concelho. Esta iniciativa que o Município de Lamego levou a efeito através do CIMI, procurou sensibilizar a comunidade para a importância, preservação e divulgação deste património cultural de singular relevância.

- **CIMI e o artesão de máscaras de Lazarim Adão Almeida no Centro Escolar de Tarouca** - Numa iniciativa conjunta da Biblioteca do Centro Escolar e o CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica de Lazarim, com o apoio do Município de Lamego, foi possível organizar um Workshop com o artesão das máscaras de Lazarim, Adão Almeida.

- **ATL - "Carnaval Ativo" – Centro Escolar de Lamego** - Esta atividade envolveu crianças do pré-escolar e ensino básico e, teve como objetivo principal, sensibilizar a comunidade para a importância, preservação e divulgação do Entrudo de Lazarim. Numa primeira parte, procedeu-se à apresentação de uma comunicação intitulada “Entrudo de Lazarim – Tradição e Património” e na segunda parte desenvolveu-se uma oficina educativa com atividades relacionadas com o Entrudo de Lazarim.

- **Dia Internacional dos Museus** - Como forma de assinalar o Dia Internacional dos Museus, o CIMI preparou uma atividade com a presença do criador do famoso "Vitinho" com ações dirigidas ao público mais jovem. Nos dias 16 e 17 de maio decorreram ações direcionadas para os alunos que frequentam as instituições de ensino. Tendo em conta que o "Vitinho" é uma personagem conhecida pelos avós e pais, decorreu também uma ação aberta ao público em geral. Esta ação decorreu no dia 16 de maio, no auditório do CIMI.

- **I Jornadas CIMI - “Normas e Inversão nas Festas e Rituais com Máscara...”** - No dia 1 de junho, a Câmara Municipal de Lamego organizou no CIMI, as primeiras Jornadas dedicadas à temática "Norma e Inversão nas festas e Rituais com Máscara...". As atividades integradas no programa do evento decorreram no Salão Nobre dos Paços do Concelho e no auditório do CIMI. Ao longo do dia, partilharam-se conhecimentos e saberes em diversas áreas ligadas à temática da máscara, onde participaram investigadores, etnólogos, académicos ligados a instituições de ensino superior e eruditos de festividades de Portugal e Espanha. Além disso, recordou-se a "Resistência dos caretos de Lazarim no tempo da Ditadura", numa conversa com a comunidade de Lazarim. No final, foi possível admirar os artesãos a trabalhar ao vivo e encenações dos caretos e do grupo "Teatro Aldeia Verde", bem como saborear o tradicional caldo de farinha.

- **III Encontro de artesãos da Máscara** - Pelo segundo terceiro consecutivo, o CIMI organizou em Lazarim um encontro de artesãos da máscara durante dois dias. Esta iniciativa cultural pretendeu sensibilizar os artesãos da Península Ibérica para uma maior interligação com o CIMI e, promover ao mesmo tempo, o convívio e a troca de experiências entre eles.

- **Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica** - Tradição pagã realizada pelo terceiro ano consecutivo com a colaboração da comunidade local. Esta tradição faz parte de um conjunto de tradições de Lazarim que têm vindo a ser recuperadas pelo CIMI com a colaboração da comunidade local. É uma tradição pagã destinada a comemorar o S. Martinho, em que antigamente apenas podiam participar homens que, percorrendo as ruas de Lazarim, cantavam uma cantiga tradicional e aguardavam que o dono de cada casa lhes oferecesse um copo de vinho, ou então seria "excomungado". No final da procissão, realizou-se um magusto no CIMI.

Atividades/eventos em 2020

- **Jornadas Europeias do Património** - Exposição “Máscaras de Lazarim” - No âmbito das Jornadas Europeias do Património 2020, subordinadas ao tema “Património e Educação”, a Câmara Municipal de Lamego, através do CIMI e o Agrupamento de Escolas Latino Coelho, Lamego, promoveram uma exposição intitulada “Máscaras de Lazarim”. A exposição esteve patente entre 25 de setembro e 2 de outubro, na sede do agrupamento.

Atividades/eventos em 2021

- **Jornadas Europeias do Património** - Em 2021, as Jornadas Europeias do Património, que se realizaram nos dias 28, 29 e 30 de setembro, tiveram como tema “Partilhar Memórias”. Como forma de assinalar as Jornadas Europeias do Património, nesse ano

dedicadas ao tema "O Património é nosso", o CIMI promoveu o evento "Sessão de reflexão aberta aos jovens Lazarinenses sobre o futuro da Máscara e do Entrudo de Lazarim", que decorreu no dia 3 de outubro.

- **Dia Internacional dos Museus** - “Abre-salas transatlânticas” - Resultado de uma parceria entre o Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI) e o Paço do Frevo, no Recife. Esta iniciativa proporcionou a partilha de tradições e experiências ligadas à máscara e uma visita virtual aos acervos das duas instituições. Também houve espaço para das tradições do Entrudo de Lazarim e do Frevo, com os testemunhos dos principais intervenientes destas duas festividades, artesãos, participantes e elementos das comunidades. Esta iniciativa fez parte da programação do CIMI para assinalar o Dia Internacional dos Museus.

- **Museu da Pessoa - Projeto Motirô** - Este projeto divide os festejos em dois grandes grupos: ritos religiosos e ritos profano e, por este motivo, a Câmara Municipal de Lamego, através do CIMI, decidiu inserir a comunidade Lazarinenses que participa ou participou na realização do Entrudo, desse o seu testemunho. As perguntas concentram-se em relatos sobre características dos rituais envolvidos sobrepondo-os às experiências dos participantes. Tendo em conta a situação pandémica no ano de 2021, aproveitou-se esse período de isolamento para cada entrevistado comentar os desafios que esse contexto atual trouxe para o desenrolar da tradição.

Atividades/eventos em 2022

- **Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica** – Após dois anos consecutivos sem se realizar, o CIMI em conjunto com a comunidade e em parceria com o Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim, voltou a realizar esta tradição profana da Vila de Lazarim. A recuperação desta tradição faz parte da atividade “Lazarim, povoados, arquitetura e as suas gentes” que começou a ser desenvolvida pelo CIMI em 2017, visando o registo, recuperação e salvaguarda do património material e imaterial. Tendo em conta que o Património é a essência de um local e indissociável da sua identidade e, visto que

o CIMI tem um papel fulcral na preservação e divulgação das várias tradições culturais, é de grande importância dar continuidade a esta “herança cultural” de Lazarim, contribuindo assim para uma maior proximidade com a comunidade envolvente. No final da procissão, a comunidade reuniu-se nas instalações do CIMI para celebrar o Magusto. Este evento marcou o início de uma parceria com o Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim.

Atividades/eventos em 2023

- **Cantar das Janeiras com o Grupo de Cantares de Lazarim no CIMI** - O Cantar as Janeiras e dos Reis, é mais uma das tradições que têm vindo a ser recuperadas pelo CIMI com a colaboração da comunidade local. Em 2016, iniciou-se o percurso de recuperação dos cantares pelo Grupo de Cantares de Lazarim que, em 2019, deu fruto à apresentação do álbum “Cantares das Janeiras e dos Reis” no Centro Interpretativo da Máscara Ibérica. Como forma de dar continuidade à preservação e divulgação desta tradição de Lazarim, propõe-se realizar no dia 15 de janeiro, por volta das 15h00, no CIMI, uma nova atuação do Grupo de Cantares de Lazarim, com o cantar das Janeiras e a apresentação de um conjunto de novas recolhas de canções tradicionais de Lazarim. No fim da atuação, a comunidade reuniu-se no CIMI para um lanche.

- **“Entrudo no CIMI”** – Nas manhãs de sábado, domingo, segunda e terça do Entrudo, o CIMI teve disponíveis um conjunto de atividades educativas para os visitantes. No auditório, foram projetados alguns vídeos alusivos ao Entrudo.

- **Atuação do Grupo de Cantares de Lazarim com a “Encomendação das Almas” na Igreja Paroquial de Lazarim** - Como forma de continuar a preservar esta tradição, o Grupo de Cantares de Lazarim que apresentou os cânticos da Encomendação das Almas na Igreja Paroquial de Lazarim. Tendo em conta que o Património é a essência de um local e indissociável da sua identidade e, visto que o CIMI tem um papel fulcral na preservação e divulgação das várias tradições culturais, é de grande importância manter uma proximidade com a comunidade envolvente.

- **Dia Internacional dos Monumentos e sítios** - Para assinalar este dia, além de visitarem as exposições, os visitantes tiveram a oportunidade de serem acompanhados até ao local onde se encontram Amieiros (árvore utilizada pelos artesãos para a elaboração das Máscaras de Lazarim).

- **Dia do Pai no CIMI** – Neste dia todas as crianças e jovens que visitaram o CIMI, tiveram de realizar algumas atividades educativas alusivas ao Dia do Pai.

- **Dia da Mãe no CIMI** - Neste dia todas as crianças e jovens que visitaram o CIMI, tiveram de realizar algumas atividades educativas alusivas ao Dia da Mãe.

- **Dia Internacional dos Museus “Museus, Sustentabilidade e Bem-Estar”** Para assinalar este dia, realizam-se visitas acompanhadas às exposições e projetaram-se alguns vídeos relacionados com o Entrudo de Lazarim. Os visitantes foram também convidados a fazer uma pequena caminhada até aos Amieiros e desfrute de lindas paisagens.

- **Conferências “Máscara Identidade de uma Comunidade”** - O CIMI - Centro Interpretativo da Máscara Ibérica abriu as portas para dois dias de partilha de conhecimento e tradições, através as Conferências CIMI com base no tema “Máscara Identidade de uma Comunidade”. O encontro multidisciplinar pretendeu dar a conhecer, e colocar em debate, algumas das singularidades do saber fazer das tradicionais máscaras de Lazarim, que caracterizam um dos entrudos mais genuínos do país.

- **Férias de Verão no CIMI** – entre os meses de junho e setembro, o CIMI teve disponíveis algumas atividades educativas para o ATL de Verão e público em geral. Num dos dias, o CIMI foi palco de uma oficina de Teatro organizada pelo Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim. Com esta Oficina de Teatro e em conjunto com atividades educativas do CIMI, pretendeu-se proporcionar uma experiência lúdica e criativa onde se trabalhou a imaginação a partir da exploração de objetos, do corpo, do espaço, do som, e do texto, com a finalidade de uma apresentação de uma pequena peça.

- **Procissão de S. Martinho - Reconstituição etnográfica** - o CIMI em conjunto com a comunidade e em parceria com o Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim, voltou a realizar esta tradição profana da Vila de Lazarim. A recuperação desta tradição faz parte da atividade “Lazarim, povoados, arquitetura e as suas gentes” que começou a ser desenvolvida pelo CIMI em 2017, visando o registo, recuperação e salvaguarda do património material e imaterial. Tendo em conta que o Património é a essência de um local e indissociável da sua identidade e, visto que o CIMI tem um papel fulcral na preservação e divulgação das várias tradições culturais, é de grande importância dar continuidade a esta “herança cultural” de Lazarim, contribuindo assim para uma maior proximidade com a comunidade envolvente. No final da procissão, a comunidade reuniu-se nas instalações do CIMI para celebrar o Magusto.

Atividades/eventos em 2024

- **Comemoração do Dia Mundial do Artesão** - O CIMI é um espaço cultural, social e educativo que, através de um conjunto de atividades/ações, facilita a partilha de conhecimentos e incentiva a criação de hábitos culturais. Um dos objetivos do Plano de Atividades para 2024 do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, é assegurar a promoção de eventos que marcam o calendário cultural nacional e internacional, procurando desta forma contribuir para a fidelização e captação de diversos públicos. Neste sentido, comemorou-se o Dia Mundial do Artesão, no dia 24 de março. Neste dia, realizou-se um encontro de artesãos de máscaras de Lazarim no CIMI, na oficina do CIMI realizou-se um pequeno convívio com um lanche. Neste encontro, os artesãos, fizeram um workshop e falaram da sua experiência enquanto artesãos. Este tipo de ações, para além de incentivarem a visita ao equipamento, têm também como objetivo manter uma proximidade com os artesãos de máscaras de Lazarim.

- **Dia Mundial da Árvore** – neste dia, os visitantes foram convidados a fazer uma caminhada até ao local onde se encontram os Amieiros,

- Atuação do Grupo de Cantares de Lazarim com a “Encomendação das Almas” pelas ruas principais de Lazarim - O Centro Interpretativo da Máscara Ibérica tem um papel fulcral na preservação e divulgação das várias tradições culturais. Ao longo destes anos, tem mantido o contacto com a comunidade de Lazarim contribuindo no registo, recuperação e salvaguarda do património existente. A Encomendação das Almas ou o Cantar das Almas, é um dos mais antigos rituais da religião popular característico da Quaresma. Em Lazarim, este ritual foi recuperado em 2018 e, desde então, é celebrado com o Grupo de Cantares de Lazarim. Como forma de continuar a preservar esta tradição, dia 24 de março de 2024, o Grupo de Cantares de Lazarim, percorreu os pontos centrais desta tradição: Valverde, Vila e Padrão. Tendo em conta que o CIMI nasceu com o intuito de ser uma referência na valorização do património cultural e, de acordo, com o Plano Anual de Atividades de 2024, deu-se continuidade à contribuição na preservação desta tradição, colaborando na sua divulgação, através de cartazes e partilhas nas redes sociais do Município.

- Dia Mundial do Teatro no CIMI - O Centro Interpretativo da Máscara Ibérica é um espaço cultural, social e educativo que, através de um conjunto de atividades/ações, facilita a partilha de conhecimentos e incentiva a criação de hábitos culturais. Um dos objetivos do Plano de Atividades para 2024 do Centro Interpretativo da Máscara Ibérica, é assegurar a promoção de eventos que marcam o calendário cultural nacional e internacional, procurando desta forma contribuir para a fidelização e captação de diversos públicos. Neste sentido, comemorou-se o Dia Mundial do Teatro em parceria com o Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim. Neste dia realizaram-se duas atividades: uma oficina de teatro orientada por um membro do Grupo de Teatro Aldeia Verde de Lazarim; jogo “caça às máscaras de Lazarim e aos ovos da Páscoa”, uma atividade que faz parte do programa educativo do CIMI. Esta atividade foi dirigida a crianças e jovens que se encontram no período de férias da Páscoa. Este tipo de ações, para além de incentivarem a visita ao CIMI, têm também como objetivo aproximar os mais jovens à Cultura e manter

a parceria com o Grupo de Teatro Aldeia Verde nas mais diversas atividades desenvolvidas.

- Dia Internacional dos Monumentos e Sítios – Durante a manhã, as crianças tiveram a oportunidade de visitar as exposições do CIMI e realizar atividades organizadas em conjunto com o SIM Educação da Câmara Municipal de Lamego. A visita também contou com a presença de um artesão de máscaras, que falou da sua experiência enquanto artesão e também acabou por acompanhar as crianças numa caminhada até ao local onde se encontram os Amieiros. As crianças foram presenteadas com a presença de um Careto de Lazarim.

- Dia Internacional dos Museus – Parceria Vaagos studio – “Açores ao Centro”, um intercâmbio cultural que uniu duas regiões: os Açores e o Centro de Portugal Continental. Esculpida e desenhada numa simbiose de matérias-primas (madeira de Amieiro e Critptoméria) esta criação conjunta identifica-se como icónica, orgânica e metafórica, além de espelhar as singularidades e contrastes de cada região.

Para celebrar o Dia Internacional dos Museus e o Dia dos Açores, realizou-se uma oficina durante a manhã, e à tarde o projeto foi apresentado pelas mãos do mestre Adão Almeida (Lazarim) e os arquitetos Carolina Medeiros e Rodrigo Ourique do projeto “subtilazores” (S. Miguel - Açores).

Anexo 3 – Regulamento de Funcionamento dos Equipamentos Culturais do Município de Lamego



MUNICÍPIO DE LAMEGO

Regulamento n.º 246/2024

Sumário: Aprovação do Regulamento de Funcionamento dos Equipamentos Culturais do Município de Lamego (Castelo e Cisterna; Núcleo Arqueológico; Casa dos Figos (Casa do Artista); Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI)).

Aprovação do Regulamento de funcionamento dos equipamentos culturais

(Castelo e Cisterna; Núcleo Arqueológico; Casa dos Figos (Casa do Artista);
Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI))

Francisco Manuel Lopes, Presidente da Câmara Municipal de Lamego, torna público que o projeto de regulamento referido em título, foi aprovado em reunião de Câmara realizada no dia 05/12/2023.

Assim, nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 100.º e 101.º do Código de Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro, submete-se o presente projeto de regulamento a audiência de interessados e consulta pública, através de publicação no *Diário da República*, para recolha de sugestões, por um prazo de trinta dias, contados a partir da data da presente publicação.

8 de fevereiro de 2024. — O Presidente da Câmara Municipal, *Francisco Manuel Lopes*.

Regulamento de Funcionamento dos Equipamentos Culturais

(Castelo e Cisterna Núcleo Arqueológico; Casa dos Figos (Casa do Artista);
Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI))

Nota Justificativa

O Município tem assumido um papel preponderante no acesso e disponibilização de cultura ao promover um conjunto de iniciativas e um diversificado leque de políticas e atividades culturais.

Os espaços culturais e artísticos têm-se multiplicado e com eles a necessidade de regulamentar a disponibilização, a todos os munícipes e demais cidadãos, de serviços culturais diversificados, pelo que as instalações, onde eles se encontram inseridos, constituem espaços privilegiados para a prossecução das mais variadas atividades.

No sentido de garantir a correta e racional utilização das instalações culturais do Município, bem como o acesso aos serviços nelas disponibilizados, torna-se necessário definir um conjunto de regras e princípios que devem reger a sua utilização.

Partindo dessa premissa é elaborado o Regulamento dos Equipamentos Culturais:

Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI);
Castelo e Cisterna;
Núcleo Arqueológico da Porta dos Figos;
Casa do Artista;

cujo objeto e âmbito de aplicação incide sobre todas as instalações culturais existentes e todas as que venham a ser construídas ou adquiridas.

CAPÍTULO I
Disposições gerais

Artigo 1.º

Lei Habilitante

O presente Regulamento é elaborado ao abrigo do n.º 7 do artigo 112.º e artigo 241.º ambos da Constituição da República Portuguesa, nos termos do disposto no artigo 23.º, n.º 2, alínea e),



do artigo 25.º, n.º 1, alínea g) e n.º 2, alínea k) e ainda do artigo 33.º, n.º 1, alínea k) todos da Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro.

Artigo 2.º

Objeto

O presente regulamento estabelece as normas gerais de funcionamento e condições de utilização dos Equipamentos Culturais, dirigindo-se a todos os seus utilizadores.

Artigo 3.º

Gestão

Os equipamentos municipais referidos no artigo anterior são geridos e administrados pela Câmara Municipal, salvo nos casos de concessão a outra entidade pública ou privada.

Artigo 4.º

Horário

O horário de funcionamento de cada instalação será aprovado pelo Presidente da Câmara Municipal, podendo ser ajustado em função das épocas do ano, das necessidades dos utentes e dos meios humanos e materiais disponíveis.

Artigo 5.º

Cedências

As cedências dos auditórios e de outros espaços existentes nas instalações culturais, nomeadamente das salas expositivas e auditórios, encontram-se discriminadas e regidas pelas normas dispostas nos capítulos que respeitam a cada um desses espaços.

Artigo 6.º

Visitas dos Espaços

1 — A visita dos espaços municipais, objeto do presente regulamento, é realizada com cobrança de bilhete podendo ser de livre acesso se a entidade administrativa (Município) assim o determinar e mediante pedido prévio, condicionada aos horários, presença de funcionário e inexistência de atividades a decorrer na ocasião.

2 — As visitas guiadas deverão ser requeridas previamente, por escrito, à Divisão de Cultura e Património, a fim de os respetivos serviços organizarem o espaço para receção da visita.

Artigo 7.º

Interdições

1 — Não é permitido:

- a) Fumar;
- b) Comer ou beber, exceto em atividades específicas organizadas pela Autarquia ou em outras, por elas previamente autorizadas;
- c) A prática de quaisquer atos que perturbem o normal funcionamento das instalações.

2 — O utente que, depois de avisado pelos funcionários, não cumprir com a disposição atrás referida, será convidado a abandonar as instalações.



Artigo 8.º

Aceitação prévia

A utilização das instalações Culturais por utilizadores, organizadores de eventos, artistas e outros utentes, implica a aceitação prévia das disposições constantes neste Regulamento.

CAPÍTULO II

Cedências e alugueres dos auditórios e salas polivalentes

Artigo 9.º

Cedência

1 — Sem prejuízo das atividades promovidas pelo Município e do funcionamento dos serviços, os auditórios e as salas de caráter formativo podem ser cedidas a título gratuito ou mediante o pagamento de um preço.

2 — As instalações poderão ser cedidas a título gratuito sempre que as atividades a desenvolver sejam promovidas por escolas públicas, associações e coletividades sem fins lucrativos, sediadas no Concelho de Lamego ou ainda aquelas que com a sua utilização visem efetuar algum lucro em prol de uma entidade com causa social.

3 — As cedências referidas no ponto anterior são decididas pelo Presidente da Câmara Municipal de Lamego ou por quem este delegar.

4 — Os pedidos das instalações devem ser dirigidos por escrito ao Presidente da Câmara Municipal, até 30 dias antes da data pretendida, para os auditórios e 90 dias, para as salas de formação.

5 — O Presidente da Câmara Municipal reserva-se o direito de julgar da urgência de casos especiais, desde que devidamente fundamentados.

6 — Os pedidos deverão vir acompanhados dos seguintes dados:

Sala expositivas:

- a) Objetivo da cedência com descrição sumária e programa resumido;
- b) Destinatários;
- c) Número máximo de inscrições/participantes;
- d) Horários pretendidos;
- e) Recursos Materiais necessários.

Auditórios:

- a) Identificação da entidade proponente:

Auditórios:

- a) Identificação da entidade proponente;
- b) Indicação dos fins sociais (lucrativos ou não lucrativos);
- c) Fim a que se destina a cedência;
- d) Dias e horários pretendidos, devendo especificar os horários para a montagem, desmontagem e ensaios, bem como o horário do evento;

7 — Apresentar os elementos previstos no n.º 1 do artigo 36.º, do presente regulamento.

Artigo 10.º

Preços

1 — Os valores a cobrar aos utilizadores constam da tabela anexa a este regulamento.



2 — O montante devido deverá ser pago na Tesouraria da Câmara Municipal mediante guia emitida pelo serviço competente ou por transferência bancária (NIB a ser indicado no ofício de autorização de cedência), consoante se trate de uma das seguintes situações:

Salas expositivas:

- a) Até último dia útil de cada mês, quando se tratar de uma cedência com duração superior a um mês;
- b) Até ao dia útil imediatamente anterior à utilização da sala, no caso de se tratar de uma cedência com duração inferior a um mês.

Auditórios:

- a) Até ao dia útil imediatamente anterior ao da realização do evento.

Artigo 11.º

Comunicação da autorização de cedência

A autorização de utilização das instalações é comunicada, por escrito, aos interessados com indicação das condições acordadas.

Artigo 12.º

Licenças

1 — À exceção de colóquios, seminários, ações de formação ou eventos similares e que não incluam momentos de carácter artístico (musical, literário ou cénico), todas as restantes entidades utilizadoras do espaço devem requerer licença de representação ou de espetáculos ocasionais, no mínimo 2 semanas antes da utilização do espaço.

2 — As licenças referidas no ponto n.º 1 são requeridas no balcão de atendimento dos Paços do Município, sendo que os modelos das mesmas podem ser impressos em triplicado a partir do site da Inspeção-geral das Atividades Culturais (IGAC) <https://www.igac.gov.pt>

3 — Para obtenção das referidas licenças, os requerentes deverão vir munidos da licença da Sociedade Portuguesa de Autores ou de declaração emitida pelos mesmos, quando não há lugar a pagamento de Direitos de Autor.

Artigo 13.º

Cancelamento da autorização de cedência

1 — A autorização de cedência será cancelada quando se verificarem as seguintes situações:

- a) Não pagamento da taxa nos prazos fixados;
- b) Utilização para fins diversos daqueles para que foi concedida;
- c) Utilização por entidades ou utilizadores estranhos aos que foram autorizados.

Artigo 14.º

Instalação de equipamentos

1 — Caso haja necessidade de instalar equipamentos de comunicação, projeção, reprografia ou outros que não existam nos Auditórios, proceder-se-á, à instalação dos mesmos, sendo as despesas de alugar e/ou outras da responsabilidade das entidades utilizadoras.

2 — É aplicável o mesmo princípio aquando da contratação dos serviços de tradutores.



Artigo 15.º

Requisição dos auditórios

A título excepcional, para o exercício de atividades que não possam, sem grave prejuízo, ter lugar noutra ocasião e noutra local, a Câmara Municipal pode requisitar os Auditórios, mediante comunicação atempada.

CAPÍTULO III

Residências artísticas

Casa dos Figos (Casa do Artista)
Centro Interpretativo da Máscara Ibérica (CIMI)

Artigo 16.º

Objeto

1 — Os espaços mencionados destinam-se ao funcionamento de serviços culturais específicos, nomeadamente Residências Artísticas.

2 — Nestes espaços são realizadas atividades de índole artística, individuais ou coletivas, bem como qualquer outro género de iniciativas com carácter pedagógico e educativo.

Artigo 17.º

Requisitos

1 — Os interessados em realizar Residências Artísticas, deverá enviar um pedido por escrito, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal, devendo este ser acompanhado de portfólio e *curriculum vitae* artístico.

Artigo 18.º

Seleção

1 — Entre outubro e novembro de cada ano, proceder-se-á à seleção das propostas apresentadas.

2 — Até ao final do mês de dezembro, os artistas serão informados quanto à decisão tomada.

Artigo 19.º

Condições

- 1 — Os Residentes obrigam-se a tratar as Residências com os cuidados necessários à sua conservação e Preservação não podendo ser utilizadas para outros fins que aqueles que serviram de base à sua candidatura e posterior aceitação;
- 2 — O Residente obriga-se a deixar as Residência nas mesmas condições que a encontrou decorrendo da sua responsabilidade todos os danos por si causados.
- 3 — No final da Residência, o Residente deve deixar a mesma sem qualquer tipo de produto perecível em frigorífico e armários.
- 4 — É expressamente proibido a locação de pessoas estranhas à Residência e ao projeto previamente aprovado.
- 5 — Nas Residências Artísticas individuais e coletivas, o Residente obriga-se a entregar à Autarquia, um dos trabalhos resultantes dessa Residência (caso seja materialmente viável) para integração na coleção de Arte Municipal.



6 — Este trabalho será escolhido no dia da montagem da exposição ou da sua inauguração, sendo colocada uma indicação.

7 — No caso de venda de trabalhos, a transação é efetuada diretamente entre o expositor e o comprador.

8 — Os trabalhos poderão ser livremente vendidos ou reservados pelo artista, sendo que serão devidamente sinalizadas quanto tal facto ocorra.

9 — As obras não poderão ser retiradas antes do término da exposição.

Artigo 20.º

Período de realização

O período de realização das Residências Artísticas é anualmente definido aquando da elaboração do Plano de Atividades para as instalações.

O período de realização das residências artísticas e anualmente definido aquando da elaboração do Plano de Atividades para as instalações.

Artigo 21.º

Montagem e Desmontagem

1 — A montagem e desmontagem das exposições, resultantes das Residências Artísticas, são efetuadas seguindo a orientação e a coordenação dos serviços competentes da Câmara Municipal de Lamego, acompanhada pelo expositor, desde que estas estejam de acordo com o regulamento em vigor.

2 — As obras devem reunir as condições necessárias para serem expostas, nomeadamente ao nível da boa conservação das peças e de suportes para afixação.

3 — A Câmara Municipal declina quaisquer responsabilidades caso não seja cumprido o disposto no artigo anterior.

4 — A desmontagem da exposição deverá ser efetuada, pelo expositor, até 48 horas no máximo após término da mesma. Findo este prazo, a Câmara Municipal declina quaisquer responsabilidades por danos ou prejuízos.

5 — A montagem e desmontagem devem realizar-se dentro do horário normal de funcionamento dos serviços.

Artigo 22.º

Encargos

1 — O transporte das peças é da responsabilidade dos Residentes/expositor, sendo que, em casos excecionais, a Autarquia poderá efetuar o transporte com os seus próprios meios.

2 — O seguro das obras a constar em exposição é da responsabilidade do expositor, sendo optativa a sua realização.

Artigo 23.º

Divulgação

1 — A execução de material de divulgação, tais como cartazes, convites, dípticos, *mailing*, entre outros, é da responsabilidade da Câmara Municipal.

2 — Os elementos para elaboração deste material, serão solicitados aquando da confirmação, por escrito, da exposição a realizar, devendo o expositor enviá-los, impreterivelmente, dentro do prazo indicado.

3 — A não entrega dos elementos solicitados, dentro do prazo indicado, implica que a Câmara Municipal não se responsabilize pela divulgação.

4 — A lista dos elementos a apresentar é a seguinte:

- a) Preenchimento da Ficha que é enviada juntamente com o ofício de confirmação;
- b) Duas a três fotografias das obras que irão ser expostas;

- c) Título da Exposição;
- d) Nota curricular resumida;
- e) Pequeno texto introdutório sobre a exposição;
- f) Lista de endereços postais e/ou endereços eletrónicos.
- g) A entrega dos elementos deverá ser, de preferência, em formato digital, sendo que os elementos referidos na alínea b), após digitalização, deverão ter uma boa qualidade de resolução, no mínimo 300 dpi's.

Artigo 24.º

Sanções

Os Residentes serão responsáveis pelos danos ou prejuízos que causarem aos espaços que lhes são cedidos.

CAPÍTULO IV

Salas expositivas

Artigo 25.º

Objeto

As Salas Expositivas estão orientadas para acolher exposições de caráter temporário, coletivo ou individual e de diferentes expressões artísticas, bem como exposições sobre o património, bibliográficas, documentais ou ainda de outras temáticas.

Artigo 26.º

Requisitos

1 — O expositor, interessado em realizar uma exposição, deverá enviar um pedido por escrito, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal, devendo este ser acompanhado de portfólio e *curriculum vitae* artístico.

Artigo 27.º

Seleção

1 — O expositor, interessado em realizar uma exposição, deverá enviar um pedido por escrito, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal, devendo este ser acompanhado de portfólio e *curriculum vitae* artístico.

Artigo 27.º

Seleção

- 1 — Entre outubro e novembro de cada ano, proceder-se-á à seleção das propostas apresentadas.
- 2 — Até ao final do mês de dezembro, os artistas serão informados quanto à decisão tomada.

Artigo 28.º

Condições

- 1 — Nas exposições individuais e coletivas, o expositor obriga-se a entregar à Autarquia, um dos trabalhos expostos para integração na coleção de Arte Municipal.
- 2 — Este trabalho será escolhido no dia da montagem da exposição ou da sua inauguração, sendo colocada uma indicação.
- 3 — No caso de venda de trabalhos, a transação é efetuada diretamente entre o expositor e o comprador.
- 4 — As obras expostas poderão ser livremente vendidas ou reservadas pelo artista, sendo que serão devidamente sinalizadas quanto tal facto ocorra.
- 5 — As obras não poderão ser retiradas antes do término da exposição.

Artigo 29.º

Período de realização

O período de realização de exposições é anualmente definido aquando da elaboração do Plano de Atividades para as instalações.

Artigo 30.º

Montagem e Desmontagem

- 1 — A montagem e desmontagem das exposições são efetuadas seguindo a orientação e a coordenação dos serviços competentes da Câmara Municipal de Lamego, acompanhada pelo expositor, desde que estas estejam de acordo com o regulamento em vigor.
- 2 — As obras devem reunir as condições necessárias para serem expostas, nomeadamente ao nível da boa conservação das peças e de suportes para afixação.
- 3 — A Câmara Municipal declina quaisquer responsabilidades caso não seja cumprido o disposto no artigo anterior.
- 4 — A desmontagem da exposição deverá ser efetuada, pelo expositor, até 48 horas no máximo após término da mesma. Findo este prazo, a Câmara Municipal declina quaisquer responsabilidades por danos ou prejuízos.
- 5 — A montagem e desmontagem devem realizar-se dentro do horário normal de funcionamento dos serviços.

Artigo 31.º

Encargos

- 1 — O transporte das peças é da responsabilidade do expositor, sendo que, em casos excecionais, a Autarquia poderá efetuar o transporte com os seus próprios meios.
- 2 — O seguro das obras a constar em exposição é da responsabilidade do expositor, sendo optativa a sua realização.

Artigo 32.º

Divulgação

- 1 — A execução de material de divulgação, tais como cartazes, convites, dípticos, *mailing*, entre outros, é da responsabilidade da Câmara Municipal.
- 2 — Os elementos para elaboração deste material, serão solicitados aquando da confirmação, por escrito, da exposição a realizar, devendo o expositor enviá-los, impreterivelmente, dentro do prazo indicado.
- 3 — A não entrega dos elementos solicitados, dentro do prazo indicado, implica que a Câmara Municipal não se responsabilize pela divulgação.
- 4 — A lista dos elementos a apresentar é a seguinte:
 - a) Preenchimento da Ficha que é enviada juntamente com o ofício de confirmação;
 - b) Duas a três fotografias das obras que irão ser expostas;
 - c) Título da Exposição;

- a) Preenchimento da Ficha que é enviada juntamente com o ofício de confirmação;
- b) Duas a três fotografias das obras que irão ser expostas;
- c) Título da Exposição;
- d) Nota curricular resumida;
- e) Pequeno texto introdutório sobre a exposição;
- f) Lista de endereços postais e/ ou endereços eletrónicos.
- g) A entrega dos elementos deverá ser, de preferência, em formato digital, sendo que os elementos referidos na alínea b), após digitalização, deverão ter uma boa qualidade de resolução, no mínimo 300 dpi's.



Artigo 33.º

Sanções

Os expositores serão responsáveis pelos danos ou prejuízos que causarem aos espaços que lhes são cedidos.

CAPÍTULO V

Realização de espetáculos e outros eventos culturais

Artigo 34.º

Realização de espetáculos e outros eventos culturais

1 — Alguns destes equipamentos Culturais (Castelo, Auditório do CIMI e Auditório do Núcleo Arqueológico) poderão receber a realização de espetáculos e outros eventos. Para assegurar a normal e correta realização de qualquer espetáculo ou outra iniciativa, é obrigatória a apresentação prévia dos seguintes elementos:

- a) Esquemas técnicos de luz e som;
- b) Esquemas técnicos de palco (colocação de pessoas, aparelhos, adereços, etc.);
- c) Indicações acerca dos cenários (características gerais, dimensões, articulação com a mecâ-

- d) Lista de necessidades específicas nos camarins e bastidores;
- e) Lista de outros requisitos técnicos ou de outra ordem;
- f) Alinhamento do programa específico;
- g) Indicação do número de intervenientes: artistas, técnicos, outros;

2 — Para os espetáculos e iniciativas promovidos pelo Município, a estes acrescem:

- a) Elementos para a edição de materiais gráficos nomeadamente textos, fotografias, programas específicos, etc.;
- b) Elementos necessários ao processamento contratual, nomeadamente folha de situação contributiva, remetida pela Câmara Municipal, aquando do envio de fax ou ofício, a confirmarmos a realização do espetáculo.

Artigo 35.º

Montagem e ensaios

1 — As datas e horários, de montagem ou ensaios para qualquer espetáculo e iniciativa, são estabelecidos com a antecedência necessária em função do tipo e características dos mesmos, de modo a elaborar o respetivo calendário, assim como reunir as indispensáveis condições.

2 — Os intervenientes nos espetáculos ou outras iniciativas obrigam-se a, sempre que for considerado imprescindível, acompanhar e participar no processo de montagem, em colaboração com os técnicos responsáveis desses equipamentos culturais.

Artigo 36.º

Utilização do espaço, meios e equipamentos técnico — materiais

1 — Todos os meios de equipamento técnico — materiais são geridos e supervisionados pelos respetivos técnicos, cabendo a estes a responsabilidade pela sua utilização.

2 — Sempre que for considerado conveniente e necessário, os técnicos dos artistas ou dos organizadores de outras iniciativas podem, em colaboração com os técnicos municipais, utilizar os meios e equipamentos técnico — materiais, nas várias fases de preparação e concretização.



3 — Não é permitido:

- a) A utilização de qualquer meio técnico, equipamento, aparelho, instrumento, para outro fim que não aquele a que está destinado;
- b) A modificação dos espaços para outras funções diferentes daquelas para as quais foram concebidos, podendo a sua utilização ser objeto de apreciação.

4 — Os utilizadores obrigam-se a respeitar as indicações dos técnicos quanto à segurança e quanto à proteção dos aparelhos e cablagens dos sistemas de som, luz e elétrico em geral.

5 — A fim de garantir as necessárias condições de trabalho e segurança de pessoas e equipamentos, o acesso a zonas técnicas está reservado exclusivamente aos técnicos que ali trabalham.

6 — Os utilizadores obrigam-se a manter em bom estado de conservação os equipamentos e materiais instalados.

7 — Em caso de dano ou perda de qualquer equipamento e material instalado, no todo ou em parte, a questão da reposição ou pagamento devido, será apreciada e resolvida entre a Autarquia e os responsáveis pelo ato.

Artigo 37.º

Horários de funcionamento

1 — Os utilizadores, intervenientes em espetáculos e outras iniciativas, obrigam-se a respeitar os horários de funcionamento estabelecidos.

2 — Qualquer alteração de horários justificada por necessidades intrínsecas do espetáculo ou iniciativa deve ser previamente apreciada e combinada de modo a não prejudicar o funcionamento geral e a obrigação de cumprir os horários previamente divulgados e de que o público tomou conhecimento.

Artigo 38.º

Acesso a áreas reservadas

1 — Antes, durante e após os espetáculos não é permitida a entrada nas zonas de acesso reservado, a pessoas que não estejam diretamente relacionadas com os eventos.

2 — Durante o decorrer de Congressos, Conferências, Simpósios e Encontros, a entrada nas zonas de acesso reservado e outras está condicionada pelo esquema de circulação estabelecido entre os serviços competentes e as entidades utilizadoras.

Artigo 39.º

Exposição e Venda

1 — As Lojas/Receção dos Equipamentos Culturais destinam-se, preferencialmente, à exposição e venda de artigos múltiplos de conceção e produção própria bem podendo contudo vender outros que assim considere, direcionados para a promoção das suas atividades ou constituídos em objetos da mesma.

2 — O espaço das Lojas/Receção são suscetíveis de outras utilizações integradas nas atividades correntes destes Equipamentos, em que se incluem, nomeadamente, exposições e ações de animação cultural.

CAPÍTULO VI
Disposições finais
Artigo 40.º
Dúvidas e Omissões

Compete ao Presidente da Câmara Municipal de Lamego resolver as dúvidas e omissões na execução do presente Regulamento.



Diário da República, 2.ª série

PARTE H

N.º 43

29 de fevereiro de 2024

Pág. 218

Artigo 41.º

Revogação

Este regulamento revoga todos os anteriormente publicados, bem como despachos relativos às matérias dispostas no presente documento.

Artigo 42.º

Entrada em Vigor

O presente regulamento entra em vigor no primeiro dia útil seguinte ao da sua publicação no *Diário da República*.

Tabela de preços

Auditórios

Auditório do CIMI e Auditório do Núcleo Arqueológico da Porta dos Figos

Dias úteis:

10h00/18h00 — 10,00€ /hora;
18h00/24h00 — 20,00€ /hora;

Auditório do CIMI e Auditório do Núcleo Arqueológico da Porta dos Figos

Dias úteis:

10h00/18h00 — 10,00€ /hora;
18h00/24h00 — 20,00€ /hora;
Após as 24h00 — 50€/hora

Fins de Semana:

10h00/18h00 — 20,00€ /hora;
18h00/24h00 — 40,00€ /hora;
Após as 24h00 — 70,00€ /hora;

Bilhetes de acesso e visita Castelo e Cisterna:

Aquisição de bilhete individual: 4,00€

Núcleo Arqueológico Porta dos Figos

Aquisição de bilhete individual: 2,00€

CIMI (Centro Interpretativo da Máscara Ibérica)

Aquisição de bilhete individual: 2,00€

Bilhete Único (dá acesso a todos os equipamentos culturais do Município)

Aquisição de bilhete individual: 5,00€

Bilhete Família (mais de 2 pessoas, máximo 6 do mesmo agregado familiar)

Aquisição de bilhete Único: 12,00€

Aquisição de bilhete Castelo e Cisterna: 10,00€

Aquisição de bilhete Núcleo Arqueológico: 5,00€

Aquisição de bilhete CIMI: 5,00€

Bilhete Grupo (igual ou mais 10 pessoas até máximo de 20)

Aquisição de bilhetes Único: 30,00€

Aquisição de bilhete Castelo e Cisterna: 20,00€

Aquisição de bilhete Núcleo Arqueológico: 15,00€

317345643